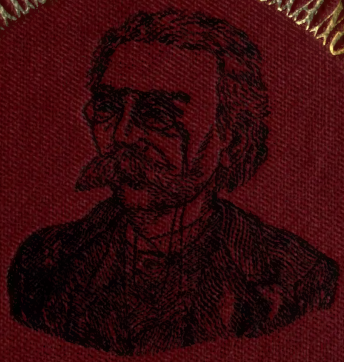
CAMILLO CASTELLO BRANCO



OBRAS

PARCERIA A. M. PEREIRA - EDITORA

RB169,914

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

OBRAS DE ... ANCO

Cada vol. br... 320

I Coisas esp... geitada. — IV. Doze cas... O bem e o mal. — VII... athema. — IX. A mulh... II. Correspondencia e... C. Branco. — XIII. Div... ndal. — XV. Duas hora... I e XIX. Novellas do M... II. Agulha em palheir... nnos de prosa. — XXV. ... Bruxa de Monte-Cordova... atro horas innocentes. ... a portuguez ... rico! — ... Estrellas propicias. — ... XXXIV. O demonio do ... filha do arcediago. — X... II. Delictos da Mocid... XL. Um homem de bric... naral. — XLII, XLIII e ... LVI. Livro negro de p... — XLIX. Duas épocas d... Lagrimas abençoadas. — ... Memorias do carcere. — ... cabeça e estomago. — LVII. O que fazem mulheres. — LVIII. O retrato de Ricardina — LVIX. O sangue. — LX. O santo da montanha. — LXI. Vingança — LXII. Vinte horas de liteira. — LXIII. A queda d'um anjo.—LXIV. Scenas da Foz. — LXV. Scenas contemporaneas. — LXVI. O Romance d'um rapaz pobre. — LXVII. Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado. — LXVIII. Noites de Lamego. — LXIX. — Scenas innocentes da comedia humana. — LXX e LXXI. Os Martyres. — LXXII. Um Livro. — LXXIII. A Sereia — LXXIV. Esboços de apreciações litterarias. — XXV. Cousas leves e pesadas

---

NOVA COLLECÇÃO PEREIRA

A 50 RÉIS O VOLUME BROCHADO

Pelo correio 60 réis

Ultimos volumes publicados

N.º 15 — **Dinheiro maldito (Polikouchka)**. costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi.
N.º 16 — **Vida phantastica**, por Mèry, 1 volume de 170 pag.
N.º 17 — **O padre Daniel**, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.
N.º 18 — **Um coração simples**, de Gustave Flaubert.
N.º 19 — **Yan**, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.
N.º 20 — **O tio Scipião**, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.
N.º 21 — **Diario de uma mulher**, de Octavio Feuillet.
N.º 22 — **O crime do juiz**, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.
N.º 23 — **A Inundação**, de Emilio Zola, 1 vol de 187 pag.
N.º 24 — **Os Rantzau**, de Erckman Chatrian, 1 vol. pag. de 200

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes de in-16.°, de 240 a 320 paginas

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados:

N.° 25 — **Sua Magestade o Amor**, por A. Belot.
N.° 26 — **Magdalena Férat**, por Emilio Zola.
N.° 27 — **Os Reis no exilio**, por A. Daudet.
N.° 28 — **Divida de odio**, por Jorge Ohnet.
N.° 29 — **Mentiras**, por Paul Bourget.
N.° 30 — **Marinheiro**, por Pierre Loti.
N.° 31 — **A montanha do Diabo**, por Eugenio Sue.
N.° 32 — **A Evangelista**, por A. Daudet.
* N.° 33 — **Aranha Vermelha**, por R. de Pont Jest.
N.os 34 e 35 — **Odio antigo**, por Jorge Ohnet.
N.° 36 — **Parisienses!... romance**, por H. Davenel.
N.° 37 — **Ao entardecer!... rom.**, por Iveling Ramband.
N.° 38 — **A confissão de Carolina**, romance.
N.° 39 — **Um casamento no mosteiro**, por Alfredo Assolland.
N.° 40 — **Os Parias**, original de Francisco da Rocha Martins
N.° 41 — **O abbade de Faviéres**, romance, por J. Ohnet.
N.° 42 — **A agonia de uma alma**, romance, por Ossip Fchubin.
N.° 43 — **Memorias d'um burro**, por Madame Ségur.
N.° 44 — **A nihilista**, por Catulle Mendés.
N.° 45 — **O grande Industrial**, por George Ohnet.
N.° 46 — **Morta d'amor**, por Albert Delpit.
N.° 47 — **João Sbogar**, por Carlos Nadier.
N.° 48 — **Viagem sentimental**, por Sterne.
N.° 49 — **O milhão do tio Raclot**, por Emile Richebourg.
N.° 50 — **A confissão de um rapaz do seculo**, por Musset.
N.° 51 — **O romance de um principe**, por Pierre de Lano.
N.° 52 — **O castello de Lourps**, por J. K. Huysmans.
N.° 53 — **Amor de Miss**, por J. Blain.
N.° 54 — **A sogra**, por Dubut de Laforest.
N.° 55 — **Colomba**, por Próspero Merimée.
N.° 56 — **Katia**, pelo Conde Leon Tolstoï.
N.° 57 — **Alma simples**, por Dostoiewsky.
N.° 58 — **Duplo amor**, por J. H. Rosny.
N.° 59 — **Contos fantasticos**, por Hoffmann.
N.° 60 — **A princeza Maria**, por Lermontoff, traducção de Alberto de Oliveira.
N.° 61 — **Rosa de maio**, por Armand Silvestre.
N.° 62 — **Manon Lescaut**, pelo Abbade Prevost.
N.° 63 — **O romance do homem amarello**, (costumes chinezes), pelo General Tcheng-Ki-Tong.
N.° 64 — **A dama das violetas**, (imitação), por F. Guimarães Fonseca.
N.os 65 e 66 — **Nemrod & C.ª**, por J. Ohnet, traducção de Luiz Cardoso.
N.° 67 — **Prisma de amor**, por Paul Bonhome.

Os vol. com este signal * estão esgotados mas vão ser reimpressos.

N.° 68 — **Historia d'uma mulher**, por Guy de Maupassant, traducção de Domingos Guimarães.
N.° 69 — **Educação sentimental**, por G. Flaubert, traducção de Arnaldo da Fonseca.

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUESA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viajens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel.
Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente encadernado em percalina.
Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada vol.

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados:

N.º 37 — **Obras primas**, por Chateaubriand.
N.º 38 — **O Exilado**, romance historico, por Mauricia C. de Figueiredo.
N.º 39 — **Poema da Mocidade**, por Pinheiro Chagas.
N.os 40 e 41 — **A vida em Lisboa**, por Julio Cesar Machado.
N.os 42 e 43 — **Espelho de Portuguêses**, por Alberto Pimentel.
N.º 44 — **A Fada d'Auteuil**, por Ponson du Terrail, traducção de Pinheiro Chagas.
N.º 45 — **A volta do Chiado**, por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).
N.º 46 — **Séca e Méca**, por Lino d'Assumpção.
N.º 47 — **Ninho de guincho**, por Alberto Pimentel
N.º 48 — **Vasco**, por Arthur Lobo d'Avila.
N.º 49 — **Leituras ao serão**, por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.
N.º 50 — **Luz coada por ferros**, por D. Anna Augusta Placido.
N.º 51 — **A flôr secca**, por M. Pinheiro Chagas.
N.º 52 — **Relampagos**, por Armando Ribeiro.
N.º 53 — **Historias Rusticas**, por Virgilio Varzea.
N.º 54 — **Figuras Humanas**, por Alberto Pimentel,
N.º 55 — **Dolorosa**, por Francisco Acebal, traducção de Caïel.
N.º 56 — **Memorias de um Fura-vidas**, por Alfredo Mesquita.
N.º 57 — **Dramas da Côrte**, por Alberto de Castro.
N.º 58 — **Os Mosqueteiros d'Africa**, por J. da S. Mendes Leal.
N.º 59 — **A divorciada**, por José Augusto Vieira.
N.º 60 — **Phototypias do Minho**, por José Augusto Vieira.
N.º 61 — **Insulares**, contos e historias, por Mendo Bem (Moniz de Bettencourt).
N.os 62 e 63 — **Historia da civilisação na Europa**, por Mr. Guizot, versão portugueza do Marquez de Sousa Holstein.
N.º 64 — **Triplice alliança**, romance, de Raul de Azevedo.
N.º 65 — **Retalhos de verdade**, por Caïel
N.º 66 — **A Pasta d'um Jornalista**, pelo Visconde de S. Boaventura.

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA EDITORA

E OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

LXXVII

THEATRO

II

VOLUMES PUBLICADOS

Eis os titulos dos ultimos volumes:

N.º 14 — A doida do Candal.
N.º 15 — Duas horas de leitura.
N.º 16 — Fanny.
N.ºs 17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
N.ºs 20 e 21 — Horas de paz.
N.º 22 — Agulha em palheiro.
N.º 23 — O olho de vidro.
N.º 24 — Annos de prosa.
N.º 25 — Os brilhantes do brasileiro.
N.º 26 — A bruxa do Monte-Cordova.
N.º 27 — Carlota Angela.
N.º 28 — Quatro horas innocentes.
N.º 29 — As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico!
N.º 30 — A filha do Doutor Negro.
N.º 31 — Estrellas propicias.
N.º 32 — A filha do regicida.
N.ºs 33 e 34 — O demonio do ouro.
N.º 35 — O regicida.
N.º 36 — A filha do arcediago.
N.º 37 — A neta do arcediago.
N.º 38 — Delictos da Mocidade.
N.º 39 — Onde está a felicidade.
N.º 40 — Um homem de brios.
N.º 41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
N.ºs 42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
N.ºs 45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
N.ºs 47 e 48 — O judeu.
N.º 49 — Duas épocas da vida.
N.º 50 — Estrellas funestas.
N.º 51 — Lagrimas abençoadas.
N.º 52 — Lucta de gigantes.
N.ºs 53 e 54 — Memorias do carcere.
N.º 55 — Mysterios de Fafe.
N.º 56 — Coração, cabeça e estomago.
N.º 57 — O que fazem mulheres.
N.º 58 — O retrato de Ricardina.
N.º 59 — O sangue.
N.º 60 — O santo da montanha.
N.º 61 — Vingança.
N.º 62 — Vinte horas de liteira.
N.º 63 — A queda d'um anjo.
N.º 64 — Scenas da Foz.
N.º 65 — Scenas contemporaneas.
N.º 66 — O romance d'um rapaz pobre.
N.º 67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
N.º 68 — Noites de Lamego.
N.º 69 — Scenas innocentes da comedia humana.
N.ºs 70 e 71 — Os Martyres.
N.º 72 — Um livro.
N.º 73 — A Sereia.
N.º 74 — Esboços de apreciações litterarias.
N.º 75 — Cousas leves e pesadas.
N.º 76 — Theatro: — I Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
N.º 77 — Theatro: — II. Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flores. — Purgatorio e Paraizo.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

THEATRO
II
POESIA OU DINHEIRO?

Drama em 2 actos

TERCEIRA EDIÇÃO

JUSTIÇA

Drama em 2 actos

QUINTA EDIÇÃO

ESPINHOS E FLORES

DRAMA ORIGINAL

QUARTA EDIÇÃO

PURGATORIO E PARAIZO

Drama em 3 actos

TERCEIRA EDIÇÃO

1908

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

Composto e impresso na Typographia
— DA —
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

DEDICATORIA

Minha verdadeira amiga

Henriqueta será um esboço d'aquella grande imagem que phantasiamos?

Ha n'esse typo o colorido de triste poesia que v. exc.ª lhe deu?

Decorei eu, por ventura, algumas das palavras que os seus labios proferiram n'um momento de dôr, expansivo em eloquentes queixumes contra o destino, sem responsabilisar a sociedade que faz os infelizes?

Se de tudo isso ha, no meu rapido trabalho, um pouco, esse pouco, offerta pobre, mas rica de tudo que tenho na alma, pertence a v. exc.ª.

Camillo Castello Branco

PERSONAGENS

D. HENRIQUETA.

D. SOPHIA.

BERNARDO RODRIGUES, marido de D. Sophia.

MANOEL ALVES, brazileiro.

JULIO CORREIA, litterato.

CARLOS DE MEIRELLES, irmão de Henriqueta.

UM CREADO.

POESIA OU DINHEIRO?

ACTO I

SCENA I

D. HENRIQUETA, *sentada a uma mesa, e acabando de escrever. Ergue-se com enthusiasmo, como revendo-se no que acaba de escrever.*

Henriqueta

E' a mais querida das minhas poesias!... Veio-me do coração, tão sentida, tão pura como a fragrancia de uma flôr... E' d'elle, é de Julio, consagrei-lh'a, ha-de passar-lhe dos meus labios aos seus, n'um beijo casto, abrasado... mas abrasado d'aquelle ardente fogo das vestaes...

SCENA II

HENRIQUETA *e* SOPHIA

Sophia, *fóra*

Henriqueta... permittes?

Henriqueta

Entra, menina. (*Beijam-se*). Vens tão linda!... Teu marido, não veio?

Sophia

E' ociosa a pergunta: meu marido não me acompanha nunca. E eu (*tirando o chapéo, que Henriqueta recebe*) sinceramente te digo que me não escandaliso muito

com a sua repugnancia em acompanhar-me. Agora foi elle a bordo do *Duque do Porto,* convidar um brazileiro, chegado no barco da carreira... Que importunos hospedes vou ter! dous brazileiros!... Não era bastante o Manoel Alves?

Henriqueta

Era!... que monstro de insipidez!... que selvágem de casaca!... E' triste cousa! Teu marido tem negação para adquirir relações dignas de ti!...

Sophia

De certo!... Obrigada a respirar uma atmosphera que não é a minha, parece que sinto enervar-se-me o coração á míngoa de alimento proprio. O meu ideal era o impalpavel, o que se não vê no mundo; e o ideal de meu marido é tudo que se vê, e que se palpa!... Não podemos sustentar o equilibrio de maneira nenhuma... Somos irreconciliaveis... Fallemos de ti... Que fazes, Henriqueta? Escreveste alguma nova delicia?

Henriqueta

Escrevi... agora mesmo, um improviso do coração...

Sophia

Lês?

Henriqueta

A ti, leio: leio porque me comprehendes, porque tens a chave dos segredos da minha alma, porque me animas a sahir da vida materialissima em que o nosso sexo desvirtua as mais bellas aspirações do coração de mulher... Não me achas hoje tão sensivel, tão Virginia, tão enternecida?

Sophia

Muito... és sempre uma inspirada... E's a Sapho mimosa dos nossos tempos... Recita...

Henriqueta, *recita*

Minha alma só se humilha
A' grandeza do talento,
Minha aspiração é filha
D'elevado pensamento.

Cá do mundo a magestade
Não fascina os olhos meus...
Julio, a par da Divindade,
Julio, só, depois de Deus.

Sou idolatra do genio,
Sei cuspir no ouro vil;
Que este mundo é vil proscenio
Onde a fronte ergue o reptil.

Mas do mundo a magestade
Não fascina os olhos meus...
Julio, a par da Divindade,
Julio, só, depois de Deus.

Sophia

Que linda!... repete, Henriqueta!

(*Carlos, sem ser presentido, está na sala ouvindo a poesia*).

SCENA III

Os mesmos e CARLOS

Carlos

Isso, em verso, é muito bonito; mas na vida real e prosaica perde todo o merecimento!

Henriqueta

Ai! o mano esteve ouvindo!... Não gosto de emboscadas...

Carlos, *apertando a mão de Sophia*

Minha cara senhora, como passou?

Sophia

Bem... Gostou da poesia de Henriqueta?

Carlos

Esta minha mana é uma grande poetisa: tem muito coração, mas a cabeça é muito pequena. Uma grande cabeça nunca faz disforme um bello corpo...

Henriqueta

Principia o mano com o seu estilo dogmatico... E' um prazer escutar as maximas judiciosas d'este grande extravagante... Diga lá, Carlos, repita a segunda parte do sermão que hontem principiou; mas não emprègue textos latinos, que eu não sei latim...

Sophia

Como estás ironica, Henriqueta!...

Carlos

Em compensação, vou ser muito serio...

Henriqueta

Pois sim, mano; mas dá-me licença que eu vá ao meu quarto? Vi entrar agora a minha costureira... Converse com Sophia, que eu volto já. (*Sahe*).

SCENA IV

CARLOS *e* SOPHIA

Carlos

Sophia, é necessario que me auxilies n'uma empreza difficultosa... Preciso hoje mais que nunca recorrer ao teu amor...

Sophia

Que queres de mim, Carlos?

Carlos

Um sacrificio das tuas idêas a respeito do casamento...

Sophia

Das minhas idêas?!

Carlos

Sim... Tu tens dito que é mil vezes desgraçada a mulher que se faz victima do ouro d'um homem que detesta...

Sophia

E direi sempre... O que eu tenho sido para ti, Carlos, é uma prova de que é muitas vezes um casamento forçado que despenha uma mulher da sua dignidade...

Carlos

Pois, sim, concordemos em these: mas se descermos á realidade da vida, verás que a pobreza é o supremo dos infortunios... As tuas theorias são excellentes n'um romance, n'uma comedia, mas falham completamente no uso social. Minha irmã aprendeu de ti essa louca independencia do talento, como ella lhe chama. Quem lhe tem divinisado o orgulho és tu... Quem lhe applaude a inconveniente paixão que ella tem por Julio és tu...

Sophia

Eu?!

Carlos

Sim, tu, com as tuas vaporosas idealidades, com as tuas lamurias piegas sobre a sorte que te destinou um marido material... E' preciso que tu destruas o mal que tens feito...

Sophia

De que modo?

Carlos

Capacitando-a de que deve casar-se com o brazileiro, teu hospede...

Sophia

Isso nunca, porque a amo muito a ella por amor de ti, e não a quero vêr desgraçada como me vejo.

Carlos

E' por amor de mim que a amas a ella, Sophia?

Sophia

E'... duvidas?

Carlos

Duvido, se m'o não provas d'uma maneira, que me salve, augmentando o direito que tens á minha gratidão... Escuta-me e depressa, antes que ella venha. Eu estou arruinado. A minha legitima consumi-a em prodigalidades. A legitima de Henriqueta foi envolvida na minha. A decencia que sustento é uma hypocrisia: tenho-me valido de expedientes astuciosos, que serão brevemente descobertos, e eu deshonrado para sempre.

Sophia

Santo Deus!

Carlos

Queres a deshonra do homem que amas, Sophia?

Sophia

Não, não, antes a minha morte, se com a vida não posso salvar-te...

Carlos

Comprehendeste-me!... E' preciso que convenças minha irmã de que deve casar-se com Manoel Alves... Esse grande sacrificio do teu amor, Sophia... Ella ahi vem...

SCENA V

Os mesmos e HENRIQUETA

Henriqueta, *com um vestido de seda na mão*

Ora vê tu que desapontamento! Esperava este vestido para o theatro d'hoje, e trazem-m'o com a cintura aqui em cima! A minha vontade era rasgal-o... (*Torna para dentro da scena, arremessando-o*). Pegue lá... Diga á sua mestra que as minhas creadas vestem com mais elegancia. (*Vem sentar-se, e pega n'um livro, colericamente...*)

Sophia

Não te afflijas, menina. Tens muitos vestidos...

Henriqueta

Isso, muitos!... são todos vistos... Vai vêr a D. Candida se leva ámanhã ao theatro um vestido conhecido!...

Carlos

Lembre-se, Henriqueta, que a D. Candida tem vinte mil cruzados de renda... Póde usar sete vestidos em cada semana...

Henriqueta

E a D. Maria das Neves? tambem tem vinte mil cruzados de renda?

Carlos

Essa nasceu pobre, mas tem um marido com cem contos de reis...

Henriqueta

E cem annos de idade... Que marido!...

Carlos

Isso é uma questão á parte...

Henriqueta

Pois o que eu não quero é questões... Olha, Sophia, já lêste a *Mocidade de D. João V?*

Sophia

Não, menina.

Henriqueta

Ai! não!... estás muito pouco em dia com a litteratura...

Carlos

Deixemos a litteratura por um momento... Attenda-me, Henriqueta...

Henriqueta

Ah! é verdade... já me esquecia que tinhamos prelecção moral, em alto estilo... Diga lá, mano.

Carlos

Seriedade... O seu namoro com Julio Corrêa deve acabar...

Henriqueta

Eu não creio que o mano me falle seriamente!..

Carlos

Tanto quanto é possivel. Deve acabar, porque esse homem tem a fortuna de todos os homens de talento em Portugal: é pobre...

Henriqueta

Mas...

Carlos

Não me interrompa. O homem de genio associa á sua pobreza necessidades, ambições, e desejos que só o ouro satisfaz. A sua pobreza, portanto, fal-o-ha duas vezes desgraçado...

Henriqueta

Posso fallar?

Carlos

Ainda não... Julio Corrêa é pobre, e Henriqueta não e mais rica do que elle. Agora falle.

Henriqueta

Se eu fosse rica amaria Julio Corrêa, pobre; se elle fosse rico, antes de lhe dar minha alma, obrigal-o-hia a reduzir a cinzas toda a sua fortuna... Não tenho mais que lhe diga, mano. A minha resolução é esta: se me não defino bem, a culpa não é minha; é das palavras que não exprimem cabalmente as idêas...

Carlos

Até aqui fallou o amigo; agora falla o irmão: Henriqueta não tem pai, nem mãi: eu tomo desde este momento sobre mim a responsabilidade de a admoestar nas suas loucuras...

Henriqueta

Eis aqui um ar grave que me faz rir... Noto o teu silencio n'esta questão, Sophia! (*Sophia abaixa os olhos*) Que dizes tu ás exigencias de meu mano? Encolhes os hombros!... E' admiravel!... Costumas fallar com tanto ardor n'esta questão dos casamentos violentados...

Sophia

Ha circumstancias, menina...

Henriqueta

Ha circumstancias!... (*com ironia*) Excellente resposta!...

Carlos

Henriqueta, repare no que lhe digo: Julio é indifferente á sua resolução. (*Retirando-se: ao ouvido de Sophia*) Agora tu, minha querida amiga. (*Sahe*).

SCENA VI

HENRIQUETA *e* SOPHIA

Henriqueta

Julio *é indifferente á minha resolução!*... Será?!... E' mentira!... E não será!... (*lendo no «Bardo» com distração*).

«Em noite de estio uma pobre donzella
Doente, sem forças, penava d'amor;
Perdera o amante: bem triste era ella
Assim n'essa dôr!»[1]

Sophia

Isso que é?

Henriqueta

E' o *Bardo*... (*depõe-o com fastio; senta-se com ares de aborrecida*). Ai! que vida a minha... O espirito a luctar com a materia sente-se fraquear... mas eu... não succumbirei...

Sophia, *com muito mimo*

Ninguem lucta comtigo, minha cara Henriqueta...

Henriqueta

Mais ainda?! Até tu me desamparaste...

Sophia

Eu não te desamparo, minha amiga...

Henriqueta

Tu!... que tanto me animavas esta paixão por Julio... Parecias tão decidida protectora d'elle, que tem contra si a sociedade toda, porque é pobre... meu Deus... isto é uma vergonha dizel-o... mas a socieda-

---

[1] Poesia do snr. S. Ribeiro.

de hostilisa Julio, porque elle é pobre... porque o seu talento é um thesouro que se não reduz a dinheiro!... (*Leva um lenço aos olhos*).

Sophia

Henriqueta... tu és injusta... Deixas-me fallar-te com toda a sinceridade da minha alma?

Henriqueta

Que pergunta!... Impostura é que eu não quero em ti!...

Sophia

Olha, filha... o mundo está pessimamente organisado... O dinheiro é tudo...

Henriqueta

Que linguagem na tua bocca!... em ti... Sophia!

Sophia

Em mim, sim, em mim, experimentada pelo infortunio... As dedicações generosas do coração não são indemnisadas por cousa nenhuma, se o contentamento intimo as não indemnisa... Casar pobre, minha amiga, é uma virtude aos olhos de quem casa, em quanto a paixão, que nos lisongeia, não arrefece. O amor consome-se na sua propria lavareda... a reflexão torna á antiga friesa dos seus calculos, o prisma quebra-se, e o arrependimento atira-nos ao chão uma a uma todas as bellezas do nosso trabalho de tantos sonhos felizes... Aqui tens o que é o casamento pobre, o casamento de paixão...

Henriqueta

Espera, Sophia... Eu desconheço-te!... Como se póde assim transfigurar uma mulher, que não está cançada de representar differentes papeis na sociedade!

Sophia

Transfigura-se, quando as circumstancias a transfiguram... Eu julguei-te até hoje com um patrimonio, e, ha instantes, soube que és pobre...

Henriqueta

Pobre!... que é ser pobre, quando se tem um coração rico de tudo que é nobre, grande, e generoso?

Sophia

Ser pobre... é querer um camarote no theatro, e não o ter: querer um, dous, trinta vestidos, e não os possuir: querer uma carruagem para rivalisar com as das nossas amigas que nos salpicam de lama, e não a ter, por uma razão muito natural, porque ha uma entidade chamada dinheiro que predomina todos os gosos da materia, e vale mais que as mais bellas concepções do espirito... Sabes o que é ser pobre?

Henriqueta

E eu estou nas circumstancias de não ter um theatro, nem um vestido, nem uma carruagem?

Sophia

Estás.

Henriqueta

Estou! por consequencia, meu mano dissipou o meu patrimonio, a herança de meus paes, e declara-se hoje o responsavel pelos meus actos! Oh meu Deus! que motivos obrigam meu mano a ser honrado agora! (*Senta-se, e descahe a cabeça na mão*).

Sophia

Henriqueta... não és minha inimiga?...

Um creado, *annunciando*

O snr. Julio Corrêa.

Henriqueta, *estremecendo, e levantando-se*

Que entre... Não tenho coragem para receber-lhe a visita... Diz-lhe que estou incommodada... E estou!... não poderia ouvil-o sem lagrimas... (*Sahe*).

Sophia

A que se vê obrigada uma mulher na minha posição!...

SCENA VII

JULIO *e* SOPHIA

Julio, *todo vestido de preto: ar sempre triste ou ironico*

Julio

Minha senhora!... Já tive hoje o prazer de comprimentar seu marido, o snr. Manoel Alves seu hospede, e o snr. Carlos.

Sophia

Encontrou-os?

Julio

Agora mesmo na rua de Santo Antonio. Disseram que brevemente aqui estariam. A snr.ª D. Henriqueta?

Sophia

Está incommodada.

Julio

E encarregou v. exc.ª de me vir fazer sala?

Sophia

E' verdade.

Julio

Não devo (*erguendo-se*) portanto abusar da sua delicadesa. Retiro-me, se me dá licença, e insto a sua bondade para fazer os meus comprimentos á sua amiga...

Sophia

Queira demorar-se, snr. Julio...

Julio

A's suas ordens, minha senhora.

Sophia

Preciso fallar-lhe a difficil linguagem d'uma verdadeira amiga.

Julio

A linguagem da amisade é a mais facil de todas: queira dizer, minha senhora.

Sophia

O seu amor por Henriqueta é tão violento que não admitta reflexões?

Julio

O meu amor por Henriqueta é um grande amor; mas, na minha idade, aos trinta annos, não ha amor que não receba com docilidade as reflexões, particularmente feitas por pessoa de tanto juizo como v. exc.ª. Queira honrar-me com as suas reflexões, minha senhora.

Sophia

Sabe que Henriqueta é pobre?

Julio

Não perguntei nunca se era rica; mas acredito que seja pobre.

Sophia

Porque o acredita?

Julio

Custa muito a sinceridade: por dous motivos: primeiro se fosse rica não teria tempo de explorar as riquezas do talento, que lhe admiro, e do talento que ella acolheu como confidente do seu. Segundo: Carlos tem dissipado uma fortuna maior que a sua. Creio que respondi, minha senhora.

Sophia

Convém-lhe este casamento?

Julio

A pergunta não parece sua, minha senhora, ou pelo

menos não devia ser-me feita a mim. Pergunta-me se me *convem!* A palavra *conveniencia* tem sido sempre uma injuria ás minhas ambições.

Sophia

Ambições de poeta...

Julio

De poeta, sim, se v. exc.ª o quer. Precisemos as nossas perguntas e respostas, minha senhora. A sua amiga encarregou-a de me dar algum recado? (*Silencio*). V. exc.ª não responde? (*com sobresalto*).

Sophia

A minha amiga... (*Silencio*).

Julio

Sim... a sua amiga... (*Silencio*). Então, snr.ª D. Sophia!

Sophia

Não está nas circumstancias de ser sua esposa... (*Julio ergue-se de improviso, emprega esforços para serenar-se, e deixa fugir um ligeiro sorriso*).

Julio, *calçando a luva*

Tenho comprehendido tudo... Cumpriu a sua commissão, minha senhora?

Sophia

Eu não quero que se retire com esse sorriso... Tem paciencia d'ouvir-me cinco minutos mais?... queira sentar-se...

Julio

Porque não, minha senhora!

Sophia

Creia que é adorado por Henriqueta quanto póde ser adorado Deus pelos anjos...

Julio

E' justamente o que ella me tem dito muitas vezes... e, se me não engano, vejo aqui em verso a prova d'esse pensamento... (*Toma de cima da mesa a poesia e lê, com ironia*).

Cá do mundo a magestade
Não fascina os olhos meus;
Julio, a par da Divindade,
Julio, só, depois de Deus.

Isto (*sorrindo*) é verdadeiramente tocante, minha querida senhora... Queira v. exc.ª continuar. (*Em quanto ella falla, elle, como distrahido, vai partindo em bocados a poesia*).

Sophia

A' parte as suas ironias, convença-se de que é amado. Henriqueta é sua para toda a vida. Póde escravisar-se a um homem que lhe dê o prestigio do ouro, mas o seu coração será livre ou escravo de...

Julio

De mim?... (*ri-se*) Quer v. exc.ª dizer que Henriqueta casada terá livre o coração da Henriqueta solteira... (*Silencio*). Devo acreditar que v. exc.ª n'este momento se esqueceu de que é uma senhora casada... E a prova é que a vejo córar!... Queira dizer-me: a ultima reflexão que me fez foi-lhe inspirada por Henriqueta?

Sophia

Não, snr. Julio... Fui inconsideradamente sincera com v. s.ª.

Julio

Eis ahi um nobre arrependimento... Vejo que fez justiça a ella, e a mim... Contou com o meu cynismo ou com a innocencia d'ella?

Sophia

E' que eu suppuz que v. s.ª amava Henriqueta, sem querer infelicital-a...

Julio

E acha que se enganou?! (*ri-se*) Estamos todos muito desmoralisados, minha senhora... V. exc.ª faz-me uma graça? Quem é o marido que se destina á sua amiga? E' o seu hospede, que tem duzentos contos?... Eu sei-o já: a pergunta é banal...

Sophia

Sabe-o?! dito por quem?

Julio

Pelo snr. Carlos de Meirelles, (*sorrindo*) confidente muito valido de v. exc.ª, e o mais apto para o saber.

Sophia

Quando lh'o disse?

Julio

Ha um quarto d'hora; já vê v. exc.ª que o mais que fez foi commentar por largo as curtas palavras de Carlos... Encarregou-a elle da explicação?

Sophia, *resentida*

Essa pergunta, cavalheiro!

Julio

Não é cavalheira? V. exc.ª ha-de emprestar-me um compendio de civilidade, sim? (*Ouvem-se vozes*).

Sophia

São elles que chegam.

SCENA VIII

SOPHIA, MANUEL ALVES, JULIO CORREIA, CARLOS DE MEIRELLES, E BERNARDO RODRIGUES.

Julio vai apertar a mão aos que entram, menos a Carlos

Bernardo, *para Sophia*

Ainda cá estás, Sophia?

Sophia

Ainda: tenho-me demorado a conversar com Henriqueta, e com o snr. Julio Corrêa.

Manoel Alves

Então este senhor dizem-me que faz versos muito bonitos?

Bernardo

É poeta d'uma vez.

Manoel Alves

E' uma bonita prenda. Eu quando era rapaz tambem tinha a mania dos sonetos, e fiz um bom par d'elles. Então estudava eu para padre; mas ahi por causa d'uns amoricos, tive de dar á perna para o Brazil, e não me correu mal o negocio. Lá deixei-me de sonetos, e de latim. Atirei-me a trabalhar, e acho que não fiz mal.

Bernardo

Fez o snr. commendador muito bem. Cá po'las letras não se levanta casa de sobrado, não é isso, snr. Julio?

Julio

E' isso, snr. Bernardo.

Bernardo

Melhor lhe fôra que seu pai o tivesse mandado em pequeno ganhar a vida lá por esses mundos, não digo bem, snr. Julio?

Julio

Diz bem, snr. Bernardo. (*Carlos tem empregado o intervallo, conversando com Sophia*).

Bernardo

Então onde está sua mana, snr. Carlos?

Carlos

Eu vou chamal-a... Penso que está um pouco incommodada, mas ha-de vir. (*Sahe*).

Manoel Alves

Aquillo ha-de ser dôr de enchaqueca, que andam por ahi muitas.

Bernardo

Ha-de ser, ha-de ser. (*Conversam por acenos*).

Sophia, *á parte a Julio*

Pelo amor de Deus, muita prudencia.

Julio, *sorrindo*

Que degradação de caracter! (*olha-a com despreso*).

Manoel Alves, *para Julio*

O senhor porque não vai até ao Brazil?... (*Julio distrahido, não responde*). Elle é môco? (*para Bernardo*). O senhor não ouve? (*pondo-lhe a mão no hombro*).

Julio

Eu creio que lhe não dei ainda a liberdade de me pôr a mão no hombro... O senhor fez isto por ignorancia, não é verdade?

Manoel Alves

Eu cuidei que o não magoava com isso... perdoará... (*para Bernardo, baixo*) Que tal está o bonecro de vidro! *Noli me tangere* dizia o meu mestre de latim.

SCENA IX

Os mesmos, CARLOS *e* HENRIQUETA

Carlos

Aqui está minha mana.

Manoel *e* Bernardo

Passou bem ?

Henriqueta

Agradecida : (*foge de encontrar os olhos de Julio*).

Carlos

Minha mana tem dias d'uma profunda melancolia.

Manoel Alves

Ha-de ser o nervoso, que é o mal das senhoras: lá para o tempo, os banhos do mar curam tudo.

Bernardo

Menos os flatos de minha mulher, que não ha nada que lh'os cure.

Carlos

Queiram sentar-se. (*Sentam-se com grotescos comprimentos Manoel e Bernardo*). O objecto que vamos tratar, posto que seja de muito intima familiaridade, não é reserva para o nosso amigo Julio Corrêa, que nos faz a honra de o ser desde muito d'esta casa. O snr. Manoel Alves pede a mão de minha mana, e eu, confiado na annuencia da sua vontade á minha, não tive duvida em annuir á proposta do meu honrado amigo o snr. Bernardo, que tomou sobre si o cuidado de realisar este feliz casamento.

Manoel Alves

Pela minha parte, espero não deixar ficar mal o meu amigo.

Bernardo

Estou bem certo d'isso.

Julio

Como amigo antigo d'esta casa, honroso titulo que me concedeu o snr. Carlos, peço licença para uma pequena reflexão.

Carlos

Queira fallar.

Manoel Alves

Essa é boa: diga o que entender...

Julio

O noivo respondeu como devia á declaração do snr. Carlos: a noiva calou-se, e parece que o seu silencio póde ser de approvação ou desapprovação. Sincero amigo d'esta senhora, desejo vêl-a expansivamente eloquente n'este momento em que o seu coração deve arfar de prazer. (*Henriqueta soluça e quer fugir da sala*).

Manoel Alves, *para Bernardo*

Como se entende isto?

Bernardo

E' uma trapalhada...

Sophia, *que tem corrido com Carlos a suspender Henriqueta*

Menina, sentes-te muito incommodada?

Henriqueta

Muito... não me matem por piedade...

Julio

A minha reflexão afflige-a, minha senhora? Desculpe-me pela innocencia com que a fiz... Eu pedia-lhe o favor de remediar a minha imprudencia, vindo sentar-se na sua cadeira...

Carlos, *para Julio a meia voz*

A prudencia recommendo-lh'a eu, cavalheiro...

Julio, *sorrindo*

Gostei da entonação dramatica!

Sophia, *para Henriqueta, já sentada*

Passou o incommodo?

Henriqueta

Ha-de... passar... Isto da existencia é uma noite, sem amanhecer.

Manoel Alves

Que disse ella? (*para Bernardo*).

Bernardo

São lá palavras romanticas...

Julio

Parece que vamos todos cahindo n'um silencio profundo!... E' necessario, como se diz em phrase vulgar, que alguem faça as despezas de conversação. Serei eu, supposto que entre todos o mais pobre d'eloquencia. Encarrego-me, pois, de fazer o elogio do casamento, que se planisa. Esta senhora (*indicando Henriqueta*) é uma alma, com todo o viço das illusões, frescura de desejos, florida em plena primavera, concentrando no coração o aroma de todas as flores. Vai casar-se, porque a sua alma sonhou um bello ideal, e este bello ideal é o snr. Manoel Alves, brazileiro rico, com cincoenta annos de idade, e um coração tão cheio de seducções como a sua algibeira de libras para saciar as ancias d'amor d'esta Julieta. O Romeu é aquelle senhor! (*ri-se*). Ninguem me acompanha n'esta risada?

Carlos

Essa risada é um insulto, senhor.

Julio

A quem?

Carlos

A esta senhora. (*Indicando a irmã*).

Julio

Insultei-a, snr.ª D. Henriqueta?...

Henriqueta

Não me insultou... matou-me!...

Julio

Matei-a! (*ironia*) Morre-se assim de vergonha, ou de raiva?

Carlos, *todos em pé—Henriqueta nos braços de Sophia*

Nem mais uma palavra, snr. Julio!

Julio

Ha-de soffrer-me a seu e a meu pêsar algumas mais. Até aqui fallou o philosopho... agora falla o propheta. Quero vaticinar o futuro d'este casamento.

Carlos

Que tem o senhor com o futuro d'este casamento?

Julio

O que tinham os prophetas com as ruinas das cidades, que cahiam á sua palavra.

Carlos

Nada de romances, senhor!...

Julio

Aqui o romance é a vida real: o primeiro capitulo principia n'este momento: a prophecia realisa-se depois...

Carlos

Qual prophecia?

Julio

Qual? Esta mulher, (*indicando Henriqueta*) depois de esposa, será como aquella que a tem nos braços.

Sophia, *baixo*

Meu Deus!

Julio

Aquelle homem (*apontando Manoel Alves*) depois de marido, será como aquelle (*apontando Bernardo*) que o trouxe aqui, com tanto que a sua mulher appareça um homem como o senhor! (*apontando Carlos*).

Carlos, *arremessa-lhe uma luva*

Ahi tem, senhor!

Julio, *pondo-lhe um pé em cima*

Se é uma affronta, bem vê que a calco! Essa luva só póde ser erguida por mão tão infame como aquella que a arremessou... (*Silencio*). Este silencio é vergonhoso para todos nós!... Miseraveis! haveis de confessar que o talento tem uma grande superioridade sobre o ouro! Vêdes qual ella é? E' isto! sou eu que me levanto debaixo dos vossos calcanhares, e posso dizer-vos: «não dava pela vossa fortuna este instante da minha vida!» (*Toma Henriqueta pelo braço e aproxima-a do brazileiro*). Ahi a tem! é digna de si

Henriqueta

Não! nunca! tua, tua, Julio, por toda a vida...

Julio

Minha!... (*rindo*) Se por um diabolico milagre a sua existencia estivesse ligada á minha, senhora, creia que essa posse me custaria um suicidio...

Henriqueta, *erguida com impeto*

Eu tenho orgulho, senhor!...

Julio, *sorrindo*

O orgulho comprado pela infamia! (*Carlos tira um punhal em acção de arremetter*).

Sophia, *segurando-lhe o braço*

Snr. Carlos!

Henriqueta, *o mesmo*

Oh Carlos!

Bernardo, *segurando-o*

Snr. Carlos!

Julio, *impassivel*

E' justamente a arma que lhe fica bem, cavalheiro.... Eis aqui uma grande scena! Todos se agitaram.. menos o homem de barro! A impassibilidade estupida do dinheiro está alli!... Verdadeiramente feliz é só aquelle! (*apontando Manoel Alves, que faz um signal affirmativo*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

SCENA I

SOPHIA *e* CARLOS

Sophia sentada, triste, n'um sophá — Carlos defronte, meditativo

Sophia

Eu tinha previsto esta desgraça... Disse-t'a, prophetisei-t'a, Carlos, e tu... chamaste-me mulher, e foste por diante nas tuas imprudentes ambições... O resultado é este... Um divorcio no fim de seis mezes, e um cadaver, talvez, antes de sete...

Carlos

Melhoras a situação em que nos achamos, avivando-me pesares, que excedem as forças da minha alma?

Sophia

Não, eu bem sei que não; mas o responsavel de tantos infortunios és tu... (*Erguendo-se*) Maldito ouro! quantas desgraças por tua causa!...

Carlos

Maldita sociedade!... Malditas condições impostas ao homem que quer passar por ella com a face erguida, fazendo gala do escandalo....

Sophia

Cala-te, Carlos, que vem ahi tua mana.

SCENA II

HENRIQUETA *desfigurada—como no fim de uma tisica —e os mesmos*

Sophia, *indo encontral-a*

Sempre te ergueste um bocadinho?

Henriqueta

Sim... vi as flôres, pareceu-me tão lindo o ar, e o céo tão sereno, que não pude resistir... O mano está tão triste... que tem?

Carlos

Nada, minha cara Henriqueta... Tenho pena de ti... e de mim... e de todos os que figuram n'esta triste historia.

Henriqueta

Não, Carlos, de mim não tenha pena. Agora o que me dóe é o corpo... esta dissolução lenta é muito dolorosa... mas do espirito... sinto-me boa. E tu, Sophia, tens passado tão más noites ao pé de mim!... Coitadinha... Eu bem sabia que tu eras muito minha amiga... Deixaste o Porto, e a sociedade, e a tua casa, e teus filhinhos para assistires a esta demorada tisica... Não chores, menina...

Carlos

Henriqueta, eu não perdi as esperanças...

Henriqueta

De que, mano?

Carlos

De te restituirmos a saude...

Henriqueta

Deus o queira, que eu não desejo a morte... Esta

solidão deve ser encantadora; mas, assim doente, não tenho prazer em nada... Retira-se, Carlos?

Carlos

Eu volto já...

Henriqueta

Pois sim, não se demore muito, que eu preciso fallar-lhe, não?

Carlos

Voltarei, mana. (*Sahe*).

SCENA III

HENRIQUETA *e* SOPHIA

Henriqueta, *abraçando-a*

Que me querias tu hontem dizer, Sophia? Eu não pude ouvir-te; estava tão afflicta... Depois, lembrei-me se te magoarias com o meu modo grosseiro... A doença faz a gente rude... Que era?...

Sophia

Deverei eu dizer-t'o?

Henriqueta

Que poderás tu dizer-me que eu não possa ouvir?

Sophia

Não me criminas?

Henriqueta

De que? Fizeste-me algum mal?

Sophia

O mal que eu te fiz já m'o perdoaste... Mas o mal que eu te posso fazer...

Henriqueta

Perdoar-t'o-hei, se fôr um mal... Diz... afflige-me ainda mais a duvida...

Sophia

Tu tens ignorado muitas cousas... Julio Corrêa...

Henriqueta, *vivamente sobresaltada*

Jesus! a que vem esse nome aqui!...

Sophia

Não t'o disse eu! Afflijo-te!... Não devo fallar n'elle?

Henriqueta, *sorrindo*

Porque não? Já agora, que tenho eu a ganhar ou a perder?... Falla...

Sophia

Julio Corrêa não é mais feliz que tu...

Henriqueta

Isso sabia-o eu, sem que ninguem m'o dissesse... Aquelle homem nasceu debaixo d'uma estrella infeliz como a minha... Eu sabia que seriamos ambos desgraçados...

Sophia

E muito, porque te ama como te amou, e além do amor, sente o remorso de te haver humilhado...

Henriqueta

Ai!... elle não me humilhou... Fui eu que me aviltei... Que não tenha remorso... eu não vou d'este mundo com odios no coração...

Sophia

Ainda o amas, Henriqueta?

Henriqueta

Se o amo!... que pergunta!... Amo-o como te amo a ti, como a meu irmão, como a meu marido, como a qualquer pessoa que concorresse mais ou menos para o meu infortunio...

Sophia

Não o amas, é o que queres dizer.

Henriqueta

Pois concebes que eu possa ainda ter coração, Sophia!... Não tens visto como elle se desfaz em lagrimas, ha sete mezes!... Não tens tu sido a testemunha d'este morrer d'um desejo em cada hora!... Posso eu amar... e amar uma sociedade em cujo seio encontrei a morte, e em nome da qual me impozeram a violencia do suicidio...

Sophia

Essas palavras são uma accusação que me fazes...

Henriqueta

Não são... Deus me livre de te magoar... Eu fallo do mundo, não é de ninguem... E' d'este mixto de infortunios que nos vem d'um poder invisivel... Não sei o que é... sei que me reduziram á friesa d'um cadaver... Quando meu marido me disse que não tinha casado com uma estatua, tive compaixão d'elle... e de mim. Quando me offereceu um amigavel divorcio, acceitei-o porque o reputei mais feliz sem mim. Quando me vi d'este modo despedida como mulher inutil para aquelle bom homem que tão cara me comprou, deixa-me dizer-te, Sophia, nem o meu amor proprio soffreu... E' que eu já estava morta... E quando o amor proprio se gela, minha amiga, o coração já tem arrefecido para todas as impressões... Queres que te diga o que sinto por Julio? Um desejo, um só desejo em bem d'elle: queria que elle fosse mais feliz do que muitos que o não merecem tanto... Ainda tenho outro, em meu bem, mas esse... não devo dizer-t'o...

Sophia

Diz... diz, minha Henriqueta.

Henriqueta

Basta que eu diga que não devo dizer-t'o.

Sophia

Não me dás como já déste o mais secreto da tua alma... Tambem para mim arrefeceu o teu coração... Eu dei a causa...

Henriqueta

Ahi vem o mano... has-de retirar-te, que eu preciso fallar-lhe... sim?

SCENA IV

Carlos, *para Sophia*

Retira-se, minha senhora?

Sophia

Não, senhor... Volto logo...

Carlos, *ao ouvido*

Não me deixes muito tempo só com ella. (*Sophia sahe*).

CARLOS *e* HENRIQUETA

Carlos

Como se sente, mana?

Henriqueta

O mesmo... Venha cá... fallemos baixo. . Não quero que a nossa boa Sophia nos escute... Não o vejo nunca tranquillo ao pé de mim, Carlos! Afflige-me! Lembre-se que eu não lhe tenho odio. Sou sua amiga, acredite que o passado foi um sonho mau de que acordei para perdoar a todos...

Carlos

Não póde, talvez...

Henriqueta

Pois não posso? Alguma cousa Deus me dá, visto que a sociedade tudo me tirou. Deus deu-me a resignação, e converteu em benevolencia todo o amor, com que fui infelizmente dotada... Sou sua amiga... Olhe... Carlos, eu acceitei esse dinheiro com que meu marido me dotou... Acceitei-o, de proposito, para que elle servisse a alguem... O mano não é muito feliz, e fica depois de mim em lucta com uma sociedade que lhe ha-de cuspir na face, se lhe lá vir a tristeza do pobre que não póde nivelar-se com o rico... Custa-me tanto fallar!... Mas é preciso... Em poucas palavras lhe digo tudo... Este dinheiro fica-lhe ahi, não sei aonde... o mano sabe-o... Eu deixo um testamento, já o escrevi, veja, Carlos, o que convém fazer para que elle seja valido...

Carlos, *commovido*

Henriqueta... se eu tivesse lagrimas, teria respondido com ellas... As palavras não me sahem do coração...

Henriqueta

Pois, sim, que fiquem ahi... é lá que eu as quero...

Carlos

Não perca as esperanças de restabelecer-se...

Henriqueta

Ai! mano! eu não sou creança... Tenho bom juizo para me consultar, e a vista bem penetrante para vêr o tumulo...

Carlos

Henriqueta... Deixa-me fazer-lhe uma pergunta?

Henriqueta

Sim... que é?

Carlos

Sentiria algum allivio conversando com alguma pessoa que mais cara lhe fosse?

Henriqueta

Não sei bem o sentido da pergunta... mas, seja qual fôr, digo-lhe que não... não ambiciono allivios de ninguem...

Carlos

Quem sabe o que póde a alma influir nos padecimentos do corpo?! Talvez .. um entretimento com esse nosso amigo...

Henriqueta, *com soberania*

Mano!... seja tão nobre como elle... Não pronuncie o nome d'esse homem de cuja amisade não fomos dignos... Desculpe-me... Eu vou descançar .. Estou cançada de fallar... (*Sahe*).

Carlos

Tem sido longa a punição... Não ha cynismo que resista ao flagello vibrado na mão fraca d'uma victima, quasi extincta... Isto é o dinheiro!... Este drama de surdas agonias que aqui se passa é o ouro, é a sêde do ouro... é a vida no interior d'uma casa, que contrafaz por fóra todas as regalias do prazer!... Oh! que saudades eu tenho dos dias em que me vi pobre... e hoje pobre, tambem, mas ostentando na mascara do ouro o sorriso da impudencia...

SCENA V

Um creado com uma carta

Creado

Não está aqui a senhora?

Carlos

Que carta é essa?

Creado

Uma carta para a senhora.

Carlos

Deixa vêr (*reparando*). A letra é de Julio! (*Alto*) Quem trouxe isto?

Creado

Um homem d'estes sitios, deram-lh'a na estrada, e disse elle que a pessoa espera a resposta.

Carlos

Vai entregal-a á senhora, que deve estar no seu quarto. (*O creado sahe*).

Carlos

Aquella carta faz-me suspeitar que algumas intelligencias tem havido entre minha mana e Julio... Não é natural!... Se se amassem, o espirito de Henriqueta não teria cahido assim...

SCENA VI

SOPHIA *e* CARLOS

Sophia

Que é de Henriqueta?

Carlos

Cuidei que estavas com ella... Vai depressa ao seu quarto, que o creado levou-lhe n'este momento uma carta de Julio...

Sophia

De Julio!... como é possivel?

Carlos

De Julio, sim... Ora diz-me, Sophia, não suspeitas que elles se tenham correspondido?

Sophia

Tenho a certeza de que não.

Carlos

Pois que lhe quer elle agora?

Sophia

Seria uma felicidade que ella podesse amal-o...

Carlos

Felicidade!... para quem?

Sophia

Para ella...

Carlos

Não sei qual... Minha irmã é uma senhora casada...

Sophia

Bem o sei... Mas essa observação é um insulto que tu cospes na face d'outra mulher casada...

Carlos

Não foi essa a minha intenção... Tu traduzes muito á lettra as minhas phrases... Eu queria dizer que minha mana...

Sophia

Deve ser sempre um humilde instrumento dos teus calculos .. calculos infames a que se tem cegamente prestado algumas mulheres casadas...

Carlos

Nada de recriminações intempestivas... Eu não te dou direito a que me ultrages, Sophia...

Sophia

A tua sensibilidade é toda caprichos, Carlos... Não tenho remorsos de te magoar o pundonor...

Carlos

Estranho a tua linguagem!

Sophia

Tem razão... Isto equivale a dizer-lhe, senhor, que a minha existencia n'esta casa é um serviço a sua irmã. As nossas intelligencias deviam terminar no instante que me prestei a ser o autómato das suas sordidas ambições de dinheiro...

Carlos

Não lhe ficam bem essas palavras, Sophia.

Sophia

Todas as palavras ficam bem, quando a mulher as diz a um homem, que, perdido o pudor, já não sabe córar diante d'essa mulher...

O creado, atravessando

Carlos

Que levas?

Creado

A resposta.

Carlos

Dá cá.

Sophia, *tirando a carta da mão do creado*

Que quer?

Carlos

Vêr o subscripto.

Sophia, *lendo*

«Ao ill.mo snr. Julio Corrêa,» que mais lhe interessa?

Carlos

Interessa-me zelar a honra de minha irmã.

Sophia

Quando a sua poder servir de modêlo a alguem... (*Para o creado*). Leve essa carta ao seu destino. (*O creado sahe*).

Carlos

A senhora manda demasiadamente em minha casa.

Sophia

Sua casa!... esta casa é sua?

Carlos

Duvida?... é!

SCENA VIII

HENRIQUETA *e os mesmos*

Henriqueta

Não é, não, mano. E tanto não é que eu tomo a liberdade de lhe dizer que vou receber n'esta sala uma visita, e prescindo da companhia de Carlos. (*Senta-se muito desfallecida*).

Carlos

Eu tambem não quero de modo algum estorvar-lhe os seus prazeres, Henriqueta.

Henriqueta

Os meus prazeres! (*sorrindo*). O mano conserva sempre o seu espirito folgasão!... Está brincando comigo á beira da sepultura... E' barbaro o divertimento!... Ha momentos aconselhava-me a convivencia com as pessoas que me foram caras... e depois... revolta-se

contra uma minha amiga porque esta lhe impede de rasgar o sello d'uma carta !...

Carlos

Está enganada !...

Henriqueta

Enganado está o mano... Pois não entende que meu marido me deu carta de alforria, declarando-me livre? Eu sou senhora das minhas acções... Se houvesse de cahir em abysmos de degradação, o braço do mano seria um estorvo, em que eu não faria reparo... Se me quer poupar a uma exaltação com que não posso, retire-se, Carlos.

Carlos

De sua casa?

Henriqueta

D'esta sala, e, se lhe aprouver, de minha casa; mas vá na intelligencia que as minhas intenções a seu respeito, depois da minha morte, não mudam... Os resentimentos nobres não tem nada com o dinheiro... (*Carlos sahe*).

HENRIQUETA *e* SOPHIA

Sophia

Tu estás salivando sangue, Henriqueta !...

Henriqueta

Não é nada... Tive ha pouco um ataque muito forte... Se me désses uma gota d'agua... (*Sophia chega-lhe o copo*).

Sophia

Tens tanta febre, menina !

Henriqueta

Terei? é possivel, porque sinto lume na cabeça... Julio vem ahi...

Sophia

Vem?... Oh! Deus permitta...

Henriqueta

O que?

Sophia

Que elle te reanime... Talvez o amor opere um milagre...

Henriqueta

De Christo no tumulo de Lazaro? O amor não póde nada... Se o não vence o dinheiro, vence-o a morte...

Sophia

Elle escreveu-te... já sei... que te diz?...

Henriqueta

Quasi nada... pede-me alguns instantes da minha vida... Como terei poucos... oxalá que os ultimos sejam d'elle...

Sophia

Mas, na exaltação em que te vejo, talvez seja arriscar a tua saude...

Henriqueta

Não, minha amiga, o que eu realmente não posso arriscar é a saude... A dar-se alguma revolução em mim, deveria ser em meu bem, que... para peor, de certo não posso ir, nem creio que no meu estado se possa peorar... D'aqui á morte... é só fechar os olhos...

SCENA IX

Creado

Um senhor que teve ordem de subir, espera no portão.

Henriqueta

Que entre. (*Para Sophia*) Sahe por algum tempo... De certo estimarás não vêr de face um homem que te

calumniou, porque não comprehendeu a tua boa alma...

Sophia, *beijando-a*

De certo não... Henriqueta... (*Sahe*).

Henriqueta

Ai, meu Deus!... livrai-me d'estas afflicções!... que nuvem!...

SCENA X

HENRIQUETA *e* JULIO

Julio recua, quando ao perto encara Henriqueta, que se ergue tremula, encostando-se á mesa para lhe estender a mão. Henriqueta senta-se, e quer fingir presença de espirito. A hesitação de Julio é significada por monosyllabos entrecortados.

Julio

Henriqueta... na presença d'esse rosto póde-se só chorar; mas as lagrimas seccaram-se-me nos olhos para sempre...

Henriqueta, *soluçando*

Não... podemos... todos chorar...

Julio

Venho encontral-a n'um lastimavel estado... Como é possivel?... O ouro reduz o talento a esta situação?

Henriqueta

Não me escarneça.

Julio

Escarnecel-a eu, que sinto a precisão de ajoelhar-me a seus pés...

Henriqueta

Senhor!. . Não me obrigue a commoções muito violentas...

Julio

Esta situação é horrivel... A sua presença tirou-me

a palavra.... Lembra-me só que tudo isto é irremediavel...

Henriqueta

Irremediavel...

Julio

Não ha nada a esperar do amor, nem das esperanças...

Henriqueta

Nada...

Julio

E has-de morrer, filha da minha alma! (*tomando-lhe a mão com frenesi*). Eu não hei-de poder salvar-te, Henriqueta!...

Henriqueta

Não.

Julio

Não sentes nada n'este instante que te prometta uma nova vida!... não esperas nada d'este amor, suffocado sete mezes, d'este amor que te póde restituir a felicidade que ambos nós aniquilamos...

Henriqueta

E' impossivel...

Julio

Impossivel! Que sou eu para ti?

Henriqueta

Uma reminiscencia amarga, mas, no fim da vida, um enviado de Deus...

Julio

E com tudo não posso salvar-te...

Henriqueta

Não!... o que póde é matar-me mais depressa... E eu... faço-lhe a vontade... desejo mesmo que as

minhas ultimas palavras sejam suas... Mas não o serão... Deus não quer que eu morra, escandalisando a sociedade...

Julio

Henriqueta, vai d'este mundo odiando-me?

Henriqueta

Não... não o odeio... tenho compaixão de si...

Julio

Como pôde sacrificar-me? Para que me humilhou na presença do homem infame que a não comprehendeu!

Henriqueta, *com dignidade*

Quem é o homem infame? Meu marido?... Não diga tal... Se tem sido nobre, Julio, seja-o até ao fim... Meu marido, não me comprehendeu, mas não era infame.

Julio

Perdão! .. a palavra foi imprudente...

Henriqueta

Eu não o sacrifiquei... era pobre e não quiz fazel-o desgraçado... sacrifiquei-me para salvar dous que seriam infelizes comigo, podendo sêl-o eu só... Enganei-me... Deus o quiz...

Julio

Mas depois d'aquella lucta fatal, ha sete mezes, d'esse horrivel delirio, que nem já me recordo, eu fiz sentir á sua alma o meu remorso.

Henriqueta

De que modo? insultando-me...

Julio

De que modo?...

Henriqueta

Servindo-se d'uma minha amiga como portadora de ultrages affrontosos...

Julio

De Sophia?

Henriqueta

Sim.

Julio

Isso foi uma infamia.

Henriqueta

Foi... de certo...

Julio

Minha? não!

Henriqueta

Pois de quem?

Julio

De seu mano, que dispõe d'essa infame mulher, associada a todas as suas torpezas...

Henriqueta, *afflicta*

Falle baixo, por piedade...

Julio

Manda-me calar, senhora, quando me justifico?...

Henriqueta

E' que eu não lhe peço justificações... Bem vê que me mata...

Julio

Não sou eu que a mato... E' esse homem que dissipa á sua sombra o preço do seu corpo, Henriqueta. E' esse vil que ousa vir aqui, para assistir impassivel aos seus ultimos instantes... E' esse deshonrado que me mostrou a ponta d'um punhal em sua propria casa...

Henriqueta

Por compaixão, Julio!...

SCENA XI

Os mesmos, CARLOS *e* SOPHIA

Carlos

Se a deshonra está na ponta d'um punhal, mostrar-lhe-hei, cavalheiro, a bocca d'uma pistola.

Henriqueta

Que vida, meu Deus!... Carlos! retire-se... Snr. Julio... snr. Julio...

Sophia

Que tens, Henriqueta?...

Henriqueta

Evita uma desgraça se podes... Retira d'aqui meu mano...

Sophia, *para Carlos*

Saia d'aqui, por quem é!

Carlos

Cá fóra senhor cavalheiro, que dá diplomas de infamia... (*Sahe*).

Julio, *sorrindo*

Sim, lá fóra...

Henriqueta

Prometta-me que não se encontrará com elle...

Julio

Não prometto... Hei-de procural-o em toda a parte, como quem procura o ladrão da sua honra, porque é na honra que eu tenho feito consistir a minha felicidade... Snr.ª D. Sophia! encontrou-me... desde aquelle dia...

Henriqueta, *pondo-lhe a mão na bocca*

Não, não, por tudo quanto ha, Julio. Não lhe peço mais nada n'esta vida...

Julio

Eu estou calado, snr.ª D. Henriqueta.

Henriqueta

Santo Deus! Como eu estou soffrendo!... Isto não póde assim durar muitos minutos...

Julio

Que situação a minha!... Oh! para que dôres o homem foi creado!

Henriqueta

Snr. Julio... venha cá... bem perto de mim que a minha voz é debil... Ouça-me... eu ameio-o muito... não sei se poderia amal-o mais... podia... porque n'este momento, sinto que o amo como nunca... Aprendi a impostura... Tenho-me fingido com o mundo, e comigo... Durante sete mezes, não pude roubar-lhe um minuto... Tive-o sempre, sempre no pensamento, no coração, no coração, que, por fim, estalou... morreu para resuscitar agora... Agora!... de que serve?... Ah!... serve... serve... Conduziu-o aqui a mão de Deus... Lembra-se da sua prophecia?... Não se realisou... A esposa violentada... não foi indigna de que a chore seu marido... Foi esposa violentada, mas... tambem foi martyr voluntaria!...

Julio

Pordoa-me, Henriqueta...

Henriqueta

Perdôo... Não posso dizer-lhe mais nada... Sophia; vem ao meu quarto... Não pódes? Julio, dê-me o seu braço... acompanhe-me... tenha paciencia... (*Sahem*).

SCENA XII

CARLOS *entra pela porta opposta*

Carlos

E' necessaria muita desfaçatez para tanta coragem! Alli está um homem que a sociedade reputa honrado na sua pobreza! Ha-de ser-lhe caro o insulto! Estes espirituosos infames é necessario corrigil-os.

SCENA XIII

CARLOS *e* JULIO

Carlos, *ironico*

Não sei se me concede licença de estar n'esta sala, snr. Julio!

Julio

Eu concedo-lhe tudo, menos o arbitrio sobre a minha honra... Posso agora vêr as boccas das suas pistolas?

Carlos

Um duello não é uma brincadeira de assassinos... Procure testemunhas...

Julio

Eu não sei o que são testemunhas, quando a infamia foi praticada sem ellas... Entre nós essa formalidade é uma cobardia...

Carlos

Quer chamar-me cobarde?!

Julio

Eu não sei o que lhe quero chamar... Siga-me, senhor!

Carlos, *indeciso*

Não tenho duvida nenhuma... Eu não o temo... (*voz alta*).

Julio

Falle baixo, senhor, se não espera que alguma mulher venha em soccorro dos seus gritos...

Carlos

Vamos...

SCENA XIV

SOPHIA *e* HENRIQUETA, *espavoridas*

Henriqueta

Já sahiram, meu Deus!...

Sophia

Eu vou procural-os...

Henriqueta

Vai... vai... Sophia... (*Ouvem-se aous tiros*). Ah!... (*nos braços de Sophia, que ajoelha com ella*).

Sophia

O' meu Deus, como tem sido punido o meu crime!...

Julio, *desfigurado*

E' um assassino que o ouro fez!...

Henriqueta

Que é?... que disse elle?

Sophia

Assassinou teu mano!

Julio, *cruzando os braços n'uma immobilidade de demente*

Assassinei seu mano!

Henriqueta

O que se segue é... que fez duas victimas... eu

de mim perdôo-lhe... Por elle... responderá na presença de Deus...

Julio

E elle que responda por mim, porque eu sinto uma bala no coração...

Sophia, *palpando o coração de Henriqueta*

Está morta! meu Deus!...

Julio, *vacillante, até ajoelhar-se ao pé do cadaver, e tocar-lhe o peito*

Morta... Morta!... (*Ergue-se*). A morte saldou as contas de todos nós! (*Moribundo, encosta-se ao sophá*).

FIM

JUSTIÇA

PERSONAGENS

D. Ignez
D. Miquelina
Fernando Soares
D. Maria
Luiz d'Abreu
Pedro da Nobrega
Administrador do Bairro
Medicò
Escrivão da Administração
E figuras que não fallam

A scena passa-se em Lisboa, n'um Hotel

JUSTIÇA

ACTO I

Uma saleta com porta ao fundo, para um corredor de serventia commum, e outra porta lateral para uma camara.

SCENA I

D. IGNEZ, LUIZ E PEDRO *sentados, em final de jantar, em roda de uma mesa, aonde avultam garrafas com differentes vinhos, fructas, etc.* IGNEZ *toma do taboleiro servido por um creado, uma chavena de café, com que retribue a que lhe é offerecida por* PEDRO DA NOBREGA. *Entretanto,* LUIZ, *preguiçosamente recostado, saborêa um calix de vinho, e fuma. Affecta os ares d'uma meia embriaguez, e extasia-se nos rolos de fumo que lança do charuto.*

Luiz

Vejo tudo côr de rosa... A vida tem cousas bem boas, digam lá o que disserem os poetas de cemiterio. Poucos são os que sabem tirar proveito d'esta sublime patarata que os traductores em vulgar denominam sociedade. Achas que digo bem, Pedro da Nobrega, meu illustrado amigo?

Pedro

Dizes o melhor que se tem dito sobre a materia. Em quanto a mim, está provado que o mundo não é um

valle de lagrimas, pelo menos no todo. Ha certos pedaços do mundo aonde não ha lagrimas.

Luiz

Particularmente nos terrenos onde predomina o *Malvasia*, o *Madeira*, e o *Champagne*.

Pedro

E o *Porto*. Faz favor de não esquecer o *Porto*. Eu sou patriota, e tenho minhas convicções a respeito do vinho do Porto.

Luiz

Se me dás licença, dir-te-hei que és um imbecil. Os homens de paladar mais depravado são os inglezes: ora, o vinho mais querido dos inglezes é o vinho do Porto: logo o vinho do Porto é um vinho depravado.

Pedro

Distinguo... mas nós esquecemos que está aqui uma senhora, e a conversa de armazem de certo não lisongêa o gosto de uma dama.

D. Ignez, *triste e resentida*

Não importa: conversem no que quizerem.

Pedro

Nada, minha senhora, o assumpto é improprio.

Luiz

D'acôrdo; o assumpto é improprio; mas uma senhora de boa sociedade eclipsa-se, logo que a razão dos convivas machos se vai eclipsando. Quando estoura o gaz da primeira garrafa, é chegada a hora das expansões; e a mulher, que vive de brisas, e arrobamentos d'alma, levanta-se, e recolhe-se ao sanctuario dos seus devaneios.

D. Ignez, *depõe a chavena*

Eu retiro-me, Luiz... é isso que queres dizer?

Luiz, *sorrindo e bebendo*

E's uma creatura intelligente, Ignez...

D. Ignez, *vexada e opprimida*

Podéras-m'o ter dito... Bem sabes que eu não estou no caso de observar todos os deveres d'uma senhora de boa sociedade...

SCENA II

LUIZ *e* PEDRO

Luiz, *sorrindo*

Não tem sal nenhum o remoque... (*Fernando dá o braço a D. Ignez, e conduze-a á porta do quarto; Luiz, reparando na urbanidade do conviva, solta um frouxo de riso*). Estes homens, em vivendo na capital um anno, tornam-se cortezãos até ao ridiculo... Sinto-me bem. Sinto descozerem-se-me os rofegos do espirito. Estou expansivo como um amante depois de jantar. Até me sinto poeta, Pedro da Nobrega. A fonte dos poetas barbaros era d'agua, e, se bem me lembro, chamava-se Aganippe. A cousa agora é outra. A agua passou para a prosa aguada, e o vinho reassumiu toda a importancia que lhe deu o velho Horacio.

Pedro

Sinto quebrar o fio d'essa eloquente babuzeira, meu caro Luiz d'Abreu... Attende, tu tratas muito mal as mulheres...

Luiz

Trato!? essa é boa! Como costumas tu tratar as mulheres?

Pedro

Aposto que estás cansado de ser feliz!... Ha quanto tempo a tiraste de casa?

Luiz

Dous mezes. Nunca soffri tanto tempo as consequencias d'uma loucura...

Pedro

Se bem me lembro, não é esta a primeira loucura de tal genero...

Luiz

Pois ahi é que está a sandice... Eu já dei a saber como sou. A primeira mulher que subtrahi ás vigilancias paternaes, era uma trigueirinha, chamada... chamada... acho que era Angelina... Casei-a com um calafate, vinte dias depois. Sou um homem honrado. Fiz da pequena uma esposa modelo, e uma mãe exemplar. A segunda era uma rapariga bem educada e chamava-se... chamava-se... acho que era Angelina...

Pedro

Pois tambem era Angelina?!

Luiz

Pois a primeira tambem era Angelina?!

Pedro

Assim o disseste.

Luiz

Disse?... então não sei verdadeiramente o nome de nenhuma... Seria ella Celestina?

Pedro

Eu sei cá...! perguntas-m'o a mim?

Luiz

Pois dou-te a minha palavra de cavalheiro, que não sei bem se a terceira é que é Angelina.

Pedro

Já é a terceira! E que é feito da segunda?

Luiz

A Angelina?

Pedro

Sim, seja lá quem fôr.

Luiz

Essa... acho que casou, e está n'uma quinta creando patos, e gallinhas do Maranhão.

Pedro

E a terceira?

Luiz

A terceira é a Angelina?...

Pedro

E a quarta é Angelina, e a quinta é Angelina...

Luiz

Alto lá... quinta é demais: a quarta é esta rapariga que se chama Ignez.

Pedro

E quem é esta mulher?

Luiz

Pois eu não t'o disse já?

Pedro

Quando, se nos vimos, pela primeira vez, hoje em Lisboa, desde que, ha dous annos, te deixei no Porto?

Luiz

Eu te digo... chega cá essa vela (*acende o charuto com difficuldade*). Esta Ignez é filha d'uma beata, visita de minhas tias do Porto.

Pedro

E que mais!

Luiz

E tu que mais queres?

Pedro

Como a seduziste?

Luiz

A pergunta é tola! Pergunta a esta garrafa como é que ella electrisa as almas de gutta-percha, e faz d'um tupinamba um orador parlamentar, se ella tem a fortuna de ser elegivel...

Pedro

Prometteste casar?

Luiz

Penso que sim... mão minto... sou um homem honrado; mas se prometti, não faltei ainda. Tenho o infinito como prazo; e como não invoquei o céo por tabellião nem testemunha, a coisa passou-se entre nós...

Pedro

Estás aborrecido, é o grande caso.

Luiz, *abrindo a bocca*

Muito aborrecido... Ha dous mezes... Dous mezes, da maneira como agora se vive, são a vida d'um homem. As eternidades dos amantes não podem ir além de tres semanas.

Pedro

E estudas o pretexto para te desfazeres da carga...

Luiz

Parece-me que sim... Preciso ir á ilha de S. Miguel casar com uma parenta rica e velha, e não me lembra maneira nenhuma decente de tirar passaporte só para mim... Tu és homem de imaginação?

Pedro

Sou uma desgraça a respeito d'imaginação. Querias que eu inventasse a maneira decente de te remires do pezadello?

Luiz

Dava-te um beijo... Olha lá! que vinhas tú aqui fazer a este hotel, quando hoje te encontrei no pateo?

Pedro

Vinha visitar um brazileiro; que me foi hontem apresentado no *soirée* do visconde de Cascaes.

Luiz

Que hippopotamo é esse personagem?

Pedro

E' um consummado cavalheiro, homem de muita instrucção, muito sympathico, e extremamente delicado.

Luiz

Rico?

Pedro

Fazem-lhe dous milhões de cruzados.

Luiz

Não é má fatia!... Tem filhas?

Pedro

Dizem que tem uma natural.

Luiz

Em algum collegio?

Pedro

Não sei: elle não falla n'ella. O visconde de Cascaes deu-me a perceber que este homem se retirára de Portugal por causa d'um rapto, e suppõe que mudou de nome no Brazil.

Voz de fóra

A chave do quarto n.º 5.

Pedro

E' elle que pede a chave... Lá está parado, á espera, no corredor.

Luiz

Diz-lhe que entre.

Pedro, *para Fernando Soares no corredor*

Snr. Fernando Soares, em quanto não vem a chave, se v. s.ª quer entrar no quarto d'este meu amigo...

SCENA III

OS MESMOS *e* FERNANDO SOARES

Fernando, *tocando a mão com a de Pedro*

Pois não, snr. Nobrega... como passou?

Pedro

Optimamente. Tenho a honra de apresentar-lhe o meu amigo e patricio Luiz d'Abreu.

Fernando

E' do Porto este cavalheiro?

Luiz

Sou do Porto... Tem a bondade (*aproxima-lhe cadeira, que Fernando não occupa*). Serve-se d'um calix de vinho? de genebra? um charuto?

Fernando

Muito grato.

Luiz

E' brazileiro, ou portuguez?

Fernando

Nasci em Portugal, e estou naturalisado no Brazil. Ha vinte annos que deixei esta terra, e volto hoje a reconhecer os monumentos da minha infancia.

Luiz

Pois, senhor, querendo cartas de apresentação para o Porto, com muito gosto...

Fernando

Muito reconhecido ao seu favor. Tenho relações commerciaes com o Porto, e estas são-me sufficiente apresentação.

Voz de fóra

A chave do quarto n.º 5.

Fernando, *faz mensão de retirar-se*

Se me dá licença...

Luiz, *apertando-lhe a mão*

Meu caro senhor...

Fernando, *o mesmo a Nobrega*

Snr. Pedro da Nobrega... o meu quarto e o meu prestimo estão ás suas ordens. Meus senhores, boa noite. (*Sahe*).

SCENA IV

PEDRO *e* LUIZ

Luiz

O homem parece fino! Tem um metal de voz insinuante. O que faz o dinheiro!... Ora, meu caro Nobrega, vou tomar neve ao Suisso... queres vir?

Pedro

Vamos; mas vai primeiro ao quarto de D. Ignez.

Luiz

A que?!

Pedro

A pobre menina deve estar soffrendo horrivelmente... Diz-lhe duas palavras que te não custam nada, e poupas-lhe muitas lagrimas...

Luiz, *rindo, e reflectindo depois*

Vá lá... vamos ser piegas... (*Vai, e pára no umbral da porta*).

Pedro, *áparte accendendo o charuto*

Chama-se isto um homem do grande mundo...

Luiz, *recuando, e voltando as costas para a camara de Ignez*

Temos choradeira!... Boas noites... Vamos, Pedro...

D. Ignez, *dentro com afflicção*

Vem cá, Luiz... (*Luiz, primeiro indeciso, fica, dando a Pedro signal de sahir*).

SCENA V

D. IGNEZ *e* LUIZ D'ABREU

D. Ignez

Vem cá, Luiz, por piedade!

Luiz, *affabilidade ironica*

Não é preciso invocar a piedade. Aqui estou, Ignez, dos melhores humores para ouvir a vigesima quarta lamentação: mas, se não ordenas o contrario, sê breve, que me está esperando no pateo o meu amigo. Vamos ao importante: porque choras, menina?

D. Ignez

Se não sabes porque eu choro, Luiz... como t'o hei-de eu dizer?

Luiz

Ahi está um enigma, superior á minha intelligencia! Que te falta, Ignez?

D. Ignez

Falta-me o teu amor, falta-me o que me déste para

eu poder esquecer-me de que sou uma mulher... infame...

Luiz

Infame!... porque?!

D. Ignez

Esta degradação...

Luiz

Onde tocam jerarchias mais elevadas que a tua...

D. Ignez

Que resposta, meu Deus!

Luiz

Não me lembrou outra, e a mais acertada foi esta. Pois cuidas que se degrada a mulher que ama?

D. Ignez

Degrada, sim, quando o homem que ella ama...

Luiz, *resentimento contrafeito*

Sou eu?... Isso morde um pouco o meu orgulho... Quer a menina dizer que os homens como eu não ennobrecem, aviltam a mulher que amam...

D. Ignez

Que amam!

Luiz

Ou que amaram: entenda a phrase como quizer.

D. Ignez, *supplicante*

Que maneira tão cruel de desenganar!... O' Luiz que te fiz eu?! Porque me aborreces assim?

Luiz

Pois eu posso entender-te?! Tens um genio exquisito e eu não sei amansar caprichos, ou não estou para isso

D. Ignez

Caprichos!... quaes, Luiz? Será capricho pergun-

tar-te a causa do fastio em que passas commigo duas horas por dia!? Será capricho, oh meu Deus! chorar porque não posso soffrer, sem magoar-me, sem morrer, o premio que me dás, ao cabo de dous mezes... de dous mezes!... Poucos dias depois que deixei minha mãe, já em ti não havia uma só palavra, um só carinho do homem que me fez esquecer mãe, honra, futuro, e Deus! Que alma tu tens, Luiz!... Nem a misericordia depois do amor! Oh! isto é muito!... eu não quero assim morrer vagarosamente... sósinha, n'aquelle quarto, com a minha vergonha e os remorsos...

Luiz

Que queres tu, Ignez? Habitua-te ao meu genio, e verás que és feliz, como muitas outras, nas tuas circumstancias, desejariam sêl-o. Desejas sahir? sahiremos, e, quando os meus negocios me privarem de te acompanhar, sahirás com o criado. Liberdade reciproca, sem ultrapassar os limites do honesto, é a minha maxima n'este genero de convenção que liga duas pessoas, de modo que as cadeias não sejam pesadas. Se queres os carinhos d'outro tempo, dir-te-hei que não sou hypocrita, nem quero que me agradeças meiguices impostoras. O meu genio é este. Sou uma organisação defeituosa, ou perfeita de mais; como quizerem. O grande caso é que me não contrarío, nem me reformo, porque não sei onde se refundem os homens, que sahiram defeituosos das mãos da natureza...

D. Ignez

Eras muito verdadeiro quando, ha dous mezes, me promettias uma eterna felidade ao teu lado, como amante, e mais tarde como esposa?

Luiz

Mas, minha amiga, ainda estamos dentro d'essa eternidade que te marquei. Por ora, não faltei á minha palavra.

D. Ignez

Que zombaria!

Luiz

Valha-nos Deus... não nos comprehendemos...

D. Ignez

Eu comprehendo, Luiz... Abandonada, não é assim?

Luiz

Por minha vontade, não. Amo-to...

D. Ignez

Amas-me?!

Luiz

Como te amei sempre; e oxalá que eu podesse inspirar-te inteira confiança n'este amor, para..

D. Ignez

Diz, diz...

Luiz

Para que tu voluntariamente annuisses a um plano de que podemos tirar resultados. . para...

D. Ignez

Para que?!

Luiz

Para se realisarem mui depressa os meus desejos e os teus.

D. Ignez

Que é?

Luiz

Eu preciso reconciliar-me com a minha familia, indis-

posta hoje commigo por tua causa... Sem reconciliar-me não posso alcançar uma posição social que nos dê uma subsistencia magnifica e deslumbrante como eu quero dart'a, minha Ignez. E, para pacificar a guerra que minha familia me faz, é necessario convencel-os astuciosamente de que não caso comtigo. Ora, para que elles se convençam, convém que tornes á companhia...

D. Ignez, *arrebatada*

De minha mãe? nunca! antes morrer... cala-te, por quem és... Vae, deixa-me que eu preciso desabafar esta afflicção nas lagrimas... E's um homem feroz, Luiz!...

Luiz, *tomando o chapéo*

E tu és uma pomba de mansidão, Ignez... Até mais vêr... (*Sahe*).

SCENA VI

D. IGNEZ, *e depois* D. MARIA

D. Ignez, *seguindo Luiz*

Escuta... escuta, Luiz! (*Segue-o até á porta, e volta soluçando*). Como vós me castigaes, meu Deus! Eu não acreditava que o inferno é n'este mundo... E', é... Isto é que é ser punida!... Desprezada... abandonada!... Havia isto no mundo, e eu não tive quem m'o dissesse... Pèrdida... A paixão e a innocencia podem assim fazer desgraçada uma mulher!... Desprezada por este homem... é incrivel .. Oh minha querida mãe, se me perdoasses... (*Ergue silenciosamente as mãos aos céos, e exclama depois com energia subita*). E' uma inspiração, não é, meu Deus? Eu obedeço... (*Aproxima-se da escrevaninha com resolução*). Escrever a uma mãe quando se tem perdido tudo... Ha corações que nunca ensurdecem. (*Pega na penna*).

D. Maria, *com um jornal*

Dá licença, minha senhora?

D. Ignez, *enxugando as lagrimas*

Tem a bondade de entrar?

D. Maria

Seu marido já sahiu?

D. Ignez, *perturbada*

Luiz?... sahiu.

D. Maria

Vinha fazer-lhe uma pergunta; mas póde ser que v. exc.ª saiba responder-me. E' do Porto, não é?

D. Ignez

Sou sim, minha senhora.

D. Maria

Casualmente vejo n'este jornal uma noticia copiada d'um jornal do Porto. E' um caso bem triste! Eu leio, e v. exc.ª poderá talvez esclarecer-me o que ha de escuro na noticia. (*lê*) «Haverá dous mezes que um sujeito de boa familia, mas de deprovados costumes, natural do Porto, roubou a uma estremosa mãe a sua filha unica, o seu amparo, toda a sua riqueza n'este mundo onde o quinhão da amargura lhe tem sido abundante. Praticado o rapto, sem poder encontrar-se o infame nem a sua quarta ou quinta victima, a infeliz mãe desappareceu. (*Viva commoção em Ignez*). Pessoas affeiçoadas áquella digna senhora, diligenciaram encontral-a mas inutilmente. Alguem disse que a viu passar aos Carvalhos, estrada de Lisboa; não ha provas, porém, bastantes. E supposto que até hoje não tenham apparecido vestigios, é de crer que a desgraçada mãe se tenha suicidado...»

D. Ignez, *cuja commoção tem crescido desapercebida a D. Maria*

Ah!... Jesus!... Jesus!... (*Fica em lethargo por momentos; convulsiva depois, e transportada por D. Maria a um canapé*),

D. Maria

O que fiz eu, meu Deus! (*Toca uma campainha*). Eu estou douda com similhante acontecimento! (*Toca de novo a campainha*). Menina, não ouve? (*para o criado que chega*). Vem aqui ajudar-me a suster esta senhora... Snr.ª D. Ignez... Que gelo! (*apalpando-lhe as mãos*).

SCENA VII

OS MESMOS, UM CRIADO, *e* FERNANDO SOARES, *no corredor*

D. Maria

Snr. Soares, faz favor de entrar?

Fernando

Que é? está sem sentidos esta senhora? Que aspecto tão afflicto!

D. Maria

E' uma desgraça...

Fernando

Isto é habitual ou foi algum desgosto?

D. Maria

Uma surpreza, uma imprudencia minha...

Fernando, *tenteando-lhe o pulso*

Penso que vae passar esta situação... Dar-se-hia um reflexo de sangue ao coração? Veja a velocidade das pulsações no seio...

D. Maria

Parece que salta...

Fernando

O peior é uma congestão... espere... as palpebras estremecem...

D. Maria

Eu preciso dizer tudo como se passou... Não posso com a responsabilidade da minha imprudencia... mas eu não podia prever similhante cousa...

Fernando

Falle, snr.ª D. Maria...

D. Maria

Queira lêr a noticia d'esse jornal que está no chão.

Fernando, *lendo e depois de uma abstracção profunda*

E' esta a pessoa de quem aqui se falla?

D. Maria

Sim, senhor.

Fernando

O que a roubou é um homem que me foi apresentado ha pouco, chamado...

D. Maria

Luiz d'Abreu.

D. Ignez, *convulsiva*

Que é?

D. Maria

Menina... olhe... não me vê?... Isto não pode assim demorar-se... um medico... já... (*o creado sahe*). Que hei-de eu fazer, senhor!?

Fernando

Que hei-de eu aconselhar-lhe? E' uma enfermidade que não obedece á pharmacia improvisada das consola-

ções... Seria uma felicidade se chorasse: não conheço outro desafogo para estas angustias... (*reparando para o jornal*). Como se chama essa senhora?

D. Maria

Ignez.

Fernando, *em sobresalto reprimido*

Como? Ignez!?

D. Maria

E' o nome que ella deu... Conhece-a?!

Fernando, *com attribulada reconcentração*

Um favor importante, minha senhora. Queira deixar-me só com ella... E' necessaria muita energia, e energia de homem para romper a escuridade que n'este momento cerra o coração d'esta pobre senhora. Eu sinto-me com vontade e força para fazer-lhe comprehender que me interesso por ella... V. exc.ª fia de mim esta senhora por alguns minutos?...

D. Maria

Eu... senhor... receio que esse homem entre...

Fernando

Não receie. Tomo sobre mim toda a responsabilidade do melindre... Conceitue-me como um homem de muita honra, snr.ª D. Maria... (*Ignez ergue-se*). Tem a condescendencia de sahir? (*D. Maria sahe. Fernando fecha a porta com a chave*).

SCENA VIII

FERNANDO *e* D. IGNEZ

Fernando, *áparte*

Horrivel experiencia! (*Para Ignez*). Queira sentar-se, minha senhora.

D. Ignez

Quem é o senhor?

Fernando

Um homem, que, desde este momento, não póde ser-lhe indifferente. Eu tambem vi a noticia d'este jornal, e v. exc.ª ouviu lêr, sem reparar que se não dá nem ao menos como provavel o suicidio de sua mãe.

D. Ignez, *reanimada*

Não?

Fernando

De certo não: diz-se apenas que sua mãe desappareceu. Pode ter desapparecido, procurando-a; póde a estas horas estar bem perto da filha que lhe foge; póde ter procurado esconder na obscuridade a sua vergonha. Tenho que fazer-lhe um serviço. Vou eu mesmo indagar o destino de sua mãe; empregarei para encontral-a quantos esforços empregaria um filho. Em menos de oito dias, v. exc.ª póde ter a certeza de que sua mãe vive...

D. Ignez, *com effusão*

Bem haja, bem haja, meu bemfeitor; mas depressa, antes que eu morra...

Fernando

Preciso, porém esclarecimentos. Já sei que é do Porto: onde é que morava no Porto?

D. Ignez

Na rua do Rozario.

Fernando, *agitado*

Desde quando?

D. Ignez

Desde que nasci.

Fernando, *suffocado*

Como se chama sua mãe?

D. Ignez

Miquelina de Campos.

Fernando, *deixando cahir o jornal, e enxugando o suor na fronte*

Miquelina... *(silencio)*.

D. Ignez

Basta saber isto?

Fernando

Basta, basta saber isto... Quantos annos tem?

D. Ignez

Vinte e dous.

Fernando

Vinte e dous... (*á parte*) E se a demencia me surprehende!... Isto é morrer!... (*Ergue-se a beber agua d'um copo de sobre a mesa de jantar*).

D. Ignez

E' possivel saber-se, senhor?

Fernando, *áparte*

A ultima punhalada... (*alto*) Quem foi seu pai... este jornal não falla d'elle...

D. Ignez

Não conheci meu pai!

Fernando

Morreu?

D. Ignez

E' um segredo de minha mãe... ainda que eu o soubesse não o descobriria.

Fernando, *com ira reprimida*

Para não deshonral-a? E a sua deshonra não lhe importa que seja publica?

D. Ignez, *suspensa*

Que diz, senhor?!

Fernando, *mudando de tom*

Nada... E este homem prometteu-lhe ser seu marido?

D. Ignez

Não respondo a similhantes perguntas feitas por um estranho... não sou obrigada.

Fernando

É.

D. Ignez

Como?

Fernando

Desculpe-me, minha senhora... A compaixão, que me está inspirando, faz-me sahir dos limites d'um mero estranho que lhe quer ser util... Desculpe-me até por estes cabellos brancos... V. exc.ª ama este homem?

D. Ignez

Amo!... pois não tenho eu dado uma prova bem segura de que o amo?!

Fernando

E' amada?

D. Ignez

Que perguntas, meu Deus!... Martyrisa-me, senhor... Eu não quero as suas consolações.

Fernando, *colerico*

E' amada por elle?

D. Ignez

O senhor atterra-me!...

Fernando

Ainda não sentiu bem dentro o horror da sua situação. Ignez é uma mulher perdida!

D. Ignez

Senhor!...

Fernando

Está a cahir desamparada na extrema miseria...

D. Ignez

Oh! cale-se, por quem é!

Fernando

Matou sua mãe, e vai cada dia salpicar-lhe de lama a sepultura. Essa mascara de falsa vergonha que ainda hoje sustenta ha-de cahir-lhe ámanhã, e depois, Ignez, hão-de apontal-a ao dedo... é a devassa... a matricida, que vai passando...

D. Ignez

E' horrivel, meu Deus, é horrivel!... O' senhor...: pelas chagas de Christo!... (*ajoelha*). *Batem com estrondo na porta.*

Luiz, *fóra*

Abre, Ignez!

D. Ignez, *erguendo-se*

E' elle...

Fernando, *retendo-a*

Elle... quem? (*sorrindo*).

D. Ignez

Deixe-me, que é Luiz... (*A porta é arrombada por um impuchão*).

SCENA IX

OS MESMOS, *e* LUIZ D'ABREU

Luiz, *serenamente, fumando*

Quadro interessantissimo!... Não se assustem por quem são... Eu vi Desdemona ajoelhada aos pés do mouro; mas troco por um calix de vinho a situação d'Otello. (*Bebe*).

D. Ignez

Luiz... que julgas tu?... diz-m'o por misericordia...

Luiz

Eu não julgo nada que não seja d'este patusco planeta, chamado terra. Esteja a *son aise,* snr... snr... snr... já me esqueceu a sua graça... snr. brazileiro. Eu sou o homem mais cordato, a alma mais ingenua que vive na crusta do globo. Não ha maroteira que me espante... Nada de susto.

Fernando, *sorrindo*

Eu não estou assustado, senhor.

Luiz

Ainda bem... Recolha-se ao seu quarto, menina, ou antes ao seu camarim; nobre senhora Maria de Rohan de contrabando... Então? hesita? Eu já não mando aqui?

D. Ignez

Oh Luiz... é barbaro matar assim uma mulher que te pede de joelhos que a escutes... Estou innocente.

Luiz

Eu abomino a caricatura... Recolha-se que eu tenho de fallar com este cavalheiro...

D. Ignez

Não, não me erguerei dos teus pés, sem que...

Fernando, *imperioso*

Levante-se, mulher! (*Ella ergue-se e retira-se*).

Luiz

Isso é que é intimativa, cavalheiro... E o caso é que ella obedeceu!... O negocio está mais adiantado do que eu suppunha... Ora... sente-se aqui, meu caro patricio. O senhor, pelo que vejo, crê que a propriedade

é um roubo... Communismo! viva o communismo! eu tambem sou da eschola illustrada... Parece-me que v. s.ª está tranquillo!...

Fernando

O mais que se póde estar... não obstante recommendo á sua bondade a economia possivel de palavras.

Luiz

Eu tambem gosto do laconismo. O senhor deve saber que esta mulher não é minha mulher, nem é crivel que venha a sêl-o. Se o fosse, ou tivesse de o ser, v. s.ª a estas horas tinha passado á eternidade, com a sua reputação de millionario, e tres balas na cabeça.

Fernando, *rindo*

O senhor é interessantemente comico... Tres balas!...

Luiz

Ri-se? pois valeu!... levemos isto a rir. A grande questão é: gosta da rapariga?

Fernando

Quer trespassar-m'a?

Luiz

De mão beijada e dizima a Deus. Está incommodado? (*Fernando ergue-se convulsivamente*).

Fernando

São nervos... é uma molestia que me ataca na Europa... Eu acceito o trespasse.

Luiz

Falla sériamente?

Fernando

Muito sériamente... Por quanto vende o senhor a mulher?

Luiz

Por quanto vendo? Eu não vendo...

Fernando

Então eu não acceito.

Luiz

Ah! já entendo... O senhor não quer perder os habitos do Brazil...

Fernando

Tenho escrupulos em tal contracto se elle não fôr bilateral. V. s.ª ha de acceitar-me uma indemnisação qualquer...

Luiz

O senhor é um grande exquisito.

Fernando

Eu saberei indemnisal-o do modo mais delicado; mas v. s.ª não ha de recusar uma gratificação pela cedencia que me faz. O segredo morre entre nós tres; e a minha consciencia, que realmente é celebre, fica tranquilla. Quer?

Luiz

Entrego-me á discrição.

Fernando

Que tenciona o senhor fazer para deixar-me livre o terreno?

Luiz

A'manhã deixo Lisboa.

Fernando

E ella fica n'este hotel?...

Luiz

Bem claro... deixo-lhe carta de alforria...

Fernando, *sorrindo*

De alforria, justamente... é essa a palavra juridica... e depois...

Luiz

Como v. s.ª se entende perfeitamente com ella, cá fica... (*Tropel, e vozes*).

SCENA X

Os mesmos, D. MIQUELINA, D. MARIA, *e depois* D. IGNEZ

D. Maria

Menina, menina, aqui está sua mãe!

D. Miquelina, *espavorida, erguendo o véo preto*

Minha filha, minha filha! (*Terrivel commoção em Fernando, que volta a face da luz*) onde está ella? (*vendo Luiz*) senhor Abreu, onde está minha filha?

D. Ignez, *delirante*

Aqui, aqui estou, minha mãe (*abraçam-se*),

Fernando, *á parte a Luiz*

E' melhor sahirmos.

Luiz

Diz bem.

Fernando

Para o meu quarto. (*Sahem*).

SCENA XI

D. IGNEZ, D. MIQUELINA *e* D. MARIA

D. Miquelina

Eu não venho amaldiçoar-te, filha...

D. Ignez

Não venha, não venha, minha mãe... A maldição...

a sua maldição sobre tal desgraçada não agradaria a Deus... Poupe-me a essa tortura .. que eu conheço todas as outras... Tenho o coração despedaçado... Abençoe-me, já que resuscitou para mim... abençoe-me, que eu estou nas agonias da morte...

D. Miquelina

Não estás, meu anjo... quero que vivas... Deus não quer a tua morte e a minha... tua mãe precisa de ti... Havemos acostumar-nos á vergonha, se não ha nada que salve d'ella... Viveremos, viveremos sem escandalisar ninguem com a nossa presença... (*D. Maria retira-se*).

D. Ignez

Mãe, não posso...

D. Miquelina

Ignez... eu não te tirei nada do amor que te tinha... Ninguem sabe ser desgraçada, e ser mãe como eu sou... Ignez, vive para meu amparo ..

D. Ignez

Ai! é impossivel!... Eu quando fugi dos seus braços já sabia que não podia tornar a elles senão cadaver. Abrace o cadaver de sua filha, minha mãe...

D. Miquelina

Não posso nada sobre o teu coração, infeliz?

D. Ignez

Póde muito... Porque não veio uma hora antes?... Se morrer assim, morro perdoando... Póde morrer-se santa com o crime escripto na face... O mundo não sabe o que se tem passado na minha alma... Eu tenho chorado por mim e por todas as infelizes nas minhas circumstancias... Não ha ultraje que eu não tenha co-

nhecido... Fez hontem dous mezes que a deixei, mãe, minha santa mãe... Que dous mezes!.. Sentir ao pé de mim arrefecer minuto a minuto o coração do homem que amei, que amo, sem poder ver-lhe os defeitos... Elle a ferir-me com toda a sorte de desprezos, e eu... a cicatrizar com lagrimas, choradas no coração, na alma, no amor proprio... Invocar a compaixão surda do ceu, e as esperanças a morrerem!

D. Miquelina

Chora, chora, minha filha.

D. Ignez

Um dia era terrivel, mas o dia seguinte era peor... Hontem longas horas de silencio, hoje uma ironia, ámanhã um escarneo... Um encadeamento de crueldades novas para mim... Eu não pensei que se tinha alma para tanto... Se choro, consolam-me com uma zombaria; se mostro um sorriso de paciencia, chamam-me alma de lama... Aqui tem a minha vida com este homem... ha dous mezes...

D. Miquelina

Alma, minha querida martyr... abandona-te a mim... Eu já chorei assim, comtigo nos braços, creancinha d'um anno... Mataram-me ha vinte annos, e um milagre conservou-me de pé, ao teu lado, porque eu não podia fechar sobre mim uma sepultura, e deixar-te sósinha na terra... Paga-me esta divida... não me deixes no fim da vida, porque eu te amparei no principio da tua... vence a paixão e a vergonha com tua mãe no coração.

D. Ignez

Não posso, não posso... é um segredo... ha de ouvir-m'o logo... e depois um confessor...

D. Miquelina

Oh minha filha... tu aterras-me com o maior dos crimes... Envenenaste-te? responde!...

SCENA XII

As mesmas e FERNANDO SOARES, *embuçado*

Fernando, *parando ao pé do grupo*

Eis aqui uma mãe digna de tal filha.

D. Miquelina, *aterrada*

Que voz é esta?

Fernando

Quer muito a essa filha?

D. Miquelina

Se lhe quero!...

Fernando

Perdoou-lhe?

D. Miquelina

Virgem santissima!... isto é um delyrio!...

Fernando

Perdoou-lhe?

D. Miquelina

Perdoei...

Fernando

Não sente na presença d'ella a vergonha escaldar-lhe o rosto?

D. Ignez

Que homem é este, minha mãe?!

Fernando

Está justificada a deshonra da filha... vê-se que a desgraçada teve toda a liberdade para ser o que é...

D. Miquelina

Que posso eu fazer?

Fernando

Se não tem um braço capaz de cravar um punhal no algoz de sua filha, entregue-o ao carrasco...

D. Miquelina

Mas ella ama-o!

D. Ignez

Sim... sim..

D. Miquelina

E eu queria que elle fosse seu marido...

Fernando, *rindo*

Seu marido! não quero!...

D. Miquelina

Agora, sim, comprehendi tudo... (*com o rosto escondido entre as mãos.*

D. Ignez

Que é, minha mãe?.. diga, diga...

D. Miquelina, *apontando, sem encaral-o*

Este homem... este homem é...

Fernando, *interpondo-se com a face sómente visivel a D. Miquelina*

Quem póde ser este homem, senhora? (*Miquelina solta um grito, e Fernando, pondo o dedo nos labios, obriga-a a calar-se*).

D. Miquelina

Justiça de Deus!... (*Vae cahir perturbada sobre uma cadeira. D. Ignez quer soccorrer a mãe. Fernando colloca-se entre ambos, e aponta-lhe imperiosamente o quarto. Ignez vae como arrastada por uma força invencivel*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

O mesmo scenario do primeiro acto, excepto o apparato do jantar. É noite : a scena está apenas allumiada por uma vela.

SCENA I

D. MARIA E O MEDICO

D. Maria, *apontando o quarto de Ignez*

E' este o quarto, snr. doutor.

Medico

A que horas suppõe a seenhora que ella se envenenou?

D. Maria

Hoje ás nove horas, pouco mais ou menos. Tem tido agonias, suores frios, mas não quer deitar-se; conserva-se a pé, e parece que tem intervallos de descanço. (*Vê-se no corredor Fernando Soares*).

Medico, *observando o relogio*

E' meia noite... Apparece ulgum vidro ou boceta suspeita de veneno?

D. Maria, *tomando sobre a meza*

Esta bocetinha, com um resto de pó...

Medico, *examinando*

Tomou arsenico, mas a dóse foi pequena... Vamos. (*Entra com D. Maria*).

SCENA II

FERNANDO SOARES

Escuta á porta da camara D. Ignez e vai sentar-se no mais sombrio da salla

Fernando

E' esta a minha corôa de gloria depois de vinte annos de lucta!... Não cuidei que tinha alma para estes espinhos... Decepção tristissima para um homem, que vem á patria, envelhecido no trabalho, tragando além todas as affrontas, abafando até os brados da consciencia... matando todos os sentimentos bons do coração, para salvar um só... a esperança de uma filha... uma amiga no fim da vida... um premio a tribulações de vinte annos... Encontro a ignominia, e a ignominia que se não rehabilita com dous milhões. A impotencia do dinheiro!... Travei um duello com os revezes... cuidei que o ouro era uma arma invencivel... quebrou-m'a nas mãos a desgraça... Que terrivel combate de pensamentos n'esta cabeça!... Não se indoudece de afflicção e vergonha!... Ainda não tive uma verdadeira resolução de matar este homem... E que homem!... Como elle dorme tranquillamente sobre o meu leito!... Ha espantosas organisações! (*Sorri.*) Que importa? nada o salvará... Alguma vez heide triumphar d'esta zombaria infernal que me escarnece.

SCENA III

D. MIQUELINA, *vindo de fóra, com um creado do hotel, e depois Maria*

D. Miquelina, *para o creado*

Muito agradecida... (*o creado sáe*).

D. Maria, *sahindo do quarto de Ignez*

Já de volta, minha senhora? Que passou?

D. Miquelina

Com a carta do snr. Fernando Soares fui logo recebida pelo governador civil. Tratou-me muito bem... Deu ordens immediatamente. Eu queria agradecer ao cavalheiro, seu hospede, este serviço.

D. Maria

Elle apparecerá. O medico está lá dentro... vou mandar já já á botica... entre, entre... (*Sahe*).

SCENA IV

D. MIQUELINA E FERNANDO SOARES

D. Miquelina encosta-se a um tremó, como reanimando-se antes de entrar

D. Miquelina, *sem vêr Fernando*

Tornarei eu a vêl-o, meu Deus?! Seria elle!...

Fernando, *meia voz*

Senhora D. Miquelina.

D. Miquelina, *espavorida*

Quê!...

Fernando

E' d'este lado que a chamam... A hora é a dos phantasmas; mas tudo aqui é natural como a desgraça, e sensivel como a dôr das chagas que nunca fecham.

D. Miquelina, *indo na direcção da voz*

Carlos!...

Fernando, *erguendo-se*

Carlos, não. Esse homem está morto no coração d'este outro que aqui vê... (*ella ajoelha.*) Que é isso? Nem

na mulher, que se amou, póde tolerar-se uma posição humilhada... De pé com a fronte bem altiva, e o coração bem soberbo d'aquelle nobre orgulho de pai.

D. Miquelina, *sem erguer-se*

Eu tenho direito á tua commiseração, Carlos... Eu não me engano... é impossivel que não sejas... Tu não vens matar-me, não?...

Fernando, *levantando-a*

Matal-a! Quem lhe disse, senhora, que eu venho, sequer, infligir-lhe um castigo que as suas lagrimas pretendem suavisar? Eu não a accuso... nem isso!... Peço-lhe só conta da minha filha... E' aquella mulher deshonrada, que alli está dentro?

D. Miquelina

Não poderei eu morrer n'este momento, meu Deus?!

Fernando

Não póde, porque todos temos um destino a cumprir... A Providencia não derroga as suas leis. Falta-lhe alguma cousa n'este mundo, senhora... Pois eu porque vivo ainda? Toquei a margem de todos os abysmos, e fiquei em pé. Não era bem natural que eu tivesse cahido? O meu abysmo era aqui... Um homem foi, o outro é hoje... O homem das alegrias, das esperanças passou; e o simulacro de homem, com cada fibra apertada n'uma tortura, ficou... E' certo que o mau anjo venceu o bom; sinto o desconforto do céo; mas para alguma cousa o demonio me conserva. Só assim se explica a minha existencia aos quarenta annos... Não se vencem, sem predestinação, as angustias que eu pizei debaixo do pé triumphante. Trabalhei vinte e dous annos para chegar a isto... (*com ironia*). Abençoado

trabalho!... Ora pois... é esta Ignez uma creancinha, que eu lhe deixei nos braços ha vinte annos? Diga, diga, que eu estou sentindo em mim o homem do passado...

D. Miquelina, *soluçando*

É.

Fernando

Nunca lhe fallou em seu pai?

D. Miquelina

Não... julgava-te morto...

Fernando

Julgou bem... Podéra ter-lhe dito: «teu pai, filha, foi uma boa alma que eu amei muito. Eu era filha d'um fidalgo, muito fidalgo, muito pobre, e muito deshonrado para manter o emprestado luxo da sua posição. Elle era um simples escripturario d'um cartorio; mas sem uma nodoa que reflectisse deshonra na memoria de seus avós plebeus. Disse-lhe que me tirasse de casa, quando a tua existencia, filha, vinha dar testimunho d'um grande crime... Eu sahi sem uma joia que valesse dez réis. O amanuense trabalhava dia e noite para alimentar-me. Adorava-me, obedeceu-me. Meu pai descobriu o raptor, que pôde salvar-se. A elle persegui-o em toda a parte, e a mim fechou-me n'um quarto sem luz nem ar. Teu pai, fugitivo, teve sede, e frio, e fome: mas as esperanças aqueciam-no, e alimentavam-no. O desgraçado parece que tinha orgulho de soffrer por mim. Nunca teve um instante de arrependimento! Meu pai empregou a branda persuasão para dissuadir-me de tão monstruoso amor. Disse-me que era menos ignominioso ficar solteira e mãe que ser casada com um amanuense de tabellião. Os fidalgos meus parentes rodearam-me, e... conven-

ceram-me. Acreditei-os... julguei-me infamada, vacillei, arrependi-me, e reneguei uma paixão indiscreta. Quizeram que eu te lançasse dos meus braços, filha do plebeu, vergonha de meus avós; mas não pude tanto. Fui eu, senão expulsa, encerrada em uma obscura casa, recebendo alimentos que meu fidalgo pai me arremessava com desprezo... Teu pai era ainda perseguido... Uma noite vi-o ao pé de mim... foi a primeira e ultima vez que te viu... tinha-te nos meus braços, creancinha de tres mezes... «Foge comigo — disse-me elle... — dirás a bordo do navio que és mulher do marujo Fernando...» não fujo... — respondi-lhe eu — «meu pai amaldiçoa-me, e eu temo as penas do inferno. Teu pai sahiu... e depois...

Fez bem não contar isto a sua filha... Não ha mãe que se ennobreça com similhante historia. Ha fragilidades que honram uma mulher; mas não são estas... O conto assim não é edificante nem pela virtude, nem pelo heroismo da paixão... D. Miquelina temeu então as penas do inferno... hypocrisia... penas do inferno são estas, não lhe parece?

D. Miquelina

São... são... O' Carlos, porque me não perdoas?

Fernando

Pois eu condemno-a?!

D. Miquelina

Ajuda-me a salvar a nossa filha!...

Fernando

Como é que se salvam estas mulheres?... Não devo ouvil-a mais, senhora... ouço passos... Absoluto silencio a meu respeito... Entre no quarto de sua filha...

Vá vêl-a morrer... (*D. Miquelina entra no quarto d'Ignez*).

SCENA V

FERNANDO, *e depois* UM CRIADO

Fernando

Como esta mulher foi bella!... Passaram só vinte annos... O que terá ído n'aquelle coração para que a face envelhecesse assim!... Vinte annos!... Chora-se, quando se vê assim a mulher que se viu vaidosa da sua formosura, cercada de tudo que adoça a existencia, e não deixa assaltal-a o pensamento da velhice desgraçada... Esta é que é uma Miquelina que eu amei!... A vida!... A vida!...

Creado

O snr. Luiz d'Abreu disse-me agora que fizesse sahir as mallas d'elle, sem que se désse fé; minha ama não quer que eu faça nada sem dar parte a v. s.ª e como o vi entrar para aqui...

Fernando

Vai dizer ao snr. Luiz d'Abreu que entre n'esta sala que eu estou aqui. (*O creado sahe*). Aproxima-se um terrivel momento!... Que diliciosa existencia esta!... Quem invejará os milhões d'este homem!...

SCENA VI

FERNANDO *e* D. MARIA

D. Maria

Pois estava aqui? Sabe as ordens do malvado?

Fernando

Sei.

D. Maria

D. Miquelina fallou com o governador civil...

Fernando

Sei tudo.

D. Maria

Entrou no quarto da menina?... Sabe como ella está?

Fernando

Não sei... (*D. Maria entra, levando um vidro de remedio, ao quarto d'Ignez*).

SCENA VII

FERNANDO SOARES *e* LUIZ D'ABREU

Fernando, *ainda só*

Quem poderá comprehender estas agonias? Muito forte é o homem, até desamparado da providencia!...

Luiz, *fumando e espreguiçando-se*

Estas trevas são romanticas .. Parece que desci á região das sombras . Sabe o senhor que acordei com um pessimo sabor na bocca! Sinto uma desagradavel preoccupação no estomago...

Fernando, *sorrindo*

E' admiravel a fortaleza do seu espirito! Converte as tragedias em farças admiravelmente!

Luiz

Pois a vida sem isto póde lá soffrer-se!... Que me diz o senhor de novo? A mãe de Ignez adormeceu, ou tem feito bravuras? Naturalmente está lá dentro com a dona da casa... Sabe que mais? palpita-me que não vae por diante a nossa convenção...

Fernando

Porque?

Luiz

A pequena cá pelos meus calculos, vae para o Porto com a mãe, e o meu amigo segue-a, e espreita occasião propicia para a tomar d'assalto... E acho que faz bem...

Fernando, *risonho*

Linguagem technica com que v. s.ª trata estas materias! Affigura-se-me um homem prodigioso o snr. Abreu! A minha vontade era estudar-lhe o interior da cabeça.

Luiz

Achava uma cabeça perfeitamente organisada, segundo correm os tempos.

Fernando

E o coração?

Luiz

O coração é um musculo ôco, dizem os anatomicos.

Fernando, *solemne*

Oco não... o seu está cheio... é o repositorio de todas as fezes, a machina onde se trabalham primores d'arte de perversidade, de infamia, de... (*mudança de tom*). Desculpe o vocabulo que é forte, meu respeitavel senhor... (*toca-lhe no hombro*).

Luiz, *rindo*

Palavra d'honra... pensei que o snr. ia formalisar-se!... Teria muita graça a sua austeridade, á ultima hora!...

Fernando

A' ultima hora... diz muito bem... Queira dizer-me, snr. Abreu: esta aventura de certo não é a primeira que desfructa?... Antes d'esta rapariga, algumas ou-

tras devem ter deixado um rasto de lagrimas para a ultima que se segue...

Luiz

V. s.ª está sentimental!

Fernando

Não, senhor: é que fallo sempre assim em linguagem de romance.

Luiz

A' Paulo de Kock?... Isso é da tragedia em cinco actos... linguagem de *centro*...

Fernando

Ora responda serio, cavalheiro: teem sido muitas as conquistas?

Luiz, *com fatuidade*

Algumas... Tenho matizado a vida o melhor que pude; mas hoje sinto-me um pouco abatido, e voto de preferencia por as delicias do estomago... Fiz o que poucos fazem.

Fernando

E não tem encontrado nunca um florete, uma bala, um punhal...

Luiz

Nem receio d'isso. A sociedade está sufficientemente corrompida para me não chamar a contos de moralidade. A virtude é contrabando entre nós. Se nos agarram com ella, perde o tempo, e os lucros. A corrupção mata a energia dos brios, e recebe todas as immoralidades como factos consummados. Quem podér, gose... «Os mortos vão depressa» diz a balada; mas os vivos não vão muito de vagar. Eu penso assim, e tenho cá as minhas razões... *Je suis l'enfant de mon siècle*... Os

francezes é que sabem viver... Aqui é necessario educar esta sociedade...

Fernando

Sim!? não cuidei que viviamos no goso de uma liberdade tão plena de ensinar... Por isso v. s.ª estranhou, sorrindo, a minha austeridade á ultima hora... Quem cá vier ensinar a doutrina da honra, deve de ser bem ridiculo!... Mas... quem sabe se o snr. Abreu vive enganado com a sociedade!... Póde ser que v. s.ª tenha tido a ventura de encontrar as excepções... E' impossivel que a regra seja o que o senhor julga... Eu sou um fragil membro d'esta sociedade, tenho sentido o contacto de todas as pustulas, e não me sinto tão gangrenado! Posso até affiançar-lhe que, na posição desgraçada do pae d'essa mulher que ahi está dentro em agonias... v. s.ª a estas horas—deixe-me parodiar a sua phrase de ha pouco—tinha passado á eternidade, com a sua reputação asquerosa, e pelo menos uma balla na cabeça...

Luiz

Essas excellentes theorias variam muito na pratica. E' o inconveniente de todos os systemas philosophicos. Um homem não se mata como quem mata um javali: é uma cousa muito séria matar um homem acordado... Mas, deixemo-nos de hypotheses funebres, meu estimavel cavalheiro. Não estabeleçamos dialectica de moral, visto que não ha auditorio. Eu entendo que o mais logico na minha situação é retirar-me. Receio algum passageiro incommodo que possa dar-me a justiça, movida pela mãe de Ignez.

Fernando

Quer retirar-se já?

Luiz

A' cautella... Uma boa retirada vale uma feliz batalha... E' cá um dos aphorismos da minha estrategia... Cada especie tem o seu Napoleão.

Fernando

Então vamos saldar contas.

Luiz

Contas?! Eu não lhe devo nada...

Fernando

Eu é que sou o devedor, o devedor honrado, meu amavel senhor. Pois não ficamos em v. s.ª acceitar-me uma gratificação pela cedencia?

Luiz

Deixemo-nos de celebreiras, meu amigo... (*Vae retirar-se: Fernando retem-o*).

Fernando, *toca uma campainha*

Queira esperar.

Luiz, *á parte*

Que quer dizer isto? Teremos asneira?...

SCENA VIII

OS MESMOS *e* D. MARIA

Fernando, *a D. Maria*

A senhora D. Ignez que entre n'esta sala.

D. Maria

Está-se esperando o effeito do remedio... Está soffrendo muito... é impossivel vir por seu pé.

Fernando

Que entre n'esta sala, e só. (*D. Maria entra no quarto*).

Luiz

Que quer o senhor fazer? A que vem Ignez aqui? O senhor não responde?! eu retiro-me...

Fernando, *voltando de fechar a porta*

Eu não fecho a porta com medo que o senhor se retire... é que não quero que nos ouçam. Pois v. s.ª não quer vêr os effeitos do veneno na face d'essa mulher que ahi vem!? E' um estudo curioso...

Luiz

Mas o que quer dizer isto?!

Fernando

Quer dizer que o snr. Luiz d'Abreu não tem da sociedade em que vive um conhecimento perfeito... Esta sua ultima immoralidade *não foi ainda recebida como facto consummado.*

SCENA IX

OS MESMOS *e* D. IGNEZ

D. Ignez, desfigurada, exprimindo sempre grande agonia; Fernando indica-lhe um canapé, e ella senta-se.

D. Ignez

Minha mãe não veiu?! porque não está aqui minha mãe!? Ella disse que vinha commigo...

Fernando

Não está aqui, porque nem tudo se póde dizer deante de sua mãe...

D. Ignez

Póde... não tenho segredo nem desgraça que ella não conheça... Quero aqui minha mãe.

Fernando

Para que?! não lhe basta o amparo d'este cavalheiro por quem trocou sua mãe?... Onde está o homem que se ama, estão resumidas todas as necessidades d'uma mulher estremosa...

D. Ignez

Pois eu vim aqui para me escarnecerem?!... Deixem-me morrer... dêem-me um confessor que quero salvar a minha alma... A zombaria commigo é uma crueldade que eu não mereço a ninguem, e muito menos a ti, Luiz... (*estendendo-lhe a mão*) Adeus... Depois de tantas amarguras, de tantos aviltamentos... perdôo-te... (*Ergue-se com transporte para tomar a mão de Luiz, que não ousa fixal-a, e Fernando obriga-a a afastar-se com impeto colerico, e muda logo para o sorriso*).

Fernando

Pois tem a suspeita de que foi muito aviltada, menina? Reanime-se que vai ser feliz: eu vou cicatrizar as feridas rasgadas pelo snr. Luiz d'Abreu. Este cavalheiro acaba de fazer-me uma cedencia amigavel.

Luiz, *colerico*

Senhor!

D. Ignez

Que ouvi, meu Deus! Uma?

Fernando, *tranquillo*

Eu menti, snr. Abreu? Essa irritação é incoherente com o seu caracter franco... Nada de biôcos de honra sobreposse. O segredo é de tres.

Luiz, *cerrando os punhos em ameaça*

Isto é uma covarde traição!

Fernando, *severamente*

Não é traição: é que sou muito acautelado nos meus contractos. Para provar-lhe que não falto á menor condição estipulada, e para que a minha consciencia fique pura de escrupulos, vou dar-lhe a gratificação promettida. (*Abreu recua alguns passos. Fernando atira-lhe á face uma bolsa*).

D. Ignez, *erguendo-se em fuga*

Minha mãi, minha mãi!... (*Luiz d'Abreu tira um punhal e accommete-o; Soares uma pistola, sem recuar; Abreu pára, e contemplam-se silenciosamente.*

SCENA X

OS MESMOS, D. MIQUELINA, D. MARIA *e o* MEDICO

D. Miquelina, *sahindo do quarto*

Filha, filha, que é?

D. Ignez, *com a face escondida no seio da mãi*

Morro!... ouvi uma cousa horrivel!... Desfaz-se-me o coração... Agora sim... mataram-me!...

Fernando, *para Abreu*

Até que emfim encontrou um estorvo... A perversidade não lhe inspira nada? Tudo isto lhe parece um sonho desagradavel... e nada mais? Acorde, e possua-se bem da magestade d'esta scena. Um conquistador da sua força deve ter espectaculos d'estes para contar. Feitos taes são os que fazem a reputação d'um elegante... Dar-se-ha caso que o senhor esteja gosando voluptuosamente aquelle quadro?! (*aponta o grupo de mãi e filha*). Olhe... é uma mãi penitente abraçando uma filha deshonrada... Aquillo é triste... Chora o coração... São pobres. Aquella filha tem de mercadejar a subsistencia de sua mãi... A caridade publica pro-

mette recebel-as a ambas n'um hospital. Quer v. s.ª por grande misericordia lançar uma moeda de cobre no regaço d'aquella mulher? Barato lhe fica tamanho triumpho! (*obrigando-o a encaral-as*). Porque não ha-de vel-as, senhor? São a sua obra... Reveja-se bem n'aquelles tropheus... Vá agora cuspir na face de ambas... (*com terrivel reconcentração*). Aqui tem o senhor um braço cuja energia a corrupção não enfraqueceu... Posso até asseverar-lhe que o catalogo das suas victimas acaba alli.

Luiz

Comprehendo que o senhor é um assassino, e assassino por gosto... Ameaça-me com a morte, sem algum titulo nobre que possa desculpar esse procedimento.

Fernando, *quasi ao ouvido*

Tenho a franqueza de querer justificar-me aos seus olhos, infame... O senhor sabe o que é ser assassino mas não sabe o que é... o que é... ser pai...

Luiz, *assombrado*

Seu pai!...

D. Ignez

Que disse elle!

D. Miquelina

Sim, sim, teu pai! de joelhos... de joelhos, minha filha!...

D. Ignez, *como arrastada*

Não é possivel... estou passando pelo delirio de uma febre... é o veneno...

D. Miquelina

Não, Ignez... é teu pai... ajoelha comigo...

Fernando, *severamente*

Afastem-se...

D. Ignez

Que eu não morra sem o seu perdão... Estou envenenada... pouco posso viver... Não me amaldiçoe!...

D Miquelina

Carlos! tua filha que se ajoelha... escuta-nos... Ella morre sem ter ouvido de seu pai uma palavra de amor.

Fernando, *muito compungido*

E eu sem ter merecido ao genero humano uma lagrima de compaixão...

D. Miquelina

Salva-nos a ambas... salva-nos, Carlos.

D. Ignez, *muito angustiada*

Que nos deixe ao menos morrer abraçadas, abençoando o seu nome.

Medico

Fui chamado para curar esta senhora d'um envenenamento, e como medico declaro que esta situação não póde demorar-se. Ou vêl-a morrer aqui, ou tentar o ultimo esforço para salval-a.

Fernando, *erguendo com ternura sua filha*

Vai... filha, vai... Se morres, ou vives, não poderei salvar a tua reputação... mas vingar-te-hei, vingar-nos-hemos... Doutor... salve-m'a... (*D. Ignez é transportada ao quarto, nos braços do medico e da mãi. D. Maria sáe pela porta do fundo*).

SCENA XI

FERNANDO SOARES *e* LUIZ D'ABREU

Fernando, *cruzando os braços defronte de Luiz*

O senhor é um homem a quem não póde propôr-se

um duello. Entre dous homens que se batem é preciso que o pundonor tenha sido reciprocamente ultrajado.

Luiz

Eu não me recordo de o ter offendido ao senhor... Ainda assim... se me propõe um duello... entre cavalheiros... ha certas formalidades...

Fernando

Eu não lhe proponho um duello... Vergonha para mim se lhe désse gotta do meu sangue!... o que o senhor quizer... E' um capricho de assassino por prazer .. que move a punil-o por ter atirado á desgraça uma fragil mulher que não póde travar armas comsigo... Eu sou o pai da sua victima, senhor! Tenho dito tudo.

Luiz

Eu não o conhecia como tal...

Fernando, *com serenidade*

Quer dizer que uma senhora, sem pai conhecido, póde ser arrastada pelos cabellos dos braços de sua mãi aos da prostituição, e d'ahi ás agonias do veneno, e do veneno á sepultura... E o mau homem que *matisa* com infamias taes a sua existencia, não é obrigado a descobrir-se perante a sociedade que lhe pede contas da mulher sacrificada a uma paixão feroz... A serenidade com que eu discuto, senhor!... Bem vê que o estou estudando...

Luiz

Ha um meio prompto de rehabilitar sua filha.

Fernando

Qual?

Luiz

Não duvido casar com ella.

Fernando

Casar com ella!.. O senhor póde por ventura rehabilitar mulher nenhuma!? Que pai lhe daria uma filha, homem tres vezes infame!? Offereceu-m'a ha pouco... cedeu-m'a com o contentamento d'um cigano que passa um pessimo cavallo... Miseravel!... que tem ella agora que mais valha para ser mulher?... *(Tira, convulsivamente, uma pistola. Tropel no corredor, e luzes.*

SCENA XII

OS MESMOS *e o* ADMINISTRADOR DO BAIRRO, ESCRIVÃO, D. MARIA *e* CREADOS

Administrador, *lendo um officio*

Qual dos senhores é Luiz d'Abreu, natural do Porto?

Luiz, *áparte*

Estou salvo! (*alto*) Sou eu, senhor.

Administrador

Siga-me: eu sou o administrador d'este bairro, e prendo-o por ordens superiores.

Luiz

Promptamente. (*Quer seguil-o*).

Fernando

Esperem.

Administrador

Não soffre delongas a execução do mandado do governo civil. Este senhor tem de ser posto em custodia immediatamente.

Fernando

Esperem. (*Para o administrador*) O senhor sabe porque é preso este homem?

Administrador

Por um crime de rapto.

Luiz

Eu provarei que se não rapta uma mulher que nos segue muito por sua livre vontade. E de mais, eu estou prompto a casar com ella.

Fernando, *para a auctoridade*

Diga-me: os infames d'esta ordem como são punidos em Portugal?

Luiz

Note, snr. administrador, que sou insultado vilmente por este homem... Estou debaixo da lei.

Fernando, *para o administrador*

Responde-me, senhor?

Administrador

O crime de rapto tem penas designadas no codigo penal, segundo as circumstancias.

Fernando

Poucas palavras a uma pergunta simples... Ha uma forca? Um pai, rico ou pobre, póde levar á forca o malvado que lhe atira aos pés o cadaver deshonrado de sua filha?

Administrador

Isso decide-se nos tribunaes, mediante um processo.

Fernando

E' muito demorado esse processo?

Administrador

Tem os tramites da lei, testemunhas, depoimentos, provas, um juiz emfim.

Fernando

Que provas, senhor? O que são aqui as provas? Quem vem depôr ao tribunal contra este homem? E' essa mulher que ahi está dentro agonisando?!

Administrador

Não sei... o preso é ámanhã entregue ao crime, e seja-lhe v. s.ª parte.

Fernando, *engatilhando a pistola*

Eu não sou parte, sou juiz. (*Abreu é ferido no peito, e cahe sobre o canapé*).

SCENA FINAL

D. MARIA, *e* D. MIQUELINA, *dentro*

Está salva! está salva!...

D. Miquelina, *attribulada*

Oh Carlos! que fizeste?... nossa filha não morre!...

Fernando, *tranquillamente*

Pois que viva. Não terá de córar deante d'esse infame... (*para o administrador*). O preso sou eu, senhor.

FIM

ESPINHOS E FLORES

AO SNR.

ALEXANDRE HERCULANO

Eu sigo aquella velha usança de offerecer aos principes obras que a magnanimidade regia acceitava, com o mesmo beneplacito para as excellentes e para as mediocres.

No meu mundo, que se présa de não ser o mundo de todos, tambem ha principes assentados em thronos inabalaveis: na firmeza dos thronos está a grande differença entre os dois mundos.

A obra offerecida não é adulação, nem siquer lisonja, porque não vale um grão de myrrha.

Alexandre Herculano disse que não ha lauda impressa que não tenha o seu merecimento. Entre tantas haverá n'este folheto uma só, onde o profundo philosopho encontre a verdade do coração humano?

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

PERSONAGENS

JOSEFINA.
D. AMALIA.
MARIA—oito annos de idade.
PADRE HENRIQUE.
PEDRO D'OLIVEIRA.
LUIZ DE ATHAIDE.
CAVALHEIROS—denominados 1.º, 2.º e 3.º
DAMAS—com a mesma denominação.
CRIADOS.

ESPINHOS E FLORES

QUADRO I

O interior d'uma casa d'aldeia, com limpeza, mas singelamente mobilada

SCENA I

PADRE HENRIQUE, *á esquerda, rezando no seu breviario, defronte de* JOSEFINA, *sentada n'uma esteira a costurar, com uma banqueta de trabalho junto d'ella.*

Padre Henrique, *marcando com os oculos a pagina d'um livro*

Estás a chorar, Josefina ?... Valha-te Nossa Senhora... Essas tuas lagrimas perdem a virtude por serem de mais...

Josefina, *enchugando as lagrimas*

Quando deixarei eu de chorar, meu tio ?!...

Padre Henrique

Quando a graça de Deus, bem merecida pela resignação, vier em teu auxilio.

Josefina

Bem resignada estou...

Padre Henrique

Estás... Oito annos a chorar!... Bom é que chores... Se não fosse a respiração das lagrimas, tinhas morrido, filha.

Josefina

Mão mereci a Deus essa esmola.

Padre Henrique

Nem lh'a deves pedir... que és mãe.

Josefina

Hoje não peço... Vivo para minha filha...

Padre Henrique, *affavel e risonho*

Só para tua filha, ingrata? (*Põe-lhe a mão na cabeça, e beija-lh'a.*) Que estás fazendo? (*Senta-se na banqueta.*)

Josefina

Estou a bainhar o seu lenço.

Padre Henrique

E a lavar-m'o com lagrimas... Onde está a pequena?

Josefina

Debaixo da ramada fazendo uma casinha.

Padre Henrique

Vae buscal-a que são horas da lição... Ora anda... (*Josefina sahe.*)

SCENA II

PADRE HENRIQUE

Coitadinha... é uma martyr... Como será a consciencia do homem responsavel d'este infortunio? Deus perdôe a ambos... A desgraça d'algumas creaturas, n'este mundo, é prova da vida futura... Atormentada oito annos, amando-o sempre, esperando-o todos os dias... Ella diz que não... mas as boas almas não sabem fingir-se... Esperando.... o que? Deixal-a esperar até á morte... Por fim virá o céo. Deus me livre de lhe combater a esperança...

SCENA III

PADRE HENRIQUE, JOSEFINA *e* MARIA

Josefina, *com a menina ao collo*

Valha-me Deus! Fui encontral-a com os pésinhos mettidos nas pôças... Ralhe-lhe, meu tio.

Padre Henrique

Ah, travêssa! Eu vou castigal-a, bem castigada... Ora, dá-m'a cá.

Josefina, *a meia voz*

Não lhe ralhe muito...

Padre Henrique

Tal és tu como ella... Vae cuidar do jantar, que são horas. (*Josefina sahe; o padre senta-se com a menina ao pé, monta os oculos, e folheia um livrinho.*) Ora leia no seu livro, sua traquinas. Diga lá.

Maria, *lendo*

«Uma filha que faz chorar sua mãe, causa-lhe o pe-«sar maior que póde causar-lhe, isto é, o pesar de ser «mãe.»

Padre Henrique

Lê com pausa, Maria. (*Repete elle a leitura.*) Isto quer dizer que tua mãe, quando a fazes soffrer, antes quereria que tu não fosses sua filha, entendes?

Maria

E a maman já não é minha amiga, tio?

Padre Henrique

Se já não é tua amiga... Eu sei!... Tu andaste no quintal com os pés mettidos nos charcos... Parece-me que já não é tão tua amiga como era... Tu assim o

queres... Não chores, filha; tudo se remedeia... Se me promettes não ir mais ao quintal por mau tempo, faço que tua mãe seja amiguinha como era.

Maria

Prometto, prometto.

Padre Henrique

Ora deixa estar que ella ahi vem.

SCENA IV

OS MESMOS *e* JOSEFINA

Padre Henrique

Ora vem cá, Josefina. Maria fez uma promessa de nunca faltar, se tu esqueceres que ella andou a patinhar na agua; mas quer que sejas sua amiga como eras.

Josefina

Se ella promette, e o tio fica por ella...

Padre Henrique

Fico por ti, Maria? Olha lá se me deixas ficar mal.

Maria

Não deixo, não; fique por mim, tio!...

Padre Henrique

Então vá abraçar sua mãe, e venha depois dar uma beijoca no tio padre.

Josefina, *tomando-a para o collo*

Estás perdoada; não tornas a fazer outra?

Maria, *saltando ao chão*

Não, maman, e deixa-me ir brincar com o frango derrabado?

Josefina

Pois sim, vae, minha filha.

Padre Henrique

Não, senhora, não vae brincar com o frango derrabado. São horas de estudar a lição de escripta. Vá para o meu quarto, que eu lá vou ter. (*Maria sahe amuada*).

SCENA V

PADRE HENRIQUE *e* JOSEFINA

Josefina

Deixe-a ir brincar, coitadinha...

Padre Henrique

Valha-te Deus, Josefina... o teu amor é de mãe; mas as obrigações do amor maternal tem dureza... dás-lhe demasiado mimo. E' preciso comprimires no coração metade da ternura.

Josefina, *com tristeza*

Custa muito...

Padre Henrique

Custa muito... eu por mim ajuizo quanto custa; mas, sobrinha, põe diante dos teus olhos o peior futuro, se o amor de mãe te não cega. Se não deixares como herança de tua filha um coração humilde, e uma indole muito provada para vencer os grandes trabalhos com a grande paciencia, que sorte será a sua?

Josefina, *pensativa, e tardia nas expressões*

E' verdade... nada temos, ou quasi nada temos que lhe deixar; mas o tio não disse que eu posso das economias, que faço de tudo que meu irmão nos manda do Brazil, arranjar-lhe um patrimoniosinho?

Padre Henrique

E quem nos assegura que teu irmão vive n'este mo-

mento? Quem sabe se eu te faltarei ámanhã, e tu precisarás gastar os seiscentos mil réis que tens? Quem nos diz se uma grande doença nos ha de consumir os poucos torrões que temos?... Olha, Josefina, queres saber qual é o melhor destino de tua filha? o céo... a morte, n'esta idade dos anjos.

Josefina

Deus me defenda d'esse golpe!

Padre Henrique

Cala-te, cala-te, que estás peccando!... Tu parece que não sabes o que é a vida...

Josefina

Sei, sei de mais...

Padre Henrique

Está bom, está bom, nada de lagrimas... Sabes o que é a vida, e por isso mesmo tens maior obrigação de querer o céo para tua filha.

Josefina

Pois não ha outra esperança? E' impossivel viver, e ser feliz, minha filha?! Porque eu fui desgraçada, ha de ella sel-o tambem?

Padre Henrique

Ha dezoito annos, tinhas tu os annos de tua filha; promettias um futuro melhor que o d'ella; e por fim... Calemo-nos; não se te póde dizer nada... choras logo...

SCENA VI

OS MESMOS *e* MARIA

Maria

O tio não vem?

Padre Henrique, *indo*

Ahi vou, ahi vou... (*Reflectindo*). Eu tinha que te dizer, Josefina... (*Para Maria*). Vai indo, que eu lá vou já.

Maria

Deixa-me apanhar o frango derrabado só um bocadinho?

Padre Henrique

Já te disse que não apanhas o frango. Apre! que é teima! (*Maria sahe*).

SCENA VII

JOSEFINA *e* PADRE HENRIQUE

Padre Henrique

Devo lembrar-te que, no mez passado, recebemos carta de teu mano, escripta de França. Dizia elle que estava indeciso se viria a Portugal; mas que talvez viesse, por ter grande desejo de conhecer uma irmã que deixára de tres annos, e um tio que mal se recordava ter visto na portaria do convento de Vinhaes. Caso venha, promette escrever-me de Lisboa. Ora bem; ha ainda muito tempo para deliberar o que se ha de fazer, se elle vier; mas bom é fallarmos n'isto.

Josefina

Não ha que fallar, meu tio. E' recebermol-o como quem recebe um sobrinho, e um bemfeitor.

Padre Henrique

Dizes bem; mas aqui não ha só uma irmã, e um tio... Está comnosco uma menina, e esta menina... não póde dizer que sua mãe é viuva.

Josefina, *alvoroçada*

Jesus!... Tem razão... Eu não devo apparecer diante de meu irmão.

Padre Henrique

Não é tanto assim. Se um peccador, cheio de crimes, é recebido na presença de Deus para ser julgado, porque não has de tu, maculada por um erro, apparecer diante dos homens? Este mundo é valle de lagrimas, não é tribunal de condemnados, nem de absolvidos, filha. Quem se esconde com a sua culpa dos olhos d'um irmão, e se mostra a Deus com mais confiança na sua misericordia, parece que respeita o mundo mais do que Deus.

Josefina

Essas palavras são muito amargas, meu tio...

Padre Henrique

Deixal-as ser nos labios; o coração, que t'as dá, está cheio das doçuras do amor. (*Abraçando-a*). Tu bem sabes que soffro, se te magôo. A tua dôr tem-me feito supersticioso... Quando te faço involuntariamente chorar, affigura-se-me que tua santa mãe me reprehende... Abraça-me com fé em Deus, e esperança em mim... Vou á tua filha.

SCENA VIII

OS MESMOS *e* MARIA

Maria

Maman, maman!

Josefina

Que é, filha, que é?

Maria

Estão alli á porta uns senhores.

Josefina, *espreitando pela janella*

Uns senhores!... E' um homem e uma senhora a cavallo, e trazem lacaio.

Padre Henrique, *indo á janella*

Quem poderão ser? (*A' janella*). Quem é que procuram?

Voz

Mora aqui o snr. padre Henrique?

Padre Henrique

N'esta freguezia ha dois padres com esse nome; mas, n'esta aldeia, padre Henrique de Oliveira é este seu criado.

Voz

E' o senhor mesmo que procuro.

Padre Henrique

Eu vou receber as suas ordens. (*Para a sobrinha*). Isto deve ser alguma encommenda de sermão para Bragança. Eu vou buscal-os para aqui, se elles quizerem subir. Arranja essa casa. Tira d'alli as minhas botas, Maria. Olha aquella chimarra que não fique sobre a commoda. (*Sahe*).

SCENA IX

JOSEFINA *e* MARIA

Josefina, *espanejando a commoda*

Sinto-me tão opprimida! Que me adivinhará o coração! As palavras de meu tio assustaram-me!

Maria

A maman está triste?

Josefina

Não, filha, não.

Maria

Eu não torno a patinhar nas poças.

Josefina

Permitta Deus que meu irmão não venha, se ha de vir augmentar as minhas penas... Vem, Maria. (*Sahem*).

SCENA X

PADRE HENRIQUE, PEDRO DE OLIVEIRA *e* D. AMALIA

Padre Henrique

Terão a bondade de desculpar o desarranjo d'esta casa de pobre padre d'aldeia.

Pedro, *commovido, e com disfarce*

Dá-me licença que me sente? (*Sentando-se*).

Padre Henrique, *sacudindo o pó da cadeira com o capote*

Minha senhora, faz favor de sentar-se... O senhor está incommodado?

Pedro

Não, senhor, estou fatigado... Venho de longe, sempre debaixo de mau tempo, por estradas intransitaveis... Está o snr. padre Henrique muito longe de imaginar o fim que me traz a sua casa.

Padre Henrique

Espero as suas ordens, meu senhor.

Pedro

Encontrei-me na exposição de Paris com um cavalheiro, que me disse ser seu sobrinho.

Padre Henrique

Pois esteve com meu sobrinho?!

Pedro

E' verdade; e, como sou de Bragança, recebi d'elle a satisfactoria incumbencia de lhe dar um abraço. (*Abraça-o commovido*). E minha mulher tambem é portadora de um abraço para a irmã do meu amigo.

Padre Henrique

Eu chamo-a... Josefina! (*Sahe, chamando-a.*)

SCENA XI

PEDRO *e* D. AMALIA

Pedro, *com transporte*

Respiro! vivem ambos!

D. Amalia

Estás tão agitado, Pedro! D'esse modo não te disfarças muito tempo.

Pedro

Talvez não possa.

SCENA XII

OS MESMOS, JOSEFINA *e* PADRE HENRIQUE

Padre Henrique

Recebe d'aquella senhora um abraço que teu mano te manda. (*Abraçam-se: Josefina com acanhamento*).

D. Amalia, *com jubilo*

Foi uma commissão bem agradavel; mas muito mais agradavel á menina, se o abraço não tivesse portadora...

Josefina

Se Deus não quer que eu veja meu irmão, é grande prazer abraçar uma pessoa que o viu.

Pedro

E, se o visse, de certo que o não conhecia.

Josefina

Não, meu senhor. Tinha eu trinta annos quando elle foi para o Brazil... E meu irmão não vem cá?

Pedro

Disse-me que tenciona vir... De certo o não conhece, snr. padre Henrique.

Padre Henrique

A mim? de certo não... Passaram por cá vinte e cinco annos amargurados; mas todas as amarguras, dobrando-me o corpo, não me venceram a paciencia da alma.

Pedro

Amarguras!... quaes?! Não teve elle, desde certo tempo, cuidado em proteger a sua familia?

Padre Henrique

Meu senhor, o pão do corpo não dispensa o pão do espirito. Eu fallo da penuria da alma, que meu sobrinho não podia remediar... Coisas, coisas de padre velho... Ora vamos... Meu sobrinho tem meios de viver farto e com honra?

Pedro, *abstrahido*

Creio que sim...

Padre Henrique

Arranjou os seus haveres por negocio licito? não foi á escravatura?

Pedro

Não, senhor. Foi doze annos caixeiro com pequeno ordenado, e caixeiro esperava morrer, quando uma se-

nhora muito rica e muito virtuosa o quiz para seu marido.

Padre Henrique

Abençoado seja o Senhor! Eu disse-lhe sempre de cá; «filho, em tua casa ha um caldo feito em paz e comido com honra; vem quando quizeres.» Não veio. Bem sabia Deus para que o conservava lá... Ora pois, n'estes arredores não ha estalagem. Josefina, vai servir os amigos do teu mano. Dá-nos o melhor jantar que podéres, para fazermos uma saude ao nosso amigo, irmão, sobrinho e bemfeitor.

Pedro

Nem siquer por delicadeza recusamos, snr. padre Henrique; mas não se dispensa esta senhora do trabalho da cosinha? Nós queremol-a comnosco.

Padre Henrique

Não é possivel... Minha sobrina é ama e criada. Vae, vae, Josefina. *(Josefina sahe.)*

SCENA XIII

OS MESMOS, *excepto* JOSEFINA

Pedro

Eu cuidei que seu sobrinho dava para esta casa uma abundante mesada... Permitta-me uma curiosidade... Eu sei os negocios particulares de Pedro de Oliveira. O que elle tem mandado entregar mensalmente á sua familia são trinta mil réis: não os tem recebido?

Padre Henrique

Pontualmente me tem sido entregues.

Pedro

E com tal mesada não se póde viver melhor n'uma aldeia?! Desculpe-me estas liberdades...

Padre Henrique

Póde, sim, senhor.

Pedro, *risonho*

E então? fizeram voto de viver pobremente?

Padre Henrique, *risonho*

Eu fiz porque fui frade... (*Triste.*) Ella... se v. exc.ª me dispensa de não corresponder á franqueza da sua pergunta...

Pedro

O' senhor..., eu é que peço perdão do meu zelo demasiado; mas ha aqui um segredo da familia... (*Áparte*). Que será isto?

SCENA XIV

OS MESMOS *e* MARIA

Maria, *chorosa*

A maman matou o meu franguinho derrabado. (*Vae encostar-se aos joelhos do padre*).

D. Amalia

Ai! uma menina tão galantinha!

Pedro

Uma menina! Que menina é esta? é da sua familia?

Padre Henrique

Sim, senhor. Logo que Deus sabe que é da minha familia, póde sabel o todo o mundo.

Pedro

Mas a sua familia creio que é uma sobrinha, e esta... supponho que é solteira...

Padre Henrique

E' solteira.

Pedro, *agitado*

E esta menina é sua filha?

Padre Henrique

Sim, senhor.

Pedro

Filha natural d'uma irmã de... (*Reprime-se.*) O meu amigo Pedro d'Oliveira ignora a existencia d'esta sobrinha. Não serei eu quem lh'a denuncie... Lá, ao longe tambem chega, com a saudade, a vergonha dos parentes.

D. Amalia, *meia-voz*

Pedro!

Padre Henrique

V. s.ª parece zeloso em excesso do bom nome de minha familia... O extremo zelo em moral é o relaxamento da caridade evangelica.

Pedro

Mas a caridade, snr. padre Henrique, não absolve escandalos.

Padre Henrique

Absolve desgraçados.

Pedro, *com authoridade*

Faz que esta creança se retire? preciso fallar-lhe, senhor.

Padre Henrique

Vae á tua mãe, Maria. (*Maria sahe.*)

Pedro, *com severidade*

Eu tenho direito de perguntar pela honra da casa onde nasci. Pedro d'Oliveira está na sua presença.

Padre Henrique, *expansivo*

Meu sobrinho! devia ter-te conhecido... (*Quer abraçal-o*).

Pedro, *afastando-se*

Ainda não reconheci o irmão de meu honrado pae! Eu esperava encontrar, ao lado de minha irmã, um tio, como o anjo protector da sua virtude. Acho uma filha d'essa irmã, como o testimunho d'um crime, sentada nos joelhos d'um padre ..

Padre Henrique, *gravemente*

Os padres não estrangulam creanças. Se querem imitar o divino mestre, recebem-nas no regaço. Não me deis lições de moral, filho do meu irmão. Antes dos vossos insultos, encaneceram-me os cabellos em oito dias. Eu vos perdôo. Podeis fazer que eu chore alguma lagrima que me resta: mas enverganhar-me, não.

D. Amalia

Pedro... escuta a tua boa alma!

Pedro, *apoz momentos de silencio, com tristeza e brandura*

Como foi a desgraça de minha irmã?

Padre Henrique

E' a historia de todas as desgraçadas. Amor, perfidia, desamparo... Mas nem todas as desgraçadas se rehabilitam como ella perante Deus.

Pedro

E perante a sociedade?

Padre Henrique

São arrastadas pelos cabellos, recebem depois da culpa o martyrio, e entram mais triumphantes no céo.

Pedro, *irado*

Vive o seductor de minha irmã?

Padre Henrique, *sempre com brandura*

Vive.

Pedro

Em circumstancias de ser seu marido?

Padre Henrique

Inspirasse-o Deus, sendo elle capaz de o ser.

Pedro

E' um homem em alta posição?

Padre Henrique

D'esses a quem não chega a lei dos homens.

Pedro

Nem uma balla?

Padre Henrique

Não se lava uma nódoa com sangue, meu sobrinho; é com lagrimas.

Pedro

E' um homem a quem se possa offerecer um grande dote?

Padre Henrique

Póde ser que seja... Eu não conheço bem a omni potencia do dinheiro.

Pedro

Vive aqui?

Padre Henrique

E' d'aqui; mas vive em Lisboa.

SCENA XV

OS MESMOS *e* JOSEFINA

Josefina

Meu tio, eu vinha lembrar-lhe se vocemecê vae pe-

dir a algum lavrador que recolha as cavalvaduras, porque não temos uma loja capaz.

Pedro

Dispenso o incómmodo porque vou sahir... Vamos, Amalia.

D. Amalia, *com effusão*

Espera...!

Josefina

Vão sahir?! então não jantam cá?

D. Amalia, *á parte*

Que situação esta!

Josefina

Meu tio está tão triste!... Teve algum desgosto! E' alguma noticia má de meu irmão, que me querem occultar?...

Pedro

Se alguma coisa deve aqui occultar-se... é a senhora. Esconda quanto poder o rosto aos olhos de seu irmão, se algum dia elle aqui vier.

D. Amalia

Pedro! isto é uma crueldade! serei eu a primeira a abraçal-a, e a chamar-lhe minha querida irmã! (*Abraça-a.*)

Josefina

Senhora!... eu não entendi bem...

D. Amalia

Venha abraçar seu irmão.

Josefina

Meu irmão! (*Crava os olhos no chão e fica immovel*).

Padre Henrique, *ao lado d'ella*

Se te sentes enfraquecer, minha filha, tens aqui o teu

velho amparo. (*Ella abraça-o suffocada por soluços, escondendo-lhe a face no peito.*)

D. Amalia, *com muita ternura*

Meu filho, vae abraçar tua irmã! Supplico-t'o eu de mãos postas. (*Pedro senta-se convulsivo*).

SCENA XVI

OS MESMOS *e* MARIA

Maria, *correndo*

Maman!... (*Reparando*) a maman está a chorar! (*Abraça-a.*)

Pedro, *erguendo-se*

E' esse o penhor que me dá da sua virtude, Josefina?

D. Amalia

Por piedade, Pedro!

Pedro

Acha que eu devo ter um grande orgulho de entrar em casa de meu pae, que deixei sem mancha?

Padre Henrique

Meu sobrinho, tendes direito de tomar metade d'esta casa, que é vossa... é mais nenhum. Meu irmão, e vosso pae teria perdoado; vós... passaes a esponja do fel sobre a chaga aberta para sempre.

Pedro

E a deshonra é uma chaga que feche?

Padre Henrique

Visto que temeis tanto a sociedade, se sois rico, mostrai-lhe o vosso dinheiro, e ella vos honrará. Algumas vezes o protesto contra o vicio é a deshonra da virtude.

Pedro

Falla pela bôca do mundo, senhor. Mas eu não oiço o mundo, oiço a minha consciencia. Josefina será minha irmã, quando podér convencer-me que essa creança não é sua filha.

Josefina, *com precipitação*

O quê? não é minha filha? Querem separar-me de minha filha? (*Abraçando-se a ella freneticamente.*)

Padre Henrique

Isso é impossivel, pobre mãe!... Não contas já commigo, Josefina?

Pedro, *sarcastico*

Dá-lhe animo na deshonra!... A religião dos frades era assim?

Padre Henrique, *com muita humildade*

Reparti por mim os vossos ultrajes, meu sobrinho, que eu posso bem com elles; mas não injurieis a religião da caridade.

Josefina, *animosa*

E com que direito nos insultam, meu tio?!

Padre Henrique

Reprehendem-te, filha, não te insultam... Bem póde ser que este resentimento de teu irmão se converta em dó. Chora d'aquellas lagrimas que eu te enchugava. O filho de tua mãe não póde ser uma fera.

D. Amalia

Perdôa-lhe, perdôa-lhe!

Pedro

Mas o que é aqui perdoar?!... Ha mulheres que se perderam violentadas pela indigencia. Nem essas devem

ser perdoadas: o trabalho é a resalva do crime... Mas esta... perdeu-se no seio da abundancia... Quem lhe perdoará? De que lhe serviram os meios que eu lhe dei para sustental-a virtuosa?!

Josefina, *abrindo um gavetão, e tirando um sacco de dinheiro, com altivez*

Aqui está o seu dinheiro, senhor! Eu era muito rica sem elle... Tinha o amor de meu tio, e de minha filha. (*Correndo a abraçal-a, deixa cahir o sacco.*) Meu irmão, fuja depressa d'estes sitios, para que o contagio da minha culpa, e da minha pobreza o não toque! Vá, e não diga que tem aqui uma irmã, que eu prometto nunca proferir o seu nome... deixe-me com minha filha, e não abrevie os dias do meu bemfeitor!...

Pedro, *a meia voz*

Ha um grande coração n'esta infeliz! Qual de nós será o deshonrado?!

D. Amalia, *tomando-lhe as mãos*

Tu não tinhas assim uma alma cruel, Pedro!

Pedro, *arrebatado*

E' um toque divino! (*Vae ao grupo, e toma a creança em transporte.*)

Josefina

Minha filha! dê-me a minha filha.

Pedro, *muito commovido*

Não consentes que eu beije tua filha, minha irmã? (*O padre ergue as mãos. Josefina fica suspensa, e como extatica em sua alegria. Amalia abraça o marido e sobrinha no mesmo abraço.*)

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

QUADRO II

Saleta com mobilia rica, fogão com lume

SCENA I

Um criado de libré traz algumas cartas, que põe sobre uma mesa, e sahe. LUIZ D'ATHAIDE, *em trajes domesticos, abre duas cartas que depõe, vendo a assignatura, e repara no sobrescripto da terceira.*

Luiz

Carimbada em Lisboa, letra fingida!... isto deve ser uma carta anonyma... Sou mimoso d'estas brincadeiras... (*Com admiração, lendo a assignatura.*) Josefina Emilia! Como?! esta mulher estará em Lisboa!? (*Lê.*) «Quando se é mãe extremosa, sente-se bom o coração «para todo o mundo: até ao algoz se perdôa. Minha «filha é a tua imagem: sem te conhecer, pede-me por «ti. A tua vida está em perigo. Foge de Lisboa.—*Jose-«fina Emilia.*» Que quer dizer isto?! Não posso imaginar que brinquedo é esta carta... (*Repete a leitura mentalmente.*)

SCENA II

LUIZ D'ATHAIDE *e* CRIADO

Criado

Um bilhete d'um senhor que espera.

Luiz

Que suba para esta sala, e tenha a bondade de esperar um instante. *(O criado sahe.)* Pessima occasião de

visitas! *(Sahe deixando descuidosamente a carta sobre a mesa.)*

SCENA III

PEDRO D'OLIVEIRA *e* CRIADO

Pedro

Eu não quero ser importuno. Se incommódo o snr. Luiz d'Athaide, retiro-me.

Criado

S. Ex.ª vem já. *(Sahe.)*

(Pedro, pondo o chapéo sobre a cadeira immediata á mesa, vê a carta. Lê em sobresalto, e, ouvindo passos, finge-se tranquillo.)

SCENA IV

LUIZ D'ATHAIDE *e* PEDRO D'OLIVEIRA

Luiz

O meu amigo desculpa-me fazel-o esperar...

Pedro

Oh! cavalheiro...

Luiz, *conduzindo-o ao sophá*

Como passou o resto da noite... isto é, o resto da manhã?

Pedro

Dormitei alguns minutos. Depois d'um baile tão animado, tão variado, tão rico de todos os excitantes, os nervos não descansam, e a imaginação folga de reproduzir as scenas. Estavam alli mulheres divinas! A sua promettida esposa, snr. Athaide, é uma formosa menina. E' uma d'essas raras mulheres, que enchem o ração de ternura e a cabeça de orgulho.

Luiz, *com fatuidade*

Penso que sim. Não estou fascinado a ponto de jurar que a amo muito. Tambem não caso deslumbrado pelo dote que tem. Sabe o meu amigo como se explica o meu casamento? Estou aborrecido de mim. Estou cansado de ser abelha de todas as flôres. Resolvi fazer-me mollusco, e pouco me importa que minha mulher seja uma pedra, com tanto que eu seja uma ostra.

Pedro, *risonho*

E' espirituosa a metáphora! Deve ter tido uma vida bem afortunada quem, tão novo, no vigor dos annos, concebe tedio de si mesmo!... A embriaguez do gôso parece-se com a do vinho: deixa a alma desfallecida e inerte.

Luiz

Ha grandes lances na minha vida, snr. Oliveira...

Pedro

Rapaziadas gloriosas, não?

Luiz

Não, senhor. Eu tenho crimes... e a gloria dos crimes, é preciso estar muito corrompido, para acceital-a das mãos da sociedade corrompida que a dá. O que sinto em mim não é corrupção, é lethargo... Como quem se abre a um amigo de poucos dias, mas de muita confiança, dir-lhe-hei que tenho na minha vida paginas negras, que tomára eu podel-as arrancar. Ser mau, quando se quer ser bom, custa muito... *(Muda para o jovial.)* Mas que culpa tem o senhor das minhas melancholias?!

Pedro

Parece-me que o snr. Luiz d'Athaide tem uma roma-

nesca imaginação facil de exaltar-se com as impressões de momento...

Luiz

Uma recebi eu agora, que me impressionou bastante. Vou-lh'a revelar como prova de muita confiança... *(Procura nas algibeiras, ergue-se, busca, e acha a carta sobre a mesa.)* Aqui está o que eu buscava. *(Pedro ergue-se.)* Recebo agora esta singularissima carta. Queira vêr. *(Pedro lê alto.)*

Pedro

Parece-me que ha aqui uma situação melodramatica. *(Dá-lhe a carta.)*

Luiz

Isto, ou é logração de pessoa que soube das minhas relações com esta mulher, ou então... é um aviso muito sério.

Pedro, *abstrahido*

De certo... um aviso que não deve ser despresado.

Luiz

Mas não vejo de quem possa vir um desforço tão summario. Esta mulher é da provincia. Não tinha alguem que, depois de sete ou oito annos, me viesse pedir contas tão solemnes d'uma aventura tão ordinaria... Não sei, não sei o que deva pensar d'isto...

Pedro

Bem póde ser uma logração. Tem o meu amigo rivaes por causa da sua noiva?

Luiz

Devo ter; mas não sei que tenha algum tão lôrpa que promovesse a minha derrota com similhante arma. Todavia... póde ser... Os lôrpas são numerosos, segundo a Biblia, e o amor faz um novo todos os dias.

Pedro, *risonho*

Diz muito bem... o amor faz muitos lôrpas, quando não faz criminosos... Antes os primeiros... Outro assumpto... V. exc.ª dá-me a honra da sua estima...

Luiz

O' senhor!... é admiravel a dedicação que lhe voto, snr. Oliveira, conhecendo-o apenas ha quinze dias.

Pedro

As sympathias nascem de improviso, e diz um escriptor que são uma especie de reminiscencia entre duas pessoas que já foram muito amigas n'uma outra vida.

Luiz

Impressionou-me essa sombria tristeza que o domina sempre!... Nem hontem no baile o vi risonho! E sua senhora participa do seu caracter... triste sempre! O meu amigo tem necessariamente uma nuvem negra que lhe escurece todos os objectos.

Pedro

Nem todos. Vejo n'este mundo objectos luminosos ao pé das trevas. Vejo rosas, e espinhos. Fontes limpidas, e charcos asquerosos. A fome nutrindo-se de gemidos, e a abundancia devorada pela fome de sensações novas. Vejo lagrimas de sangue, e risos injuriosos. Supplicas, e sarcasmos. Victimas opprimidas, e verdugos coroados. Já vê que nem tudo é negro diante dos meus olhos. Ha variedade nas minhas impressões. Bem longe de ser mysanthropo, vivo como tem visto, vou procurar sensações agradaveis a toda a parte do mundo onde as presinto... e...

Luiz

Mas triste sempre!

Pedro

E' indole, sr. Luiz d'Athaide... desmancho de organisação que vem de longe, desde creança talvez, quando na terra do oiro, vi a fortuna de certos homens respeitados, arrastada pelos cabellos sobre um estrado de sangue e lagrimas. Estranhei a torpeza da minha raça. E, desde então, a cada passo que dou encontro na ponta do pé um vestigio da maldade dos homens... *(Mudança de tom.)* Mas onde me leva este sestro de missionario! Na certeza de que me ennobrece com a sua estima, desejava vêl-o no meu hotél, onde, depois d'ámanhã, dou o primeiro jantar a algumas senhoras, relações de minha mulher, e a alguns amigos d'ambos nós. Dá-me o prazer de contal-o no numero dos que me honram?

Luiz

Acceito o convite como uma distincção.

SCENA V

OS MESMOS *e* CRIADO

Criado

Está na sala de espera um padre que quer fallar com v. exc.ª (*Expressão de susto na physionomia de Pedro.*)

Pedro, *áparte*

Será possivel!

Luiz

Pergunta-lhe o que quer.

Criado

Perguntei, e respondeu que só diria a v. exc.ª o que queria.

Luiz

Que entre. (*O criado sahe.*) Algum empenho para o ministro, ou alguma esmola...

Pedro, *tomando o chapéo*

Fico, pois, certo da sua condescendencia. Quer dar-me as suas ordens?

Luiz

Já?!

Pedro

Por muita necessidade, snr. Athaide.

(*Encontram-se Pedro e padre Henrique na entrada da sala. Luiz d'Athaide, surprezo, não vê a surpreza de Pedro.*)

SCENA VI

PADRE HENRIQUE *e* LUIZ D'ATHAIDE

Padre Henrique

Creio que não sou para v. exc.ª um homem inteiramente desconhecido.

Luiz

Não, senhor, não é. Conheço o snr. padre Henrique perfeitamente. (*O padre vae poisar a bengalla e o chapéo.*) Será este o meu assassino?! (*A'parte.*)

Padre Henrique

Acho-me em casa do snr. Luiz d'Athaide, e, por isso, pedirei licença para fallar.

Luiz, *offerecendo-lhe a cadeira, que elle não acceita*

Queira dizer, snr. padre Henrique.

Padre Henrique

V. exc.ª é o pae d'uma creancinha que eu amo muito, porque é filha d'uma infeliz que eu creei nos meus braços, desde os cinco annos em diante. Pelo amor d'estas duas creaturas, que eu amo pelo amor de Deus, vim

bater á sua porta, como quem acorda um irmão para avisal-o de que um incendio lhe lavra na casa.

Luiz, *tranquillo*

Já hoje tive um aviso de que me querem assassinar. O snr. padre Henrique vem...

Padre Henrique, *risonho*

Assassinal-o? não, senhor.

Luiz

Não digo assassinar-me... Vem dar-me testimunho de que o aviso não é uma fabula.

Padre Henrique

Fabula não é, venha elle d'onde vier.

Luiz

E' sua propria sobrinha que me escreve.

Padre Henrique

Minha sobrinha?!... E' pois certo que minha sobrinha é uma sancta! Que impressão lhe fez o aviso, snr. Athaide?

Luiz

A impressão do espanto, e, depois do seu segundo aviso, a da cautela.

Padre Henrique

Só a impressão da cautela? A da piedade seria um signal bem evidente de que a sua alma é boa.

Luiz

Mas póde saber-se que saguinaria vingança é esta, depois de sete annos?

Padre Henrique

Como homem do mundo responderei que na honra

não ha prescripções. Sete dias ou sete annos a deshonra é a mesma, até creio que a chaga, aberta sete annos, é um padecer mais longo. Como homem encarregado de lembrar aos homens os preceitos de Deus, direi a v. exc.ª que venho aqui com as minhas lagrimas para que não corra uma gôta de sangue.

Luiz, *sorrindo*

Parece-me que o entendo. Tracta-se d'um homicidio, o executor d'alta justiça ninguem sabe quem é, e o snr. padre, como poder moderador, commuta-me a pena, se eu acceder a condições que vae propôr-me. Ouviremos.

Padre Henrique

São mal escolhidas as ironias, snr. Athaide. Eu na sua posição... chorava.

Luiz

Não tenho um motivo bem justificado para chorar, creio eu.

Padre Henrique

Tem. O homem que fez desgraçada uma mulher, se ella é capaz de comprehender bem dentro do coração a sua desgraça, deve choral-a. Mulheres haverá que não mereçam compaixão, porque descem de crime em crime, justificando-se com o primeiro erro. A mãe de sua filha, senhor, soffre hoje o que soffreu no primeiro dia do seu desamparo. Se as lagrimas d'ella são um merecimento diante de Deus, porque não ha de ser um incentivo de Deus, porque não hão de ser um incentivo de piedade diante dos homens?

Luiz, *com gravidade*

Falle-me, com sinceridade, snr. padre Henrique. Josefina quer um dote para sua filha?

Padre Henrique

Josefina regeitou o dinheiro que v. exc.ª mandou dar-lhe, depois que a abandonou. Respondeu então á pergunta que me é feita agora.

Luiz

O que eu lhe mandava dar não bastaria ás suas necessidades. Hoje darei uma grande parte do que possuo.

Padre Henrique

Tudo o que v. exc.ª possue não resgata este titulo de divida. (*Tira da carteira uma carta, e lê o seguinte fragmento.*) «Josefina, tu és minha esposa perante Deus, e brevemente o serás perante os homens. Sinto não ser tão livre já, quanto me é necessario para ser feliz. Se eu te atraiçoasse, ao vêr esta carta, cahiria fulminado...» V. exc.ª não cahe fulminado; mas estes juramentos não podem ser vãos na justiça divina... A sociedade raras vezes pede contas d'elles... isso é verdade... mas, se as pede, o braço debil do ministro de Deus não basta para desviar o golpe.

Luiz

Vem, portanto, o senhor propôr-me o casamento de sua sobrinha.

Padre Henrique

Propôr, não, snr. Athaide. Foi v. exc.ª que m'o propôz, ha oito para nove annos. Venho... não digo *venho*... podia vir propôr-lhe o cumprimento da sua palavra.

Luiz

Acho arrogante a missão.

Padre Henrique

Tanto não é arrogante, senhor, que eu vou cumpril-a com os joelhos no chão.

Luiz, *erguendo-o*

Senhor!... Diga-me quem é que se interessa por sua sobrinha a ponto de ameaçar-me a vida! Ella avisa-me, o senhor avisa-me... quem é o assassino?

Padre Henrique

Será um desgraçado que as minhas lagrimas e as d'ella não conseguirão abrandar.

Luiz, *agastado*

Mas quem, senhor?!

Padre Henrique

Não sou denunciante, snr. Athaide.

Luiz

Mas se o interrogarem n'um tribunal?

Padre Henrique

No tribunal de Deus não ha segredos: somos todos conhecidos. Cá em baixo, quem me interrogará?

Luiz

E, porque não hei de eu suppôr que entre o senhor e sua sobrinha ha uma combinação feita para me levarem pelo terror?! A apresentação d'essa carta... E' uma combinação!...

Padre Henrique

Ha uma combinação feita para o salvarmos, senhor! (*Aproxima-se do fogão*). A carta de que serve? (*Lança-a no fogo.*) Eil-a alli... durou menos que a palavra do homem!... (*Com intimativa.*) Fuja hoje de Lisboa, senhor!

Luiz

Que fuja!?

Padre Henrique

Fuja, e não leve o nome que tem para onde fugir. Até aqui foi uma advertencia, agora é uma supplica. Fuja, e depressa, e já! Fez uma desgraçada, não faça um homicida. Promette sahir, snr. Athaide?

Luiz

Não prometto sem provas evidentes do perigo que o senhor quer incutir-me.

Padre Henrique

Que precisão pueril teria eu de o enganar? A sua fuga melhoraria a condição de minha sobrinha?!

Luiz, *colerico*

Seja o que fôr, eu digo-lhe, a final, que affronto, face a face, o meu assassino... seja elle quem fôr! Duvido, porém, que o assassino, se tal existe, me mostre a cara.

Padre Henrique, *tomando o chapéo e a bengalla*

Mostra, mostra, snr. Athaide, e mostrar-lhe-ha a face pura. O seu sangue será n'ella a primeira nódoa. (*Sahe.*)

SCENA VII

LUIZ D'ATHAIDE *e depois* UM CRIADO

Luiz

E' uma situação muito séria ou muito ridicula? Original é... de certo! (*Tange a campainha*). Não posso ser superior ao receio! (*Ao criado, que entra*). Quero bem limpo o meu par de pistolas d'algibeira. Ordem ao guarda-portão que não deixe passar do pateo alguem sem minha ordem. (*O criado sahe.*) Feliz idéa! (*Tange a campainha, e o criado torna.*) Segue esse padre que

d'aqui sahiu, depressa, depressa, e vê em que casa entra. (*O criado sahe*). Isto não póde ser fabula! Mas se o não é... que assassino é este?! Quem é que defende a honra d'estas mulheres?... Mentira, indispensavelmente mentira!

Criado, *com uma carta*

O padre entrou n'uma sege e partiu a todo o galope. E' impossivel seguil-o... Deram-me no páteo esta carta.

Luiz

Anonyma! letra de mulher!... (*Lê.*) «Uma pessoa que muito se interessa na sua vida, pede-lhe que fuja hoje de Lisboa.» Terceiro aviso! Quem é esta mulher?! (*Ao criado*). Segue o portador d'esta carta! depressa! (*Sentando-se prostrado*). Que infernal combinação!

FIM DO SEGUNDO QUADRO

QUADRO III

SCENA I

D. AMALIA *e as duas* DAMAS *designadas* 1.ª *e* 2.ª
PEDRO D'OLIVEIRA
LUIZ D'ATHAIDE *e* DOIS CAVALHEIROS

Estão á sobremesa d'um jantar

Pedro

Observo, com grande mágoa minha, um assombro funebre em todos os semblantes. Nunca se viu jantar tão desanimado, tão silenciosamente triste no *desér!* Dir-se-ia que entrou em todos os corações um presentimento funebre! Que será?

Nos banquetes dos Borgias, onde os venenos filtravam dos cristaes, haviam risos expansivos, e folias que disfarçavam a fealdade dos paroxismos. No famoso festim de Balthasar tingiu o terror as faces dos convivas, depois que o dedo mysterioso escreveu na parede a legenda terrivel. Aqui não ha venenos nem legendas, não ha Balthasares nem Borgias, e assim estamos nós como repasto de phantasmas!

Snr. Athaide, dê alma a estes corpos mortos! Contenos em giria elegante uma das suas scenas de D. João!

Luiz

O cavalheiro sabe que eu não costumo infatuar-me de vaidades loucas... As minhas galanterias não conseguiriam despertar a sensibilidade comica dos seus hospedes... Durante este jantar tenho visto lagrimas mal

disfarçadas, e seria pretenção cruel o querer enxugal-as com agudezas de mau gosto...

Pedro

Lagrimas!? pois quem é que chora? (*Silencio de instantes.*) Digna-se responder-me, cavalheiro? (*Para Luiz d'Athaide.*)

1.ª Dama

A snr.ª D. Amalia tem chorado sempre...

Pedro, *pensativo*

Ah! minha mulher?... Minha mulher tem dias de amargura... chora sem causa... é uma doença incuravel... e muito afflictiva... (*Escondendo o rosto entre as mãos.*) E' uma terrivel doença...

1.º Cavalheiro

Caprichos de nervos, talvez...

2.º Cavalheiro

E' natural...

Pedro

Creio que sim, meus senhores...

2.ª Dama

E parece que está mais afflicta agora!...

D. Amalia, *suffocada por soluços*

Não, minha senhora; isto passa. (*Erguem-se todos.*)

Pedro

Queres entrar no teu quarto, Amalia?

D. Amalia

Estou melhor, filho... não quero... (*Aperta-lhe com vehemencia as mãos; e a meia voz.*) Pelo amor de Deus!

1.ª e 2.ª Damas

Sente-se, sente-se...

1.º Cavalheiro

Parece que desmaia!

2.º Cavalheiro

E' grande accesso de nervoso!

Luiz

A snr.ª D. Amalia talvez esteja constrangida, e querá ficar só...

2.º Cavalheiro

Então retiremo-nos.

2.ª Dama á 1.ª

E ficaremos nós com ella, snr.ª viscondessa?

Pedro

Pelo contrario... O maior allivio que vv. exc.as podem dar aos padecimentos de minha mulher é ficarem todos. Esta nuvem foge á distracção d'uma conversa alegre. Mas se queres sahir, Amalia...

D. Amalia

Não, não quero...

Pedro, ao 1.º cavalheiro

Sentemo-nos, e conversemos. Então, snr. visconde, não nos conta alguma novidade deleitosa?

1.º Cavalheiro

Estou de tal sorte penalisado pelo soffrimento de sua senhora...

Pedro, para o 2.º cavalheiro

Então é este cavalheiro que nos vae fazer rir com uma anecdota das suas... Vae-nos dizer qual é a dama que inspira hoje o primeiro ministro no seu gabinete...

2.º Cavalheiro

Não posso, snr. Oliveira... Ha aqui uma especie de desfiguração em todos nós...

Pedro

Em todos nós... diz v. exc.ª muito bem. (*Para os criados.*) Retirem-se. (*Executam.*) Até no snr. Athaide, superior á superstição do medo, se observa um espasmo.

N'um castello dos contos nocturnos de Hoffmann, conta-se que os convivas dos banquetes ficavam assim. Mas o terror d'este castello não era pânico. Andava lá o espectro d'um tal Daniel, grande scelerado... Ia eu agora repetir uma historia negra, quando o que precisamos é luz... E' verdade, snr. Athaide... idéas associadas a espectros e assassinos... Desde antes de hontem não occorreu alguma eventualidade?

Luiz

A que respeito, cavalheiro?

Pedro

Como é esquecido!... A respeito d'aquelle aviso...

Luiz

Ah! sim!... Hei de contar-lhe epysodios...

Pedro

Mas epysodios que desmentem a catastrophe promettida na carta?

Luiz

Justificam o primeiro aviso.

Pedro

Sim? então... seriedade... E o senhor previne-se?... bem claro...

Luiz

Muito Prevenido.

Pedro

Em quanto a mim o desfecho mais grato á pessoa que o avisou seria um casamento...

Luiz

E' natural; mas impossivel...

Pedro

Tal será a distancia de nascimentos e patrimonios...

Luiz

Immensa distancia...

1.ª Dama

Já se vê que é historia d'amores... A gente fica sabendo metade... Eu contarei á Clarinha, snr. Athaide... Deixe estar...

Pedro, *risonho*

Pois o snr. Athaide, se a quizer contar, sabe-a toda... mas naturalmente, não quer deshonestar-se aos olhos de senhoras, nem contar as suas proezas como Cesar.

Luiz

Proezas!... Loucuras infantis!... Sabe? aquelle padre que entrou quando v. exc.ª sahiu, era um epysodio do drama sanguinolento.

Pedro

Sim?!... Ha muitos cumplices, pelo que vou vendo, no attentado!

Luiz

E ainda mais...

Pedro

Ainda mais! que maravilhosa conspiração!

Luiz

Um terceiro aviso em papel-setim e letra ingleza. (*Vae tirando a carta da algibeira.*)

Pedro

Caso novo!

1.ª Dama, *para Amalia sobresaltada*

Está mais afflicta?

Luiz

Não será possivel conhecer-se a dona d'esta bonita caligraphia? (*Dá a carta a Pedro, que não é superior á violencia da commoção.*) O cavalheiro conhece a letra?! Mudou de côr!

Todos, *excepto Amalia*

E' verdade!

Pedro, *contrafeito*

Isso é illusão, minhas senhoras! Conheces a letra, Amalia?

D. Amalia, *sem encarar a carta*

Seria talvez uma mulher muito amiga do assassino.

Luiz, *com fatuidade*

E porque não havia de ser do assassinado, minha senhora?!

Pedro

Tanta gente a querer salval-o, snr. Athaide!... V. exc.ª deve ser um mancebo bem virtuoso!...

SCENA II

OS MESMOS *e* MARIA, *que entra distrahida na sala*

1.ª Dama

Ai! que menina é aquella! (*Olham todos.*)

Vozes

E' verdade!

D. Amalia, *a meia voz*

Jesus, valei-nos!

Pedro

Venha cá, minha menina, venha cá ao seu amiguinho. *(Toma-a ao collo).*

2.ª Dama

E' filha da dona do hotél?

Pedro

Não, snr.ª baroneza. Esta menina é uma providencia que entrou agora a dar-nos assumpto em que fallemos. Venha cá, filhinha. *(Vae com ella á mesa).* Ha de comer alguma coisa, sim?... Quer uma pêra?

Maria

Pois sim.

Pedro

O snr. Athaide, como vae brevemente ser esposo, bom é que aprenda a ser pae... Venha cá, sente-se ao pé d'esta creancinha, e apare-lhe a pêra... Habitue-se ás denguices paternaes.

Luiz, *sentando-se com a menina no joelho*

Eu sou amicissimo de creanças, e as creanças distinguem-me sempre. Li em alguma parte que o amor das creanças e dos animaes é signal de morte prematura.

D. Amalia

Jesus!

1.ª Dama

Que é?!

D. Amalia

Uma palpitação tão violenta...

2.ª Dama, *a Pedro*

Sua senhora está peior...

Pedro

Eu conduzo-te ao quarto, Amalia...

D. Amalia

Não vou, estou melhor aqui... Vem cá... *(Toma-lhe as mãos com muita afflicção, e encara-o com supplicante ternura).*

Pedro

Confiança em Deus, filha! *(As damas olham-se admiradas).* Vamos á historia d'esta menina. *(Senta-se).* Chegando eu, faz hoje um mez, a esta hospedaria, chegava ao mesmo tempo uma senhora, um velho, e esta creança. Minha mulher, que reparte pelas creanças o amor que não póde dar aos seus filhos, tomou aquella á sua conta de beijos e carinhos, relacionou-se desde logo com a mãe, e fizeram-se amigas. Com a amizade veio a confiança, e a mãe d'aquella menina contou-lhe assim a sua historia. E' natural da provincia de Traz-os-Montes. Orphã de pae e mãe, desde os dez annos, vivia com um tio egresso d'uma ordem mendicante. Ha de haver oito annos, conta ella, um morgado seu visinho, vendo-a acompanhar um velho tio a passeios na convalescença d'uma perigosa enfermidade, seguiu-a todas as tardes, e prodigalisou ao velho padre muitas attenções, visitou-o, algumas vezes na sua pobre casa, honrou-o muito com a sua confiança, e começou o namoro da sobrinha. A rapariga recebeu a declaração do amante, e foi banhada em lagrimas depositál-a no coração do velho.

O padre, mais entendido nas innocencias do céo que nas torpezas do mundo, ouvindo as palavras honestas da declaração, não se benzeu, nem fez tregeitos de beato. Disse á sobrinha que pedisse a Deus humildemente a protegesse dos perigos, e lhe inspirasse o que fosse em bem da sua alma.

Parece que o céo lhe ouvira os rogos durante um anno. O cavalheiro, apesar de amestrado na arte da

seducção, inutilisou todos os seus esforços. A innocencia parece-se com a rosa em botão nos espinhos que a defendem. Incapaz, porém, de recuar vexado diante da virtude invencivel, o cavalheiro tentou o ultimo expediente: o mais ignobil de todos. Dirigiu-se ao padre, e pediu-lhe a sobrinha com todas as formalidades usadas entre nobres. O pobre velho, cheio d'um sancto contentamento, chamou a sobrinha, e apertou-os a ambos no mesmo abraço. O fidalgo, desde esse dia, deu-se o direito de visitar com menos recato a sua noiva. O suspirado casamento espaçou-se, porque era necessario obter o consentimento do pae rebelde ao amor inconveniente e villão do filho, representante de nove gerações.

Entretanto os rogos de Josefina... Chamava-se ella assim... Os rogos de Josefina deixavam de ser ouvidos no céo... Como é que o céo se fecha ás supplicas d'estas desgraçadas... isso é que eu não sei, nem questiono. E' certo que Josefina... Agora me recordo, snr. Athaide, que ha duas Josefinas a datarem a sua queda, no mesmo tempo, e no mesmo precipicio... Deshonrada, perdida, e desamparada, minhas senhoras...

1.ª Dama

Desamparada!? pois esse infame homem...

Pedro

Desamparou-a, fugiu, no mesmo dia em que o padre, sabendo a queda de sua sobrinha, foi lançar-se aos pés do pae do noivo, pedindo-lhe o consentimento. E obteve-o! obteve-o! (*Sorrindo*). Uma zombaria, sobre uma infamia! O pae consentiu que seu filho viesse para Lisboa desvanecer o preconceito nas variadas sensações que podia dar-lhe a sua riqueza.

1.º Cavalheiro

E' infame!

2.º Cavalheiro

Atrocidade!

Pedro

Não gastemos epythetos, cavalheiros. A ordem regular do mundo é esta. (*Sorrindo*). Das agonias de uns é que dependem os prazeres de outros. Eu creio que nenhum de nós é tão inepto que queira incravar a roda dos acontecimentos... Incraval-a é sahir com o braço partido... Ora venha cá, minha menina... Venha dar-me um beijo...

Luiz, *apertando-a contra o seio*

Deixe-a estar no meu collo... Quer estar no meu collo, filha?

Maria

Sim, senhor.

D. Amalia, *correndo ao marido*

Lagrimas!

1.ª Dama

Commoveu-se, contando o triste caso. Tem um excellente coração, snr. Oliveira. E a mãe d'esta menina, tem meios?

Pedro

Não, minha senhora. E' pobre. Sou eu que lhe abono as despezas n'este hotél.

2.ª Dama

E encontrará ella esse malvado que procura?

1.ª Dama

Quem me déra vêl-a! Tenho immenso prazer, recebendo em minha casa esta familia! Olha, visconde: o

padre era nosso capellão, a sobrinha era mestra da nossa Francisquinha, e aquelle anjinho haviamos de tractal-o como nossa filha.

1.º Cavalheiro

Eu acceito o encargo com muito gosto.

Pedro

E ella precisa bem das esmolas de todos nós. Até o snr. Athaide dá um vestidinho áquella menina... (*Athaide beija carinhosamente a creança sem responder.*)

D. Amalia, *com alegria*

Como elle está commovido, meu Deus!

1.ª dama

Quem não ha de commover-se! Se eu podesse vêr a mãe!...

Pedro

Póde, minha senhora!... (*Athaide ergue-se com indecisão.*) Não quer conhecel-a, snr. Athaide? (*Toca uma campainha.*)

Luiz

E' uma nobre desgraçada... que deve ser vista...

Pedro, *ao criado*

A mãe d'esta menina se faz favor de entrar n'esta sala, que lh'o pede a snr.ª D. Amalia. (*D. Amalia segue o criado*). Não parece que durante o jantar tivemos todos os presentimentos d'esta scena triste? (*Silencio de alguns instantes. Maria quer subir ao collo de Luiz d'Athaide.*)

SCENA III

OS MESMOS, JOSEFINA *e* D. AMALIA, *trazendo-a pela mão e depois* PADRE HENRIQUE

Pedro

Venha, senhora! Ha aqui pessoas que sympathisam com o seu infortunio. (*Josefina, vendo Athaide, estremece, e pende a cabeça esvaída no hombro de D. Amalia. Maria foge de Athaide para a mãe, beijando-lhe a mão. O padre entra lentamente na sala.*)

1.ª e 2.ª dama

Ella desmaia!

Pedro

Na presença de muita gente... foi talvez o pejo...

Padre Henrique, *encostando-a a si*

Estou aqui, minha filha, estou aqui comtigo. (*Josefina fixa-o espavorida.*)

D. Amalia

Deixe-a sentar, snr. padre Henrique.

Josefina, *ao padre*

Uma gôta d'agua!... (*Amalia chega-lhe o copo. Com muita anciedade.*) Salve-o! (*Pedro vae sentar-se na cadeira mais afastada. Esconde o rosto nas mãos. D. Amalia corre a elle, curvando-se-lhe ao ouvido.*)

Josefina, *á filha*

Não chores, Maria, vem cá... (*Quer tomal-a nos braços e não póde.*) Não posso... dê-m'a, meu tio...

1.ª dama, *sentando-lhe a menina no regaço*

Sabemos quanto soffre, minha pobre menina. Anime-se que os seus padecimentos são muito nobres. Eu

já pedi licença ao snr. Oliveira para ser sua protectora... Não chore.

Josefina, *com fingida alegria*

Eu não choro...

1.º cavalheiro

E' pena que não seja conhecido, para ser severamente castigado o algoz d'esta senhora.

Luiz, *com humildade*

Sou eu, senhor! (*Espanto.*)

1.ª e 2.ª dama

O senhor!

1.º cavalheiro

Isto é crivel, snr. Oliveira!

Luiz, *crusando os braços diante de Josefina*

Tu não me accusas, Josefina!? (*Josefina soluça escondendo a face no lenço.*) Não me accusas, Josefina?! (*Toma-lhe a filha dos braços*). Filha! ajoelha ao pé de mim, pedindo o perdão de teu pae! (*Ajoelham. Josefina curva-se para erguel-o, e, vendo o irmão que se aproxima, severo, corre a abraçal-o.*)

Josefina

Eu sou a desgraçada, e perdoei!

D. Amalia

Pedro! tu tens uma alma muito nobre! Pedro! pelo nosso amor!

Pedro, *a Josefina*

Pois se perdoaste, o verdugo que vá em paz! Eu sou o irmão d'esta mulher!

Vozes

Irmão!

Pedro

Acceito-a deshonrada... Sobeja-lhe a nobreza da alma, que a sanctifica aos meus olhos. Casada com este homem... rejeito... quebro os laços de sangue que nos prendem... (*Tocando no hombro de Luiz de Athaide.*) Não vá o cavalheiro persuadir-se que eu lancei com todo este apparato uma rêde á sua compaixão... Os tres avisos que recebeu, senhor, não foram uma astucia de romance. A morte, que lhe vaticinaram, não o esperava atraiçoadamente. Eu queria vêl-o primeiro, na presença d'aquella mulher e d'essa creança... Sabe porque? Faltava-me o animo... e quiz tirar do seu cynismo o ultimo alento que não tinha para acceitar a responsabilidade do assassinio... Enganei-me... Quando mais não fosse, os labios silenciosos d'aquella creança absolveram-no... E não tenho mais que lhe diga... A sua presença d'aqui em diante recebo-a como uma affronta...

Josefina

Oh meu Deus! faltava-me esta agonia! (*Corre aos braços do tio*).

Padre Henrique

Se te faltava esta agonia, recolhe-a onde tens recolhido as outras, ao coração de teu velho tio, que ainda tem forças para muitas.

Luiz, *a Pedro*

Sou, pois, um homem bem despresivel, senhor... ou o seu coração deve ser muito duro!

Pedro, *com severidade*

Sáia, senhor!

Josefina

Oh! meu tio!

Padre Henrique

Eu posso mais que tu, meu sobrinho. Tu tens a força da paixão humana, e eu invoco o auxilio da protecção divina. Quem vence n'estes lances é a religião, não é o homem. Josefina é a esposa de Luiz de Athaide! Queres que este velho ajoelhe a teus pés? (*Faz menção de ajoelhar-se.*)

Pedro, *erguendo-o*

Por Deus!

Padre Henrique

Snr. Athaide, venha apertar a mão de seu irmão. (*Ao mesmo tempo, D. Amalia faz que a mão de Pedro toque a de Luiz de Athaide.*)

Josefina, *de mãos erguidas*

Eu vos agradeço, meu Deus!

Padre Henrique

Ajoelha, Josefina. N'estas luctas a humildade com que se triumpha deve ser tão grata a Deus como aos homens. Eu vou ajoelhar ao pé de ti, minha filha!

FIM

PURGATORIO E PARAIZO

Ao meu amigo

Antonio Ferreira Girão

OFFEREÇO

ESTE ENSAIO DRAMATICO

PERSONAGENS

D. EMILIA DE SÁ.....	38 annos.
LUIZA AMELIA.....	19 »
ALFREDO DE TOVAR.....	19 »
BERNARDO DE MASCARENHAS...	40 »
JORGE DE SÁ.....	de 20 a 25 »
CONSELHEIRO NOBREGA	meia idade.
BARÃO DE VILLA-MARIM.....	meia idade.
FRANCISCO DE SÁ.....	meia idade.
O PRIOR DE BEMFICA.....	meia idade.
MEDICO.....	meia idade.
ALFAIATE.	
BOLEEIRO.	
DOIS CRIADOS.	

São scenas da actualidade, passadas em Lisboa e Bemfica.

PURGATORIO E PARAIZO

ACTO I

Casa não luxuosa; mas graciosamente ornada.
Portas ao fundo, e lados

SCENA I

JORGE DE SÁ *e depois* UM CRIADO

Jorge

Hoje é um dos taes dias aziagos. Os meus credores combinam-se. Quando vem um, vem todos. Eu adoptei o systema de todo o caloteiro insigne e illustrado: recebo os credores com tanta delicadeza, e despeço-os com educação tão fina, que todos se retiram, como de todos os bailes... penhorados das attenções do dono da casa, que muitas vezes não é dono de casa nenhuma, como eu. Abra-se a sessão. O' Braz!

Criado

Meu senhor.

Jorge

Que importunos são esses que me querem fallar?

Criado

V. S.ª bem sabe... Acho que são... aquelles homens de Lisboa...

Jorge

Conheces quem são?

Criado

Ora, se conheço! Ha seis mezes a vêl-os todas as semanas duas vezes...

Jorge

Minha tia já sahiu do quarto?

Criado

Não, meu senhor.

Jorge

E Luiza?

Criado

A menina anda a passear na quinta desde o nascer do sol.

Jorge

Esses homens que entrem. Quantos são?

Criado

Por ora são só quatro; os outros costumam vir depois de jantar.

Jorge

Que entre cada um por sua vez sem distincção de sexo nem idade. (*O criado sahe*).

SCENA II

Jorge, *só*

O credor é o verdugo do homem de bem; é a espada de Damocles; é o terror da juventude esperançosa; é o espectro do rei da Escossia; é a sombra de Nino; é o Lucifer despenhado no inferno... dos devedores insoluveis; é, finalmente, um homem contra o qual se póde recitar um comprido monologo sem enfastiar a plateia, porque não ha plateia em que o credor não esteja em

deploravel minoria. Eu estudo — sem ser subsidiado pelo governo — o modo de arrancar do seio social este cancro, chamado o credor; porque o credor é um vampiro, é um animal mestiço, filho de rapoza e mocho; velhaco como a mãe, e esperto de olho como o pae, que até de noite vê. O credor, emfim, é... (*vendo o alfaiate á porta do fundo*) é o alfaiate!

SCENA III

JORGE *e o* ALFAIATE

Alfaiate

Dá licença, senhor Jorge de Sá?

Jorge

O' meu caro senhor! Sem a menor ceremonia... (*trazendo-o pelo braço e indigitando-lhe o canapé*). Alli... o seu chapéo... tem a bondade de sentar-se, faz favor? Por quem é, senhor Trancoso... então?...

Alfaiate

São só duas palavras...

Jorge

Queira sentar-se... O meu amigo, sempre indu' gente com as minhas faltas, não se cansa de fazer justiça á causa involuntaria que o traz ainda no desembolso de...

Alfaiate

Reis, 120$000... (*querendo lêr as parcellas*).

Jorge

Tem a bondade de não lêr? Eu não duvido da sua rectidão no valor d'um ceitil... Pois, meu prezadissimo amigo, tem-se dado algumas contrariedades monetarias

na minha vida. Brevemente, porém, estarei de posse d'uma fortuna, da qual o senhor Trancoso póde dispôr como sua.

Alfaiate

Muito obrigado... Eu não quero senão os meus cento e vinte mil reis, sendo possivel hoje, porque...

Jorge

Essa quantia, meu amavel cavalheiro, é um grão de areia no meu oceano de cabedal.

Alfaiate

Pois o senhor Jorge negoceia agora em cabedal?!

Jorge

Não me entendeu, senhor Trancoso. Queria dizer-lhe que estou em vesperas de fazer um casamento vantajosissimo com a filha do barão de Villa-Marim, e preparava-me para ir consultar o meu amigo sobre o melhor emprego que eu podia dar aos meus capitaes, aventurando-os em emprezas industriosas, de boa harmonia com as modernas ideias de economia social. O meu amigo poderá dizer-me...

Alfaiate

Nada... não posso dizer nada, porque, a fallar a verdade, não o entendi bem... Parece-me que v. s.ª disse que queria fazer economias, e eu acho isso muito acertado, depois que se paga a quem se deve.

Jorge

É esse o meu pensamento dominante, senhor Trancoso; e, entre os meus insignificantes debitos, será o seu o primeiro. Entretanto, espero continuar a merecer a sua confiança, mandando-me preparar uma casaca azul com

botões amarellos, outra verde com botões brancos, um pio-nono amellado com alamares côr de limão, e um fato campestre d'uma meia cachemira côr de azeitona de Sevilha, addiccionando a nova verba á conta velha, que lhe será mui lucrativamente paga. E' servido de *lanchar* comigo? Quer dar-me o prazer de respirar o ar puro e balsamico do meu jardim? Quer vêr as prodigiosas melancias que eu tenho? Eu chamo o escudeiro...

Alfaiate

Não, senhor, eu tenho que fazer... será n'outra occasião. Então diz-me v. s.ª...

Jorge

Que no prazo improrogavel d'um mez está o mestre Trancoso embolsado de... 240$000 reis...

Alfaiate

Cento e vinte mil reis...

Jorge

Bagatela a differença... e ámanhã irei provar as encommendas que fiz.

Alfaiate

Passe v. s.ª muito bem até ámanhã.

Jorge, *com enthusiasmo, abraçando-o*

Meu nobre amigo! os devedores honram-se quando os seus credores são assim illustrados e benevolos. (*Acompanha-o á porta, trejeitando cortezias*). Braz, acompanha este senhor!

SCENA IV

JORGE *e depois o* BOLEEIRO

Jorge

A delicadeza inventou-se para humanisar estes bi-

chos. O devedor delicado e de fino trato tem sempre á sua disposição uma moeda, que, se não amortisa a divida, convida sempre os credores a uma suave moratoria. O dinheiro inventou-se para contrabalançar a grosseria do homem estupido. O homem delicado é como os meninos de Sparta: vivem á custa do Estado.

Boleeiro

Ora viva, patrão.

Jorge

Olá, José Russo, como vaes tu? A parelha baia inda se leva á maravilha?

Boleeiro

Estamos todos bons, patrão, louvado Deus, para o servir; mas de chelpa vamos mal. Faz favor de acabar com isto (*tirando a conta*) Trinta e dois alugueis de Bemfica a Carnaxide, a Cintra, e a Lisboa, ida e vinda, somma... somma...

Jorge

Senta-te, rapaz.

Boleeiro

Estou bem, meu amo, quero crescer; farto de estar sentado á espera, desde as seis horas, estou eu... Somma 51$400 réis. Palavra que não vou d'aqui sem o meu dinheiro. Isto já passa de caçoada. Hoje, ou v. s.ª me paga, ou eu vou pedir a sua mãe, ou tia, ou que diabo é, que me pague, senão mando-lhe a casa o meirinho.

Jorge

Falla baixo.

Boleeiro

Contos não enchem, meu amiguinho. Se quer que eu me vá embora, pague-me; meu amo põe-me hoje na

rua, se lhe não levar o dinheiro, e não me dá as soldadas.

Jorge

Pois vae-te embora, que eu lá levo de tarde o teu dinheiro.

Boleeiro

Não ando, o senhor diz-me sempre isso. Isto já cheira a calote!

Jorge

E's um vil canalha! Sahe já d'aqui, senão mando-te dar reboque com uma tranca.

Boleeiro

O' patrão! Venha de lá essa tranca: quero vêr como se paga com uma tranca a quem pede o seu dinheiro. Ande lá, meu amo, pegue lá na tranca!...

SCENA V

OS MESMOS *e* ALFREDO DE TOVAR

Alfredo de Tovar

Que bulha é esta?!

Jorge

O' Alfredo, como estás? não é nada... (*Para o boleeiro.*) Vae-te embora.

Boleeiro

Já disse: pague-me, se quer que eu vá.

Alfredo, *ao boleeiro*

Dá cá essa conta (*vê, e está tirando do porte-monnaie dinheiro*).

SCENA VI

D. EMILIA DE SÁ *e* OS MESMOS

D. Emilia, *obstando a que Alfredo pague*

Senhor Tovar, tenha a bondade de retirar o seu serviço a meu sobrinho; mas a delicadeza sou eu que lh'a agradeço. (*Ao Boleeiro*) Homem, espere no pateo... lá se manda pagar a sua conta; e diga a esses homens que lá estão, que esperem. (*O Boleeiro sahe*). Jorge, tu envergonhas-me. Já não sei como hei de mostrar-te o desgosto que me faz a tua companhia. Estas quantias, que pago, já as não dou para salvar a tua honra; é para salvar a minha. Desculpe-me, senhor Alfredo. A sua familiaridade n'esta casa consente-me este desafogo; e a nobreza com que quiz poupar o seu amigo á ultima vergonha de espancar um credor, faz-me cada vez mais prezadas as suas excellentes qualidades. Dê-me licença. (*Sahe*).

SCENA VII

ALFREDO *e* JORGE

Alfredo

Tua tia tem razão, Jorge.

Jorge

Nos elogios que te fez? Que modestia!

Alfredo

Não: na reprehensão que deu ás tuas dissipações. Não gastes tanto, meu amigo. Despende o que tiveres. Podes estar sempre no agrado d'esta excellente senhora, e viver com as regalias que poucos rapazes teem.

Jorge

Pois não! optimas regalias!... Tenho para ahi um *gig* velho e um cavallo espravonado, com meia duzia de moedas mensaes para extraordinarios... E' realmente de appetite esta fortuna!

Alfredo

E eu que sou filho d'um millionario não tenho cavallo nem carro. Qual das nossas posições é a mais brilhante?

Jorge

Eu sei cá! Tu tens um futuro, e eu já perdi as esperanças de ser herdeiro de minha tia.

Alfredo

Procede com mais tino, e serás herdeiro de tua tia.

Jorge

Qual herdeiro! Os bens d'ella quem os herda é Luiza.

Alfredo

Não creio... Luiza é uma simples afilhada de tua tia...

Jorge

Deixa ser; mas tem sabido insinuar-se na sua estima com tal hypocrisia...

Alfredo

Hypocrisia, não, Jorge! Isso é injuriar a sinceridade de Luiza. Não sejas injusto com a tua amiga...

Jorge, *rindo*

Minha amiga! Porque não dizes antes: «*não sejas injusto com a minha amante?*»

Alfredo

Eu não me offendo, glorio-me até com essa correcção

ironica... Oxalá que não te enganes, e que o titulo, com que me lisongeias, ella m'o dê tambem. Sabes de mais o que eu sei de mim, e não quero, nem posso negar-te que amo Luiza como se ama uma irmã muito querida... Não somos rivaes, não, Jorge?

Jorge

Ora essa!...

Alfredo

Quando me apresentaste á senhora D. Emilia, perguntei-te se Luiza te era indifferente... Parecia-me impossivel que o fosse... Respondeste-me que era.

Jorge

E é, e será... eu não desço tanto...

Alfredo, *sorrindo*

Não desces tanto?!... E' muito orgulho, meu amigo... penso eu... Depois de algumas visitas, em que passei da ceremonia á familiaridade, disse-te que amava Luiza, e me dava por bem pago do meu amor.

Jorge

E d'ahi?

Alfredo

D'ahi... seria hoje um capricho louco desdizer-me, e é da tua parte pouca delicadeza calumniar a pobre menina que nos estima a ambos.

Jorge, *com seriedade comica*

Tu pareces um provinciano! Que ares de amante idiota! Luiza, pelo que vejo, é impeccavel!... Sabes tu o que me pareces?... Aquelle *Molière* sempre era um grande pintor!...

Alfredo

Molière pintou Sganarello, Scapin, Orgon, Jorge Dandin, Pourceaugnac, e...

Jorge

Et cætera.

Alfredo, *sorrindo*

E *Tartufo*... que sou eu, não é assim, meu caro Jorge?

Jorge

Vamos lá, vamos lá... todos temos um bocado da tal honrada personagem!

Alfredo

Agradeço-te o meu quinhão, amigo; mas... hypocrita e lorpa provinciano, ao mesmo tempo, é de mais: não posso pagar os direitos de ambas as mercês...

Jorge

Esse ar de chufa requentada parece-me assim de homem que (*faz menção de farejar*) cheira a dinheiro! Os teus futuros quatrocentos contos tem uma acção retroactiva... Falta-te um abdomen proeminente para te ir ao pintar a gravidade pedantesca...

Alfredo, *sorrindo*

Aqui estou eu debaixo do teu *ridiculo!* Desafoga, meu amigo, deixa expandir-se livremente o genio da satyra que te ha dado mais victimas do que amigos... Não me poupes...

Jorge

Isto é graça!... (*abraça-o*) sempre amigos! Sabes que mais? vou matar codornizes no restolho. Tu cá tens quem te entretenha... Ahi vem Luizinha.

SCENA VIII

LUIZA *e* OS MESMOS

Luiza, *a Alfredo*

Estava aqui, e eu só soube agora! Passou bem? (*A Jorge.*) E o meu amiguinho como está? Ainda hoje não fallamos...

Jorge

A menina tem andado no bosque a conversar com os rouxinoes, e eu tenho cá estado em casa a conversar com uns melros de bico revolto...

Luiza

Com uns...? (*A Alfredo.*) Elle que disse?

Jorge

Pois a Luizinha não ouviu a algazarra?

Luiza

Não, eu não ouvi algazarra nenhuma. Que foi?

Alfredo

Nada, minha senhora. Jorge está de bello humor!...

Jorge

Até logo. Vou á caça.

Luiza

Venha cá: deixe-se estar... O seu amigo não vae?

Jorge

O meu amigo não gosta de caçar codornizes... O genero de altenaria é outro. . Até logo. (*Sahe*).

SCENA IX

LUIZA *e* ALFREDO

Luiza

Que diz elle?!

Alfredo

Nada que mereça explicação.

Luiza

Eu entendi-o.

Alfredo

Peor, minha querida Luiza. Eu quizera antes que certas expressões, ou a intenção d'ellas, te achassem sempre ignorante.

Luiza

Sabes que eu estou soffrendo muito, meu amigo...?

Alfredo

Que é? não te consito um segredo.

Luiza

Este homem faz-me um grande mal.

Alfredo

Jorge?... De que maneira?

Luiza

Eu não lh'o mereço. Estou sempre pedindo á madrinha que lhe dê dinheiro, que o não reprehenda, que o não expulse de casa; e elle, depois de me ter intrigado, perdoando-lhe eu sempre... e sabendo que eu te quero tanto...

Alfredo

Diz... a tua suspensão afflige-me.

Luiza

Teve a indiscrição, ou talvez ruindade de dizer que me amava, desde que me viu, e tinha direitos ao meu amor...

Alfredo

Elle!... Jorge!... E' pois certo que não tem uma qualidade boa!...

Luiza

Não lhe digas nada, não?

Alfredo

Não m'o recommendes... E depois ha mais algum motivo de soffrimento?

Luiza

Lança-me em rosto a minha hypocrisia. Diz que sou uma astuciosa, que estou vendendo a minha madrinha os afagos que dissimulo... Isto chega ao coração, Alfredo... Deus sabe que lhe tenho pedido a morte antes que minha madrinha me falte...

Alfredo

Não peças, filha, que me tens a mim no mundo.

Luiza

Tenho, e é uma consolação saber que soffres comigo; porém... Não vá vir a madrinha (*Escuta á porta lateral*)... que te disse eu, Alfredo?

Alfredo

Disseste que me tinhas como irmão no soffrimento...

Luiza

E a realisação do nosso querido futuro?... Essa... não espero...

Alfredo

Porque?!

Luiza

Teu pae é um homem muito nobre, e muito rico, e eu sou uma orphã, sou pobre, nem ao menos sei o nome de meus paes...

Alfredo

Criança! que tem a riqueza e fidalguia de meu pae com o meu coração? Não te tenho eu dito que a minha felicidade não m'a dará o dinheiro? Não me tens visto invejar a sorte dos operarios n'esta quinta? Não vês que estou tão afastado d'essa roda onde o dinheiro é recommendação? Homem, que assim pensa, será capaz de sacrificar-se moralmente a ambições d'um pae por mais respeitavel que a sua vontade seja? Eu queria desenganar-te, Luiza, e... hei de desenganar-te...

Luiza

Como, Alfredo?! eu não temo enganos teus...

Alfredo

Hei de obrigar-te suavemente a fazer justiça inteira á independencia d'algumas almas...

SCENA X

OS MESMOS *e o* CRIADO

Criado

Está na sala de espera um senhor que pretende fallar á senhora D. Emilia.

Luiza

Dê-lhe parte. (*O criado sahe*). Vamos á quinta, Alfredo. Deixemos esta sala á minha madrinha.

Criado, *fóra*

Faz favor de entrar, que a senhora vem já.

SCENA XI

BARÃO DE VILLA-MARIM *e depois* D. EMILIA

Barão, *examinando*

O apparato não me cheira á tal fortuna... Veremos o que d'aqui sahe... isto é uma casa de quinta... emfim... póde ser. (*Para D. Emilia que vem entrando*) Minha senhora, passasse muito bem... Eu tomei a liberdade de procurar a v. exc.ª

D. Emilia

Não sei a quem tenho a honra de fallar.

Barão

Eu sou o Barão de Villa-Marim, criado de v. exc.ª para a servir. (*Ligeiro cumprimento de D. Emilia.*) Creio que não me conhece.

D. Emilia, *indicando-lhe o canapé*

Não tenho o gosto.

Barão, *sentando-se*

Pois, minha senhora, eu sou o Barão de Villá-Marim, e tenho uma soffrivel fortuna arranjada por meios licitos, graças a Deus, e não como a de alguns meus collegas, que a arranjaram Deus sabe como, e eu tambem sei alguma coisa .. Pois, emfim, minha senhora, eu tenho quatro filhas, e dois rapazes. As raparigas estão casadoiras, e eu, a fallar a verdade, não sei guardar as mulheres, porque diz lá o dictado, que nem o diabo as guarda. Pois, minha senhora, um d'estes dias, appareceu em minha casa um rapazote de *cabriolet,* bem arranjado, pedindo-me minha filha segunda, que é a Joaninha, que já fez os seus dezoito. Eu disse ao tal noivo que queria saber quem era, e a fortuna que tinha, porque isto, bem sabe a senhora, que... está visto... a

pequena tem trinta contos já, e o que casar com ella, se não tiver mais, arranje-se lá como puder, mas ha de ter outro tanto; sim, isto é claro, pois não acha?

D. Emilia

Sim, senhor.

Barão

Pois é verdade. O tal moço, como eu lhe vinha contando, disse-me que era natural d'Evora-Cidade, onde tinha uma boa casa, e estava vivendo em Bemfica na companhia de uma tia muito rica, que pelos modos é v. exc.ª, de quem é herdeiro elle. Disse chamar-se Jorge de Sá Pignatelli Lencastre... e não sei que mais. Pois, minha senhora, é ao que eu vinha...

D. Emilia

Ainda não sei ao que o senhor vem.

Barão

Venho saber se isto é verdade, com quanto dota v. exc.ª o seu sobrinho, e quanto valerá esse morgadio que elle tem em Evora-Cidade.

D. Emilia

Responderei: meu sobrinho não é morgado, é filho segundo d'uma casa arruinada. Não o doto em vida, nem tenciono instituil-o meu herdeiro. Creio que respondi.

Barão

Tambem me parece que sim... E' o que eu queria saber... Então seu sobrinho é um troca-tintas...?

D. Emilia

Pelo simples facto de ser meu sobrinho, lembro ao senhor barão de... de...

Barão

Barão de Villa-Marim.

D. Emilia

Lembro ao senhor barão de Villa-Marim que é pouco cortez o nome que lhe dá. Preciso tratar do governo de minha casa; e então... (*ergue-se*).

Barão, *erguendo-se*

Em todo o caso fará favor de lhe dizer que me não ande lá pela rua a fazer douda a cabeça da rapariga.

D. Emilia

Se a cabeça de sua filha tiver o necessario juizo, não corre o risco da loucura; e eu creio que as filhas de v. exc.ª hão de ser educadas com estremado melindre... senhor barão.

Barão, *sahindo*

A's suas ordens, minha senhora.

SCENA XII

D. EMILIA *e depois o* CRIADO

D. Emilia, *tocando a campainha*

Como hei de eu vêr-me livre d'este vexame continuado em que me tem este homem!... (*Ao criado que entra.*) O senhor Jorge está em casa?

Criado

Sahiu com a espingarda e com os caens, senhora.

D. Emilia

E o senhor Alfredo Tovar onde está?

Criado

Andava agora com a menina no jardim. (*Reparando*) Elle aqui vem.

D. Emilia

Retira-te, e não entre aqui alguem sem minha ordem.

SCENA XIII

D. EMILIA, *e* ALFREDO TOVAR

D. Emilia

Mandava-o agora chamar, senhor Alfredo, para uma... para uma impertinencia.

Alfredo

Que poderá v. exc.ª querer-me que me não seja muito agradavel!

D. Emilia

Começarei por fazer o elogio da minha afilhada. Não ha coração mais bom, nem mais sincero. Tem a innocencia que protege a fraqueza. Se ha peccado no coração de Luiza, as acções puras de todos os dias estão-a sempre absolvendo. Não conhece ainda bem minha afilhada, senhor Tovar, para não achar suspeito este elogio.

Alfredo

Eu conheço aquelle anjo...

Emilia

Se a conhece, ha de amal-a muito.

Alfredo

Senhora D. Emilia, porque me não diz que sabe que eu a amo muito?

Emilia

Ainda não disse tudo do elogio. Minha afilhada só tem para mim um segredo, mas, coitadinha, sabe tão pouco simular, que esse mesmo lhe adivinhei. Pensa que é do seu amor? não é, senhor Tovar; esse contou-m'o ella... a chorar, como quem chora uma esperança morta.

Alfredo

Uma esperança morta! que diz v. exc.ª?! Eu inspiro desconfiança a alguem?!

D. Emilia

Não antecipemos o fim d'esta nossa entrevista. Em louvor de minha afilhada, quero confiar-lhe o segredo que ella me esconde: é a dôr de não ter appellido de pae ou mãe: julga-se uma engeitada que a piedade perfilhou. Tem no fundo do coração a mágoa de não herdar de sua mãe ao menos a virtude, e de seu pae a honra. Ella já lhe fallou n'isto?

Alfredo

Ligeiramente.

D. Emilia

E Jorge?

Alfredo

Esse...

D. Emilia

Esse disse-lhe alguma invenção torpe...

Alfredo, *vacillante*

Não, minha senhora...

D. Emilia

Disse-lhe que Luiza era uma exposta que eu levantei das lages da rua.

Alfredo

Se o dissesse, eu pedir-lhe-ia que cobrisse com a bandeira da misericordia a deshonra dos paes de Luiza, por amor de Deus e d'ella.

D. Emilia, *perturbada*

O senhor tem um nobre coração... Vou-lhe dizer o

nascimento d'esta menina. Eu tive uma amiga que Deus me emprestou por poucos annos. Amou até á cegueira. Galardoou com corpo e alma a deshonra d'um perfido. Foi abandonada, quando o abandono excruciava duas victimas ao mesmo tempo. Esse homem casou com outra. A minha amiga sobreviveu algumas horas ao deixar uma herdeira das suas lagrimas na terra. Jurei-lhe protecção á criancinha; fil-a minha; dei-lhe o coração que dera a sua mãe, e mandava-lhe todos os dias o meu coração ao céo para que a mãe a visse. Esta é a historia de Luiza, senhor Tovar. Eu não vesti o meu conto com palavras tocantes. Quiz reduzil-o a poucas, para chegar depressa onde a impaciencia de nós ambos nos chama. Luiza ama-o muito. Eu, sua segunda mãe, consultando a primeira, se o coração me falla por ella, não reprovo semelhante amor. Quaes intenções são as suas? Desculpe-me a grosseria da pergunta; mas eu fallo com um mancebo que mereceu o amor da minha Luiza. Quero, n'este instante, pertencer a uma sociedade, onde as palavras não servem para desfigurar os pensamentos... Para que ama Luiza?

Alfredo

Não lh'o disse ella, minha senhora?

D. Emilia

Ha coisas que o pudor não diz. A minha afilhada ainda não proferiu uma palavra que anda na bôca de todas as meninas da sociedade escolhida. Esta palavra «casar» tem um som que fere o coração innocente e afeia os labios virgens que a pronunciam. Não me chame visionaria... O senhor Tovar quer fazer sua esposa minha afilhada?

Alfredo

Se houvesse de responder negativamente, creio que não estaria a esta hora na presença de v. exc.ª.

D. Emilia

Que impede a prompta realisação d'essa vontade?

Alfredo

Até hontem a vontade de meu pae, hoje a de v. exc.ª. Quando me encaminhava para esta sala, vinha pedir o seu consentimento.

D. Emilia, *erguendo-se e estendendo-lhe a mão*

Tem-o. *(Vae á porta, chamando)* Braz... *(ao criado)* chama aqui a senhora D. Luiza. *(O criado sahe).* Eu hei de ir d'aqui agradecer ao Senhor o primeiro momento de felicidade que me está dando em minha vida.

Alfredo

E eu pedir-lhe-hei que me dê a felicidade de reproduzir esses momentos com quanto amor e respeito se póde ter a uma segunda mãe.

SCENA XIV

OS MESMOS *e* LUIZA

D. Emilia, *tomando-lhe a mão*

Apresento-te teu esposo, Luiza. *(Luiza baixa os olhos)* O coração não te manda agradecer, filha? (*Luiza abraça a madrinha escondendo-lhe a face no seio. Tovar, curvando um joelho, beija a mão de D. Emilia, que o ergue*). A gente nas grandes amarguras tem a expressão do gemido; para as grandes alegrias não ha nenhuma! Luiza, reparte do teu coração uma migalha d'esse prazer, que tão poucas mulheres sentem puro de temores

e de remorsos. Eu não o experimentei, e tinha uma alma tão digna de o sentir... *(chora)*.

Alfredo

Minha boa amiga...

Luiza

Porque chora, minha madrinha? Eu não a deixo...

D. Emilia, *concentrada*

Entre a saudade e o remorso ha uma paixão que rasga... Ora aqui está o que é a felicidade n'esta vida... mistura de risos e prantos. A tua... não é assim, Luiza. Dou-te a um anjo, a um homem, que não entendeu o mundo, e fugiu para nós, que tambem o não entendiamos... Pareces-me opprimida, filha! Queres-te sósinha agora? Isso é tão natural... Vae colher dois ramilhetes de flôres, e d'esta vez não tragas cypreste no meu, não?... (*Luiza, envergonhada, sorri, e sahe*).

SCENA XV

D. EMILIA *e* ALFREDO

D. Emilia

Não o deixo ir com ella, porque vão dizer puerilidades... (*Sorrindo*) Sente-se ao pé de mim: vamos conversar. Fallemos da sua familia. Seu pae já Jorge me disse que era o senhor Bernardo Tovar.

Alfredo

Não, minha senhora. *Tovar,* é appellido de minha mãe; adoptei-o, porque me era tão cara a sancta senhora, que, desde criança, me assignei com o appellido d'ella.

D. Emilia

Já me disse que morrêra ha pouco tempo...

Alfredo

Ha quinze mezes.

D. Emilia

Foi muito querida de seu pae?

Alfredo

Penso que não, minha senhora... Soffreu muito. Os annos de casada foram tormentosos. Disse-me, uma vez, que estava no mundo, expiando um tremendo crime. Não ousei devassar o sanctuario d'esse terrivel segredo; mas meu pae sabia-o.

D. Emilia

Pobre senhora! talvez morresse immaculada para entrar no céo...

Alfredo

Se este mundo é purgatorio...

D. Emilia

E seu pae não minorava o supplicio d'essa expiação?

Alfredo

Meu pae era talvez... o seu verdugo. Ha pouco tempo que uma velha criada me disse, que meu pae fôra obrigado a casar com minha mãe.

D. Emilia

Casamentos forçados é sanctificar com um sacramento a lucta de victima e algoz. Antes a morte no desamparo, que o martyrio a portas fechadas. E como se chama seu pae?

Alfredo

Bernardo de Mascarenhas.

D. Emilia, *erguendo-se impetuosamente*

Como?!

Alfredo, *o mesmo*

Que é, minha senhora?! (*D. Emilia, silenciosa, fixa-o penetrantemente*) V. exc.ª não me diz que impressão foi essa?

D. Emilia, *sentando-se*

Pelo amor de Deus, silencio, senhor! Eu sinto uma agonia que me não deixa sahir d'aqui!

Alfredo

Que tem v. exc.ª?! Por quem é, senhora D. Emilia diga-me se eu sou causa d'essa commoção! (*D. Emilia acena negativamente*).

SCENA XVI

OS MESMOS *e* LUIZA

Luiza, *com os ramilhetes*

Aqui estão, madrinha! (*Surprehendida*) Jesus! ella que tem?

Alfredo

Um ataque repentino.

Luiza

Virgem Sanctissima, valei-me! Minha madrinha, falle-me, por piedade!

D. Emilia, *beijando-a*

Sahe d'esta sala, minha filha. Espera-me no teu quarto. (*Luiza não vae*) Não me desobedeças... vae... (*Luiza sahe*).

SCENA XVII

D. EMILIA *e* ALFREDO

D. Emilia, *erguendo-se*

Senhor Tovar!... acabou tudo entre nós.

Alfredo

Que diz, minha senhora?!

D. Emilia, *com resolução*

Não lhe dou minha afilhada.

Alfredo

Isso é impossivel! Que mal lhe fiz eu? A historia de meu pae é causa para tamanho desprêzo?! Hei de eu ser um marido como elle foi?!

D. Emilia

Senhor Tovar, seja honrado como tem sido... Esqueça minha afilhada... Diga o adeus ultimo a esta casa.

Alfredo

Por piedade, senhora, que me mata!

D. Emilia

Morreremos todos, senhor Tovar, e eu serei a primeira. (*Ouve-se um grito de Luiza*) A desgraçada ouviu tudo! (*Vae soccorrêl-a. Luiza entra espavorida, e corre a Alfredo, que se dirige a ella. D. Emilia colloca-se entre ambos, afastando-os*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Sala mobilada com magnificencia

SCENA I

BERNARDO DE MASCARENHAS, *passeando com signaes d'afflicção;* MEDICO, *sahindo d'uma porta lateral*

Mascarenhas

Como está meu filho, doutor? Esperava-o para lh'o perguntar.

Medico

Está a dormir, e bom será que se prolongue este somno restaurador. Eu volto logo, senhor Mascarenhas.

Mascarenhas

Receia, doutor?

Medico

Eu receio sempre; e, quando a enfermidade está no espirito, receio mais da impotencia da medicina.

Mascarenhas

Não duvída que elle soffre por uma causa moral?

Medico

Não posso achar outro diagnostico.

Mascarenhas

Vou sondar meu filho.

Medico

Devêl-o-ia ter feito, senhor Mascarenhas. Eu tentei-o já, e elle atalhou-me, logo no comêço, definindo a sua

morte como balsamo unico d'uma chaga incuravel. Instei delicadamente por explicações: não me respondeu. V. exc.ª conseguirá o que eu não consegui. Faça-o como pae, e eu auxilial-o-hei como amigo: como medico receio não tirar proveito. Até logo. Eu demoro-me pouco. (*Sahe*).

Mascarenhas

O menos tempo que possa, doutor.

SCENA II

BERNARDO DE MASCARENHAS *e o* CONSELHEIRO NOBREGA

Mascarenhas

Eu não queria tanta pontualidade, meu caro conselheiro! A minha carta, decerto alterou o teu velho costume de dormir até ao meio dia.

Conselheiro

São quinze dias de dôr de cabeça, meu caro Mascarenhas; mas quem te deu o coração ha vinte annos, tambem te dá a cabeça agora, sendo necessario. Então que temos? A tua carta pareceu-me escripta com pressa e afflicção. Senta-te aqui (*no sofá*). E' verdade, como vae teu filho?

Mascarenhas

Mal, abatidissimo, e... desconfio... Morre, talvez... é o mais certo... Faltava-me este golpe...

Conselheiro

Não morre, não. Alli anda amor dos dezenove annos. Tu, na ida de d'elle, tiveste muitas d'aquellas crises. Não te lembras d'Evora-Cidade?

Mascarenhas

Apontaste já o motivo por que te chamei. Recorda-te: era eu cadete, e amei aquella mulher...

Conselheiro

Aquella! é preciso saber qual das tres: tu amavas, ao mesmo tempo, a flôr d'Evora, uma menina da familia dos Sás. Amavas uma peregrina formosura de Beja, onde estiveste destacado. E amavas, em Lisboa, uma terceira com quem casaste.

Mascarenhas

Trata-se da primeira. Sabes bem a historia de Amalia de Sá?

Conselheiro

Soube até ao momento em que sahimos ambos de Evora: tu prêso para casares com a menina de Lisboa que seduziras; eu para Inglaterra emigrado, onde nunca tive novas tuas, nem d'ella. Em 1833 achei-te transfigurado. Ouvias com repugnancia as recordações da nossa mocidade, e nunca me fallaste de Amalia, nem me apresentaste a tua mulher. Respeitei o melindre da reserva, e nunca te fallei de amores.

Mascarenhas

Não era reserva, meu amigo: era o tedio de mim proprio; era o receio de assanhar com recordações as viboras que trazia no coração. Sabes que fui violentado a casar-me. O pae d'essa mulher, que foi, ao mesmo tempo, meu algoz e minha victima, era um homem necessario ao governo. Apesar dos meus grandes haveres e protecções, se não caso com Henriqueta Tovar, era degredado ou talvez envenenado no Limoeiro. Eu disse sempre que Henriqueta seria desgraçada, mais desgra-

çada que eu. Sacrificaram-m'a, fizeram-na instrumento de vingança... e viveu dezoito annos de amarguras.

Passavam-se mezes que a não via; e, durante dezoito annos, não foi minha esposa, foi uma mulher aborrecida que vivia debaixo das mesmas telhas... Não me reprehendas em tua alma, porque o meu coração estava cheio do amor de Amalia. Noite e dia, diante de meus olhos, estava sempre o lugubre espectaculo d'uma mulher lacrimosa com uma criancinha ao seio. Eu desviava a attenção para o bulicio da vida e da riqueza, e via-a sempre, sempre aquella creatura tão sancta aos meus olhos, e tão infamada aos da sociedade.

Escrevi a um amigo, pedindo-lhe novas d'Amalia; respondeu-me que era publico em Evora o nosso amor; e que, depois da minha ausencia, Amalia se retirára para uma quinta com uma criada; e, depois do meu casamento, fôra para o Ultramar, chamada por um tio, governador d'uma possessão. Ignorava-se felizmente que Amalia era mãe.

Dois annos depois, ha um magistrado de Loanda que me diz ter fallecido o tio d'Amalia, e ella, sua herdeira, voltára a Portugal. Fiz, com quanto melindre pude, novas indagações, que chegaram ao conhecimento de Amalia. Um dia recebo uma carta com estas palavras: «Esqueça-se de mim por piedade. As suas indagações são um novo ultraje. Infamou-me: não reviva a infamia, associando o meu nome ao seu.»

Isto foi um punhal que me abriu no coração a entrada para a consciencia dos meus deveres. Ha quinze annos que não proferi o nome de Amalia, pensando n'ella sempre. Achei-me em contacto com pessoas d'Evora, que podiam informar-me: nunca aventurei uma per- [illegible] dos labios, forçava-a a retroceder

ao coração como um trago de fel! Tem sido um supplicio atroz!

Estou viuvo ha quinze mezes. Deixei passar um anno para desafogar esta ancia. Quero saber onde está Amalia, quero pedir-lhe perdão, quero verter lagrimas sobre os seus cabellos brancos, ou sobre a sua sepultura...

Meu caro Nobrega, tu sabes tudo, podes tudo saber em poucos dias, procura-me Amalia como procurarias a felicidade do teu velho amigo: ajuda-me a desencravar este espinho de remorso.

Conselheiro, *risonho*

Ora digam lá, que um corpo de quarenta annos é o ataúde de um coração morto!... Que brilho apaixonado ainda tens n'esses olhos! Ora vamos... mãos á obra. Peço oito dias de paciencia, e prometto, dia por dia, avisar-te dos pormenores d'esta syndicancia. Não perco um minuto (*erguendo-se*). Esperança, meu Mascarenhas. A Providencia ha de auxiliar as minhas pesquizas para que se dê um bom exemplo de moralidade. Adeus. (*Reparando em Jorge, que vem entrando*). Quem é este peralta?

Mascarenhas

Deve ser relação de meu filho.

Conselheiro

Adeus, Mascarenhas. Nada de prevenções funebres. O pequeno ha de melhorar. (*Sahe*).

SCENA III

BERNARDO DE MASCARENHAS, *e* JORGE DE SÁ

Mascarenhas

Naturalmente procura meu filho.

Jorge

Exactamente, e aproveito a occasião para cumprimentar v. exc.ª, a quem felicito por ser o pae d'um moço com tão excellentes qualidades.

Mascarenhas

Muito grato, senhor... não tenho ainda o prazer...

Jorge

Jorge de Sá.

Mascarenhas

Muita satisfação em conhecer o senhor Jorge de Sá. Eu vou vêr se meu filho está acordado. (*Sahe*).

SCENA IV

JORGE DE SÁ, *e depois o* MEDICO

Jorge

E' um ricasso bem amavel este homem que se chama Bernardo! Estes capitalistas, que se chamam Bernardos, dizem, mas não fazem «bernardices». Este homem, se tivesse uma filha, era um ente adoravel! Merecia a pena fazer uma tentativa de prosperidade... (*Ao medico, que entra*). Por aqui, amavel doutor?

Medico

Oh! que grande traquina! Veio hoje de Bemfica?

Jorge

N'este instante, meu caro Paracelso!

Medico

Como passou sua tia a noite?

Jorge

Creio que andou a pé, com um candieiro em punho

á laia de fantasma. O' doutor, minha tia será somnambula?!

Criado, *ao reposteiro*

O senhor Alfredo está-se levantando, e pede o favor de o esperarem um instante. (*Sahe*).

Jorge

Que lhe parece, meu amigo, aquelle incommodo de minha tia é serio?

Medico

O senhor é que não parece serio na pergunta. Sua tia tem um aneurysma, aggravado por padecimentos moraes em que o senhor Jorge deve ter um grande quinhão de influencia.

Jorge

Ora essa!... Eu sou o anjo bom d'aquella casa. Incommódo tão pouco minha tia, que se passam tres dias que a não vejo.

Medico

Oh! essa indifferença é muito amavel! Está plenamente justificado o senhor Jorge...

Jorge

Pois não acha?! E aquella pequena, afilhada de minha tia, que tem?

Medico

Não sei.

Jorge

Aquillo é paixão, não lhe parece?

Medico, *ironico*

Será... talvez paixão... por v. s.ª

Jorge

Nada, não é por mim. Deixe estar que eu hei de contar-lhe um segredo com que o meu amigo póde acreditar muito a sua medicina.

Medico

Agradecido, e vamos emparceirados. Olhe se me faz um doutor sangrado, que eu depois faço-o ao senhor o meu Gil-Braz.

SCENA V

OS MESMOS, *e* ALFREDO DE TOVAR

Alfredo, *quebrantado e livido, proferindo a custo as palavras*

Senhor doutor, bom dia. Desejava vêr-te, Jorge.

Jorge

Procurei-te já tres vezes, e o guarda-portão disse que não recebias. Suspeitei da veracidade da defeza, lembrando-me se seria só para mim...

Alfredo, *risonho*

Das duas uma: és simples, ou mau.

Medico

O senhor Jorge... *simples!* Isso é o mesmo que injurial-o! O senhor Jorge não quer passar por isso.

Jorge

Como te dás com este doutor? Já te adivinhou a molestia? Se as receitas forem como os epygrammas... Diz-me cá: porque não vaes convalescer a Bemfica?

Alfredo, *a meia voz*

Ignora tudo...

Jorge

O doutor é o medico de minha tia e de Luiza; são dois doentes. Tu vaes tambem, tres. Eu arranjo uns tuberculos provisorios, quatro... fazemos d'aquella casa um hospital de doentes romanticos. Valeu!

Alfredo

Quem me déra o teu bom humor, Jorge... (*Ao medico*) Então, a senhora D. Emilia está de cama?

Medico

De cama, não: aquella senhora ha de morrer a pé... tem um aneurysma. (*A Jorge*) O senhor não tenha a imprudencia de lh'o dizer...

Jorge

O' doutor, eu terei aneurysma? Sabe vossê que eu, quando tenho dinheiro, dou duzentas e setenta e cinco pulsações por minuto! Ora apalpe... (*Dando-lhe o pulso*) Se eu dér uma pulsação agora, corto as orelhas.

Medico

O que o senhor tem é um principio de encephalite. A sua cabeça tem grandes lesões.

Jorge

Olhe que eu sei de cór o meu *Molière,* doutor...

Medico, *a Alfredo*

Vamos cá... deixe vêr este pulso. Houve novo vomito de sangue?

Alfredo

Durante a noite, duas vezes. (*Cahe n'uma profunda concentração*).

Jorge

Queres tu ir para Bemfica? Eu tenho ahi o meu *gig*. Venha tambem, doutor, que eu vou na almofada.

Medico

O senhor Alfredo não póde sahir sem grande recato; todavia, se o espirito lhe acceita o passeio como divertimento... Que diz, senhor Tovar?

Alfredo

Como? não ouvi bem...

Jorge

Se queres ir a Bemfica.

Alfredo, *estremecendo*

Não.

Jorge

Doutor, eu sou intimo amigo de Alfredo, e vou fazer, por isso mesmo, uma revelação de que depende a sua prompta melhora.

Medico

E eu desejo-a.

Alfredo

Jorge! discrição!

Jorge

Está bom... não te impacientes: eu não digo nada.

Medico

Senhor Alfredo, o que este senhor sabe posso eu sabêl-o... Consinta que elle me anime, fazendo essa revelação, a fallar-lhe como amigo, pois que até aqui só tenho podido operar como medico.

Alfredo

Jorge nada sabe.

Jorge

Pois eu nada sei?! O' Alfredo, eu não sei nada?!

Alfredo

Não.

Jorge

Sei tudo.

Alfredo

Diz o que sabes.

Jorge

Alfredo ama a afilhada de minha tia, quer casar com ella, mas o pae nega-lhe consentimento. Aqui está o mysterio em quatro palavras, e agradeçam-me o laconismo, porque hoje não ha mysterio que não tenha tres volumes, pelo menos.

Alfredo, *ao medico*

Meu amigo, Jorge foi verdadeiro e falso. Amo essa menina, quiz casar com ella; o mais é falso: meu pae ignora tudo.

Jorge

Então como se explica a tua ausencia d'aquella casa, a doença de minha tia, a doença de Luiza, e a tua doença? Este hospital de sangue e lagrimas, o que é?

Alfredo

Poupem-me a explicações. (*Ao doutor*) Sinto um mal-estar indefinivel, um esvaecimento que me anceia. (*Recosta-se no sofá*).

Medico, *apalpando-lhe a testa*

Está suando copiosamente... é um vágado. Senhor Alfredo!

Jorge

Está sem sentidos? (*A' parte*) E' romantico!

Medico

Está. Venha cá. (*Afastam-se*) O senhor tem a certeza do que disse?

Jorge

Ora, se tenho! Não o contrariei para o não mortificar; mas a verdade é esta. Alfredo ama Luiza furiosamente. Isto é um evangelho. Para um rapaz honrado são fataes os dois bicos do dilemma do amor. Quer casar, e não tem meios. Minha tia naturalmente não dá nada á afilhada, porque é uma grande sovina, e o pae não lhe dá nada a elle. Agora, doutor, com esta noção symptomatologica (que palavra tamanha!) está na sua mão cural-o. Faça com que este Bernardo lhe dê uns trinta contos para comêço da vida, e verá que se acredita como medico espiritual, porque tem a habilidade de curar tres pessoas ao mesmo tempo, a saber: elle, Luiza, e minha tia.

Medico, *enfadado*

O senhor é um trapalhão! Adeus, meu amigo! Está sempre fallando em estylo de dom Bibas, e o assumpto é grave de mais para jogralidades.

Jorge

Fique no que lhe parecer, doutor. Vou-me embora.

SCENA VI

OS MESMOS, *e um* CRIADO

Criado

Aqui está o senhor Jorge de Sá?

Jorge

Sou eu.

Criado

Tem a bondade de descer ao páteo?

Jorge

Que é?

Criado

Faz favor de se não demorar. (*Jorge sahe*).

Medico, *ao criado*

Venha cá: o que é isso lá no páteo?

Criado

Entraram dois officiaes de diligencias, e perguntaram pelo senhor Jorge de Sá para o fazerem depositario do carro e do cavallo que lhe penhoraram na rua.

SCENA VII

OS MESMOS, *e depois* JORGE

Medico

Está bom; póde ir. (*O criado sahe*) Bem diz D. Emilia, que este homem é o seu flagello!... Senhor Alfredo!

Alfredo

Estou melhor... passou-me a agonia. Ouvi tudo o que ahi se disse, doutor. Olhe que Jorge mentiu segunda vez... Que coisa é essa d'uma penhora?

Medico

Rapaziadas... Penhoraram o carro de Jorge...

Alfredo

Meu amigo, vá remediar de qualquer maneira esse vexame, antes que meu pae dê fé...

Jorge, *ao medico, não reparando em Alfredo*

O' doutor, o senhor tem ahi doze libras que me empreste até logo, para me livrar da desfeita d'um canalha? Eu escuso de ir ao páteo, que já sei o que é... Empresta-me doze libras?

Medico

Aqui, não senhor; mas, se se demora, chego a minha casa buscal-as.

Alfredo

O' senhor doutor, queira entrar no meu quarto, e trazer esse dinheiro do que lá ha de estar nas gavetas do toucador. *(O medico sahe).*

SCENA VIII

JORGE *e* ALFREDO

Alfredo

Não digas a Luiza que me viste n'este estado.

Jorge

Palavra de cavalheiro, não digo... Porque não casas tu contra a vontade de todo o mundo, e não levantas a tua legitima materna?!

Alfredo, *com docil paciencia*

Cala-te, que me torturas!...

SCENA IX

OS MESMOS, *e o* MEDICO

Medico

Aqui estão as doze libras.

Jorge, *acceitando com sofreguidão*

Lança em nossas contas, Alfredo... e até logo. *(Sahe).*

Alfredo, *sorrindo*

Em nossas contas!... E' um desgraçado com exterior bem feliz este rapaz!

Medico

Dá cabo da casa da tia, e da d'elle.

Alfredo, *erguendo-se*

E da sua honra, que é o peor... Queria-me deitar, meu amigo.

Medico

Seu pae disse-me agora, que desejava fallar-lhe, logo que estivesse só. Não póde?

Alfredo

Posso... faço um esforço.

Medico

Eu retiro-me, e virei depois. Cedo o logar a outro medico de que espero a sua cura.

Alfredo, *sorrindo tristemente*

Sim?... a minha cura... *(senta-se)*. (*O Medico sahe*).

SCENA X

ALFREDO *e depois* BERNARDO DE MASCARENHAS

Alfredo

Meu pae vem lembrar-me a obrigação de lhe contar a minha vida. *(Erguendo-se, vendo entrar o pae)*.

Mascarenhas

Senta-te, Alfredo. O mesmo estado, sim? (*palpando-lhe as mãos*).

Alfredo

Pouco allivio sinto.

Mascarenhas

Que ha na tua vida, Alfredo? Quero vêr o teu coração... peço, como amigo, e exijo como pae. Diz-me que soffrimento moral é o teu. Se me respondes com evasivas, desconheço em ti o meu filho sincero e franco sempre comigo.

Alfredo

Sempre, até morrer, meu pae.

E' o filho que responde ao amigo... Amo ha tres mezes uma orphã pobre, afilhada d'uma senhora a quem fui apresentado. Não tinha amado nunca. Foi uma adoração a minha, cheia de tormentos, porque me estava sempre aterrando o receio de perdêl-a. Eu sabia que havia de morrer... perdendo-a.

Mascarenhas

E perdeste-a? morreu?

Alfredo

Antes morresse... estava, esta hora, esperando-me n'outra vida melhor...

Mascarenhas

Trahiu-te?

Alfredo

Não, meu pae... primeiro seria eu capaz de atraiçoal-a, amando-a tanto... Não me trahiu... Perdôa o que eu vou dizer-lhe?

Mascarenhas

Perdôo, filho, diz tudo.

Alfredo

Eu não suppliquei o consentimento de meu pae para pedir Luiza a sua madrinha. Foi instantanea esta resolu-

ção. Tencionava vir de lá ajoelhar-me a seus pés, e dizer-lhe: não lhe peço um ceitil: supplico a sua benção para ella.

Mascarenhas

E pediste-a?

Alfredo

Pedi: enchi de jubilo o coração da excellente madrinha, choravamos todos tres de felicidade...

Mascarenhas

E depois?...

Alfredo

Fallei da minha familia... (*Muito afflicto*) Não posso continuar, meu pae...

Mascarenhas

Alfredo, não consinto o teu silencio, ainda que seja um crime.

Alfredo

Crime não, é uma culpa.

Mascarenhas

Falla, Alfredo.

Alfredo

Fallei de minha mãe com muita saudade e dó: disse que ella fôra uma martyr... e proferi o nome de meu pae com doloroso azedume. (*Vae lançar-se-lhe de joelhos, e o pae levanta-o*). E mal proferi o seu nome... a madrinha de Luiza... exclamou: «Está tudo acabado entre nós: não lhe dou minha afilhada; seja honrado não voltando mais a esta casa...» E eu sahi com o frio da morte no coração... para esta longa agonia... Disse tudo, meu pae.

Mascarenhas

Quem é essa senhora?

Alfredo

A madrinha de Luiza é D. Emilia.

Mascarenhas

Onde vive?

Alfredo

Em Bemfica.

Mascarenhas

Sabes se essa senhora foi relação de tua mãe!

Alfredo

Creio que não.... de certo não foi.

Mascarenhas

Suppões que o seres filho d'um homem, cuja mulher... viveu desgostosa, é a causa d'essa retratação?

Alfredo

Não posso imaginar outra.

Mascarenhas

Alfredo, eu quero vêr essa senhora. Teu pae vae justificar-se diante d'uma mulher que nunca viu. Quero provar-lhe que não é herança de familia, n'esta casa, o martyrio das mulheres. Essa menina será tua esposa, ou eu provarei que D. Emilia está demente.

Alfredo

Meu pae! (*Abraçando-o.*) Não a faça soffrer...

Mascarenhas

Irás ámanhã comigo a Bemfica, e ficarás na sege em quanto não puderes transpôr com honra o limiar d'essa casa.

SCENA XI

CRIADO *e os* MESMOS

Criado

Uma carta para o senhor Alfredo. (*Sahe*).

Alfredo

E' de Luiza. (*Grande sobresalto, treme para abril-a e não póde.*) Veja, meu pae.

Mascarenhas, *lendo*

«Alfredo, diz-me que vives. Meu querido irmão, não «me expulses de tua alma até que eu morra. Se fôres «adiante de mim, abençôa os meus paroxismos. Minha «madrinha diz que morre, e que me ha de dizer a causa «da nossa desgraça á hora da morte. Qual será, meu «Deus?!... Não posso mais. A febre tira-me a vista... «Deus me leve depressa ..» Eu respondo a esta carta, Alfredo.

Alfredo

De que modo, meu pae?

Mascarenhas

Tres palavras: *esperança, minha filha,* e assignarei o meu nome.

SCENA XII

UM CRIADO, OS MESMOS, *e depois o* CONSELHEIRO

Criado

O senhor conselheiro Nobrega.

Mascarenhas, *alvoroçado*

Que entre. (*Para Alfredo.*) Precisas repouso, filho, vae ao teu quarto.

Conselheiro

Olé! o nosso Alfredo está melhor! Isto já é ar de vida!

Alfredo, *apertando-lhe a mão de passagem para o quarto*

Creio que sim, senhor conselheiro... (*Sahe*).

SCENA XIII

MASCARENHAS *e o* CONSELHEIRO

Mascarenhas

Que volta tão rapida é esta?!

Conselheiro

Eu não te disse que a Providencia nos auxiliaria?

Mascarenhas, *com vehemencia*

Que é?! encontraste?!

Conselheiro

Estou no caminho... Creio que encontrei.

Mascarenhas

Aonde?

Conselheiro

N'uma aldeia visinha de Lisboa.

Mascarenhas

Está solteira?

Conselheiro

Está solteira.

Mascarenhas

Aonde? aonde? O' Providencia!

Conselheiro

De vagar, Mascarenhas. O agente principal sou eu. Antes que a vejas, hei de eu vêl-a. Quero prevenil-a, para que a não mates com a surpreza. E' muito possivel... A'manhã sou eu o que vou. Depois iremos ambos.

Mascarenhas

Tens a certeza de que é ella?! Diz, meu amigo... a certeza?

Conselheiro

A certeza. A cem passos da tua porta encontrei o proprio irmão d'ella: d'elle soube tudo.

Mascarenhas, *com solemnidade*

Meu amigo!... antes que a felicidade me mate, deixa-me agradecêl-a a Deus. (*Ergue as mãos*).

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Uma saleta com alcovas lateraes, e porta ao fundo

SCENA I

Luiza, *chamando a uma porta do lado, a meia voz*

Minha madrinha, minha madrinha!... Parece que dorme. Nossa Senhora queira... Minha madrinha! (*Afasta-se*). Tudo me aterra! Estou sempre a recear que o somno seja o ultimo... (*Torna a escutar á porta que abre subtilmente*). Respira alto... este dormir ha de fazer-lhe bem. (*Tirando uma carta d'entre as paginas d'um livro*). Queria mostrar-lhe esta carta. Tenho chorado tanto sobre estas letras... (*Lê*) «Esperança, minha filha = *Bernardo de Mascarenhas.*» E' o pae d'elle... Pois se Alfredo está tão doente que não póde escrever-me... que esperança é esta que me promettem!... Será a do céo!... Deus m'a realise depressa. (*Ouvindo passos, esconde o bilhete*).

SCENA II

LUIZA *e* JORGE DE SÁ

Luiza, *com o dedo no nariz*

Sio! sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha.

Jorge, *pé ante pé*

Eu fallo baixinho... Não sabe? estive com Alfredo.

Luiza, *com vivacidade*

Ai! esteve? Senhor Jorge, esteve?

Jorge, *comicamente*

Sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha.

Luiza

Elle como está?

Jorge

Doente: mas não é nada. Eu receitei-lhe, e o rapaz, se o facultativo assistente seguir o meu methodo, está curado.

Luiza

Receitou-lhe?!...

Jorge

Sim, Luizinha. Declarei onde estava a enfermidade, e a maneira de a debellar.

Luiza

Então?! onde é que está?

Jorge

Olhe, menina: eu sei tudo, e, por saber tudo, disse o que sabia, para salval-os ambos. Creia que sou seu verdadeiro amigo. Alfredo quer casar comsigo, e o pae d'elle não consente. E' isto, ou não é?

Luiza

Não, senhor Jorge, não.

Jorge

Agora vejo que me julgam ambos um grande lôrpa! Então que é?!

Luiza

Não sei, não sei...

Jorge

Não sabe! ora essa!... Não me acha digno do segredo? Seja o que fôr... Que serviços quer a menina que eu lhe faça para se realisar o seu casamento?

Luiza

Valha-me Deus, senhor Jorge, não fallemos em casamento, não?... Diga-me o que me queria, quando ha pouco me disse que precisava muito fallar-me.

Jorge, *com gravidade*

Eu lhe digo, minha boa amiga: precisava contar com o seu excellente coração para lhe não ser importuno. Attenda-me, Luiza. Eu tenho sido um rapaz muito extravagante, tenho comprado muito caras as minhas loucuras, tenho desbaratado o meu e o alheio. Estes rapazes de Lisboa perderam-me, arruinaram-me, estou empenhado, e ámanhã estarei deshonrado, coberto de opprobrio, não acharei uma pessoa de bem que me aperte a mão. Isto é horrivel, minha amiga, para um homem cavalheiro, brioso por sangue, sangue de velha raça portugueza! Querem atar-me a um poste de ignominia... Querem matar uma alma nobre!... Comprehende o meu infortunio, Luiza?

Luiza

O senhor Jorge tem desprezado os conselhos de sua boa tia...

Jorge

Era tarde para aproveital-os. A minha honra estava já hypothecada por grandes quantias, quando minha boa tia me disse que eu ia, pelo caminho da deshonra, direito ao abysmo da perdição. Hoje quero rehabilitar-me, e não tenho quem me proteja. Quero sacudir o jugo dos credores, e a cada dia me sinto mais curvado debaixo d'elle. Isto é atroz, infernalmente atroz. (*Com esgares meledromaticos arrepiando os cabellos*).

Luiza

Não se mortifique assim, senhor Jorge. De Deus virá o remedio. Falle com minha madrinha, que é um anjo: exponha-lhe as suas penas, e verá como ella se condóe: diga-lhe tudo...

Jorge

Eu já não acho sensibilidade no coração da minha tia...

Luiza

Não diga isso, que é uma calumnia. Minha madrinha não repelle na desgraça as pessoas estranhas, menos o fará a seu sobrinho.

Jorge

Não tenho coragem de pedir-lhe mais dinheiro... Preciso d'uma quantia grande.

Luiza

Quer o senhor Jorge que eu lh'a peça? Eu lanço-me de joelhos aos pés d'ella, e digo-lhe o que diria para acudir a um meu irmão.

Jorge

Obrigado, Luiza: o seu coração é uma joia sem preço n'este mundo; mas não acceito o seu favor, porque sei que minha tia não me dá o dinheiro que preciso para resgatar a minha honra. Temos um meio, um unico meio, minha querida amiga, e esse depende todo da sua compaixão.

Luiza

Qual é, qual é?

Jorge

Faz-me um favor impagavel, Luiza? Quer salvar-me? promette fazer o que eu lhe pedir?

Luiza

Oxalá que eu possa!

Jorge

Olhe, minha amiga, eu estou para receber brevemente a legitima de minha mãe. D'aqui a um mez estou rico; mas os meus creditos não podem sustentar-se até lá. De hoje até então preciso uma grande quantia, que pagarei impreterivelmente. Luiza, na sua mão está salvar-me. Minha tia tem um aderêço de brilhantes, que nunca põe. Luiza sabe onde elle está. Empreste-m'o, eu obtenho sobre elle o dinheiro que preciso, e d'aqui a um mez restituo-lhe o aderêço.

Luiza

O' senhor Jorge!... eu não faço tal...

Jorge

Porque?!

Luiza

Não sou capaz de tocar n'um alfinete de minha madrinha.

Jorge

Mas, Luiza, não vê que d'aqui a um mez estão as joias no mesmo logar, sem a tia ter dado fé de se lhe tocar?!

Luiza

Não posso, não posso, faz-me tremer só a ideia de abrir as gavetas de minha madrinha!... Pelo amor de Deus não me peça semelhante coisa, senhor Jorge! (*Vê-se D. Emilia espreitando da porta da alcova*).

Jorge

Então... folga com a minha deshonra? quer que eu seja vexado? Entendo-a, minha prezadissima amiga! Espera ser herdeira de sua madrinha, e receia ficar sem as joias... Eu farejei sempre de perto a sua velhacaria com capa de innocencia... Está enganada!... Hei de disputar-lhe a herança até á ultima rodilha d'esta casa! Hei de provar-lhe que na herança d'um governador de Loanda não póde succeder... *uma engeitada*... (*Sahe*).

SCENA III

LUIZA *e depois* D. EMILIA

Luiza, *soluçando*

Meu Deus! peço-vos sempre a vida de minha madrinha; recebei agora as minhas orações com o merecimento d'esta nova dôr! (*Ouve-se uma campainha. Luiza*

corre ao quarto de D. Emilia, e encontra-a a sahir. D. Emilia encosta-se-lhe ao hombro). Como se sente, minha madrinha?

D. Emilia

Pareceu-me ouvir a voz de Jorge.

Luiza

Sahiu agora d'aqui.

D. Emilia, *ironica*

Veio saber de mim, sim?

Luiza

Veio... sim... minha senhora...

D. Emilia, *a meia voz, beijando-a*

Que anjo! (*Alto*) Não o vi ha tres dias... (*Senta-se*). E' um homem muito desgraçado, não é, Luiza?

Luiza

E', é, minha madrinha!...

D. Emilia

Já não sei o que hei de fazer para o melhorar... Aquillo é destino. Ainda agora... tolera-se muito desatino a um rapaz de vinte e dois annos; mas o seu fim de vida... ha de ser triste...

Luiza

Minha madrinha ainda podia valer-lhe...

D. Emilia

Eu!? dizes-me tu isso, Luiza?! Valer-lhe!... Como

Luiza

Dê-lhe dinheiro para elle pagar as suas dividas.

D. Emilia

E se as dividas de Jorge absorvessem tudo o que eu tenho?

Luiza

Não será tudo... pouco que nos fique bastará para nos sustentarmos. Se não chegar, eu trabalharei; e, com o meu trabalho, irei pagando á minha madrinha o desvelo com que me fez ensinar tantas prendas.

D. Emilia

E que farias tu, depois da minha morte, se ficasses pobre?

Luiza

Não me falle na sua morte... não?...

D. Emilia

Oh! a mãe que puder apertar ao seio uma filha assim, ajoelhe e diga ao Senhor que o coração d'essa filha está perdido n'este mundo... Eu quero fallar a Jorge... Vae, filha, e diz a um criado que o avise de que eu o estou esperando.

Luiza

Consegui a sua protecção ao senhor Jorge? diga-me que sim, madrinha, diga!...

D. Emilia

Vae... vae, Luiza. (*Luiza sahe*).

SCENA IV

D. Emilia

Eu tenho sido uma vil mulher!... Deus deu-me este thesouro, e eu escondi-o. E' ella a que me enche o coração de nobre orgulho, e eu... reneguei-lhe o nome. Filha do crime... e dotada de tantas virtudes!... Escondi esta minha riqueza aos olhos da sociedade, mascarei-a com um titulo falso em respeito ao mundo, e o mundo que me dá por este sacrificio?!... Sou duas vezes deshonrada aos meus proprios olhos!... Se não soube ser virtuosa... devia saber ser mãe. (*Soluça, escondendo o rosto*).

SCENA V

D. EMILIA *e* JORGE

Jorge

Chamou-me, minha tia?

D. Emilia

Chamei-o para implorar a sua misericordia.

Jorge

Como, minha tia?

D. Emilia

A victima pede alguns dias de tregoas. Deixe-me morrer tranquillamente... retire-se d'esta casa, villão!

Jorge

Villão! eu sou homem a quem se chame *villão!* Explique-se... Que crimes fiz eu?

D. Emilia

O senhor não fez crimes, no crime ha muitas vezes um ar de nobreza... O senhor o que tem são infamias.

Jorge

Comprehendo... Sei onde se esconde a vibora. Poderei ter infamias; mas por mais infamias que tenha, falta-me uma: não fui engeitado, nem sou um miseravel que mão piedosa ergueu da lama. Hei de pagar a todos o insulto com usura. E' a divida mais sagrada que tenho.

D. Emilia, *de pé convulsiva*

Eu sou uma mulher, senhor!... Grito por soccorro, se se demora um instante. E' o opprobrio da minha familia. Principiou pelo vicio, e acabou por suggerir o roubo! Quiz corromper o coração d'um anjo, que lhe ha de um dia matar a fome com algumas migalhas de pão...

Jorge, *rindo*

A mim?!... veremos... (*Sahe*).

SCENA VI

D. EMILIA, UM CRIADO, *e depois o* PRIOR DE BEMFICA

Criado

O senhor prior espera as ordens de v. exc.ª.

D. Emilia, *prostrada*

Que entre... Oh Sancto Deus, que fim de vida o meu!

Prior

Em que sobresalto a encontro, minha senhora!...

D. Emilia

Estou muito opprimida... O senhor é um justo; peça a Deus por mim, que vou d'este mundo espedaçada fibra a fibra.

Prior

Vae, vae, minha querida senhora... E a bemaventurança para quem é?! Agora, que está raiando para v. exc.ª o sol do dia eterno, é cantar louvores ao Senhor. Bemditas sejam as mágoas no fim da vida, que são as ultimas flôres onde se geram os fructos do céo. Animo, minha sancta senhora!...

D. Emilia

Escreveu, senhor padre Antonio?

Prior, *tirando do bolso da batina um rolo de papel*

Sim, minha senhora; organisei os seus apontamentos; mas falta-me encher dois espaços, que v. exc.ª deixou em claro.

D. Emilia

Bem sei: queira lêr esse artigo.

Prior, *lendo*

«Instituo minha universal herdeira Luiza Amelia, mi-

nha afilhada, pelo muito que me merecem a sua amizade e serviços. (*Vê-se, ao fundo, Jorge espreitando*). Nomeio meu testamenteiro o exc.^{mo} snr. . .» Aqui está um espaço em branco.

D. **Emilia**

Faz favor de encher: (*dictando*) «Nomeio por meu testamenteiro o exc.^{mo} snr. Bernardo de Mascarenhas, residente em Lisboa, na calçada do Marquez d'Abrantes.» Queira lêr o que se segue.

Prior

«E para merecer ao citado testamenteiro os seus bons officios e zelosos cuidados a favor da minha dita afilhada Luiza Amelia, peço e supplíco ao ex.^{mo} snr. Bernardo de Mascarenhas, que preste toda a consideração e benevolencia á minha ultima vontade, como se essa consideração e benevolencia lhe fosse pedida pela mãe de Luiza Amelia, a qual, ha dezoito annos, se chamava. . .» Aqui está outro espaço. (*Jorge desapparece*).

D. **Emilia**

Faz favor de encher: «que ha dezoito annos se chamava Amalia de Sá.» Senhor padre Antonio. . . isto aqui é um confessionario. . . chame um tabellião para encerrar esse testamento que deposito em suas mãos. . . Espere. . . (*escutando*) Eu ouço a voz de meu irmão. . . Deixe-nos sós. (*O prior sahe*).

SCENA VII

D. EMILIA DE SÁ *e* FRANCISCO DE SÁ

Francisco de Sá

Eu venho a chamar desde a porta da rua, e ninguem me falla. Como queres que te chame, Amalia ou Emilia? Será Emilia, visto que te chrismaste. Como tu estás acabada, mulher! isso que é?

D. Emilia

E' a velhice.

Francisco

Qual velhice! Tu tens trinta e nove annos, e eu quarenta e cinco. Como vae a tua afilhada? Eu não sei nada. O Jorge só me escreve quando quer dinheiro. Não sabes quem hontem me pediu novas tuas com muito interesse? O Nobrega. Não te lembras d'um rapazote, que era Juiz de fóra, em Evora, em 1828? um rapaz que suciava muito com o cadete Mascarenhas? Olha, olha, inda não podes ouvir este nome sem mudar de côr! Isso é que foi amor com raizes... Pois o conselheiro Nobrega filou-me na calçada do Marquez de Abrantes, e fez-me dizer onde estavas, se eras solteira, casada, viuva... emfim, estou a vêr que o homem te quer fazer a côrte...

D. Emilia

Falla tanto, e tão alto, mano!

Francisco

Se te parece, ha tres annos que te não vejo!... E o rapaz como se porta!...

D. Emilia

E' por causa de seu filho que o mandei chamar. A sua existencia n'esta casa é impossivel. Tenho esgotado todos os meios da prudencia. D'antes era tratada com indifferença; agora sou insultada.

Francisco

Insultada! Onde está esse patife!...

D. Emilia

Não quero motim. Procure seu filho, e tire-o de minha casa sem desordem.

Francisco

Está segura, mana, deixa-o comigo. Elle está em casa?

D. Emilia

Não sei.

Francisco

Eu vou procural-o. Porque me não avisaste ha mais tempo? Ora isto, ora isto! (*Sahe*).

SCENA VIII

D. EMILIA, LUIZA *e depois o* MEDICO

Luiza, *com uma tigella, um guardanapo, e colher*

Trago-lhe um caldinho, minha madrinha. Faz-me o sacrificio de o tomar? O senhor doutor vem ahi.

D. Emilia

Dá cá: *(depondo-o na mesa)*. Deixa arrefecer.

Medico

Como estamos nós?... o pulso está muito fraco. (*Tomando a chavena*) Tome o caldo.

D. Emilia

Está muito quente.

Medico

Arrefece-se. (*Senta-se bascolejando o liquido com a colhér, e reparando*).

Luiza

Não lhe parece que minha madrinha está melhor?

D. Emilia

O doutor diz sempre que sim.

Luiza

Então?! não responde? (*O doutor ergue-se examinando mais attentamente o calao*) Que está a vêr? (*O doutor prova o caldo e repelle-o da bôca*).

Medico

Este caldo ferveu em invasilha de cobre?

Luiza

Não, senhor! que lembrança!

Medico

Aqui... ha veneno.

Luiza, *arrebatando-lhe a chavena*

Jesus!

D. Emilia

Veneno!

Medico, *serenamente*

Veneno, sim; mas aquelle já a não mata... A sua situação não obstante é horrivel, minha senhora. Isto é muito grave... Tem suspeitas?...

D. Emilia

Tenho. (*A Luiza*) Onde está Jorge?

Luiza

Oh meu Deus!

D. Emilia

Falla, Luiza... onde viste Jorge? debaixo de juramento t'o exijo!

Luiza, *com reluctancia*

Vi-o, ha bocadinho, accendendo um charuto ao fogão.

D. Emilia, *sorrindo*

Vê, doutor? é meu sobrinho que me envenena... Que situação! deixe-me sorrir... o extremo da desgraça tem esta expressão.

Medico

Remedio prompto, senhora D. Emilia!

SCENA IX

OS MESMOS *e* CRIADO

Criado

Apeou-se um cavalheiro d'uma sege, e pede a v. exc.ª o favor de o receber.

D. Emilia

Não conheces?

Criado

Não, minha senhora.

D. Emilia

Que situação para visitas sem familiaridade!... Que entre.

Medico, *a Luiza*

Conduza-me á cozinha... *(Sahe).*

SCENA X

D. EMILIA *e depois* BERNARDO DE MASCARENHAS

D. Emilia

Reconheço a misericordia divina na coragem que me dá! Quasi que vi com indifferença a morte de tão perto!... (*Bernardo dá alguns passos, e a distancia pára de repente, postos os olhos immoveis em D. Emilia. Ella ergue-se d'impeto, quer afastar dos olhos uma torvação, e encosta-se convulsiva ao espaldar da cadeira*).

Mascarenhas, *indo para ella um passo*

E's, Amalia! és tu?... (*D. Emilia faz-lhe um signal impetuoso de suspensão*) Não posso! Foge-me, se és uma sombra! E's tu, Amalia? (*Cahe de joelhos aos pés d'ella, que lhe foge para ir cahir prostrada no sofá fronteiro. Mascarenhas ergue-se, e segue-a lentamente*). O infame

que não teve coragem de matar-se desamparando-te, o penitente de dezenove annos, o primeiro desgraçado da terra... pede-te perdão, Amalia! (*Ergue as mãos*) Ha dez annos que os meus cabellos enbranqueceram. Olha para mim, Amalia. As lagrimas na face d'um velho são respeitaveis. Não deixes cahir sobre mim a sepultura sem me apagares, na alma, este inferno que vae continuar-se n'outra vida, Amalia! (*Ajoelha*) Amalia! perdão! perdôa-me! Eu sei que devêra ter morrido antes de me deixar prender ao cadaver d'outra mulher. Eu fui um covarde, receando um degredo, um veneno, uma morte traiçoeira que devia acceitar em desconto das tuas lagrimas. Confesso a teus pés a minha baixa alma, para que tu m'a eleves com o teu perdão, Amalia; perdôa-me, anjo de soffrimento, que me has de suavisar os meus ultimos dias! Perdôa-me! (*D. Emilia ergue-se com elle, e, soluçando um agudo gemido, cahe-lhe nos braços*).

D. Emilia

Não podia esperar outra dôr ao pé da morte. Foi a Providencia que te encaminhou aqui. Eu devo abençoar a Providencia, e... abençoar-te. Vae em paz, meu infeliz amigo. Não me contes as tuas desventuras, que eu já as ouvi da bôca d'um filho, que chorava sua mãe... sei-as, adivinho-as... Vae... vae...

Mascarenhas

Não! Encontrar-te para perder-te de novo! Oh! então a nossa Providencia seria um escarneo! Não, Amalia! O abysmo que nos separa está vencido... Agora uma só vida e morte para nós ambos. Não me repulses, ue re pelles Deus que me trouxe aqui!

D. Emilia

Vens assistir aos meus paroxismos... Olha que se morre assim... Vae, vae, por misericordia... (*Senta-se, soluçando*).

Mascarenhas, *após instantes de meditação*

Dae-me um raio de luz, Senhor! (*Rapido*) Amalia! tu tens uma filha!... (*Ella encara-o assustada*) A mulher que amava Alfredo, é minha filha!... Responde, responde, que esta incerteza leva-me a uma demencia.

D. Emiia, *suffocada*

E'.

Mascarenhas

Mostra-m'a, mostra-m'a!

D. Emilia

Vale-me, Mãe Sanctissima!... Escuta-me...

Mascarenhas

E' esta a felicidade que mata!... Amalia, deixa-me vêr nossa filha!

D. Emilia

Sim... eu chamo-a... Faz-me um juramento... Não lhe dirás que és seu pae... Aquelle anjo condemna-me pela ingratidão de lhe não chamar filha até este momento.

SCENA XI

OS MESMOS, LUIZA *e o* MEDICO

Medico, *continuando a conversação com Luiza*

Parece que o fim era o assassinio d'uma familia inteira! (*Vendo Mascarenhas*) Oh! v. exc.ª aqui! o senhor Mascarenhas em Bemfica!? (*Luiza chega-se alvoroçada para D. Emilia: os olhos de Mascarenhas seguem-na, e assustam-na. O medico fixando-os todos*) Aqui ha uma situação excepcional! (*Mascarenhas approxima-se vagamente de Luiza, e toma-lhe a mão*).

Mascarenhas

Está admirada de sentir o tremor d'esta mão?... Será amor ou odio?... Escute o que o coração lhe vae dizendo... Nada? nada?! (*Afflicção em D. Emilia*) Eu não lhe direi nada... (*A D. Emilia*) Venha cá, Luiza. (*Leva-a aos braços da mãe*) Abrace-a, abrace-a... Não sente ahi bater o coração de mãe? Crê que essas lagrimas possa choral-as uma madrinha? E agora... fuja d'esses braços de ferro que a apertam, deixe-se apertar ao meu seio; (*acompanha com acção as palavras*) não ouve, não sente, (*arrebatado*) não sentes, filha, minha filha, não sentes um coração de pae?

D. Emilia, *muito atribulada*

Jesus! (*Luiza estupefacta entre os dois*).

Mascarenhas, *a Luiza*

Então? nem uma lagrima? nem uma expansão de ju-

bilo? Rejeitas aquella mãe? não queres que o pae d'Alfredo seja teu pae, e que o amado de tua alma seja teu irmão? (*Luiza, soltando um ai, corre a ajoelhar ao pé da mãe desfallecida*). Doutor! tire-me d'aquelle lethargo... minha mulher!

Medico

Esperemos .. isto passa... (*tacteando-lhe o pulso*).

Mascarenhas

Meu amigo! auxilie-me... meu filho está alli fóra n'uma sege; chame-o. (*O doutor sahe. Mascarenhas toma a filha pela mão*) Luiza, quando tua mãe recuperar os sentidos, profere o meu nome, chama-me pae, e salvar-nos-has a ambos... Amalia, Amalia!

D. Emilia, *sacudindo os cabellos dos olhos*

Quem me chama?

Luiza

E' meu pae que a chama; é meu pae, minha querida mãe. (*D. Emilia ergue-se impetuosamente, e lança-se nos braços de Mascarenhas*).

SCENA XII

OS MESMOS, MEDICO *e* ALFREDO DE TOVAR

Mascarenhas, *com Emilia abraçada, e Luiza*

Vem cá, Alfredo. O espectaculo é de prantos abençoados por Deus. Pasmas, filho? Teu pae está sendo o

homem mais feliz da terra... Queres tambem sêl-o? Queres um amor immenso, e infinito, que se continue no céo? E' o amor de irmã. Vem cá: entrego-te este anjo para esse amor. Dou-te minha filha; é tua irmã; é filha d'esta martyr por quem viste soffrer um algoz desde que a razão te ensinou a vêr a desgraça. Luiza é tua irmã, Alfredo. Abraça-a com effusão de todo o teu amor... e se a mãe d'essa menina te merece um osculo de filho...

Alfredo, *correndo a beijar a mão de Emilia*

Minha mãe!

D. Emilia, *abraçando-os a ambos*

Meus filhos!... Agora... póde vir a morte!

SCENA XIII

OS MESMOS, FRANCISCO DE SÁ *e* JORGE DE SÁ

Francisco de Sá, *espantado*

Eu conheço este cavalheiro!... (*a Mascarenhas*).

Mascarenhas

Bernardo de Mascarenhas, antigo amigo do senhor Francisco de Sá, e ámanhã o marido de sua irmã.

Francisco

Sempre me pareceu que vinham a isto! Minha irmã acho que o namorava desde 828! E' bem certo o dictado do casamento e mortalha que no céo se talha. Pois, senhor, eu sinto muito vir interromper estas ale-

grias de noivos com uma scena feia e triste. Venha cá, Jorge! Ajoelhe aqui aos pés de sua tia. Já! *(impellindo-o)* quando não espedaço-o! Peça perdão, de modo que todos ouçam!

Mascarenhas, *erguendo-o*

Eu perdôo, em nome d'ella, quaesquer que sejam as culpas. A misericordia do Senhor desceu hoje sobre todos nós.

Alfredo

E é preciso que desça. Entre nós está um homem muito desgraçado, e é preciso que elle seja feliz. Jorge de Sá póde rehabilitar-se com o dinheiro n'esta sociedade, onde o dinheiro é o Jordão que lava todas as nodoas. Minha mãe e irmã não carecem dos bens que possuem para serem felizes.

Mascarenhas

Eu renuncio os bens de minha mulher em favor de seu sobrinho.

Dou-lh'os com uma condição. Ha de julgal-os sempre herança d'uma tia morta com veneno.

Vozes

Veneno!

D. Emilia

Isto são palavras sem significação. Eu quiz dizer que nunca mais acceitarei na minha presença esse homem.

SCENA ULTIMA

OS MESMOS,
UM CRIADO *e o* CONSELHEIRO NOBREGA

Criado

O senhor conselheiro Nobrega.

Conselheiro, *entrando, com grande pasmo, a D. Emilia*

Eu vinha prevenil-a, minha senhora... Mas... acho que já não é preciso... (*Rindo*).

FIM

INDICE

INDICE

I Poesia e dinheiro, drama em 2 actos..... 9
II Justiça, drama em 2 actos..... 63
III Espinhos e flores, drama original..... 123
IV Purgatorio e Paraizo, drama em 3 actos..... 181

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

HISTORIA DA CIVILISAÇÃO IBERICA, 4.ª ed. (1897), 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900.

HISTORIA DE PORTUGAL, 6.ª ed. (1901), 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800.

O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS, 4.ª ed. (1888), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.

PORTUGAL CONTEMPORANEO, 4.ª ed. (1907), 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.

PORTUGAL NOS MARES, (1889), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.

CAMÕES, OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL (1891), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.

NAVEGACIONES Y DESCUBRIMIENTOS DE LOS PORTUGUESES *(ed. do Ateneo de Madrid*, 1892), 1 vol. (não entrou no commercio.)

A VIDA DE NUN'ALVARES, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 2$000 rs. Cart. 2$400. Enc. (folhas doiradas) 3$200.

OS FILHOS DE D. JOÃO I, 2.ª ed., 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.

O PRINCIPE PERFEITO, (1895) 1 vol., br. 2$000 rs. Encad., folhas doiradas, 3$200

II. Historia geral:

ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA, 4.ª ed. (1895), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.

AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILISAÇÃO PRIMITIVA, 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.

SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 2.ª ed. (1895) 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1$000.

QUADRO DAS INSTITUIÇÕES PRIMITIVAS, 2.ª ed. (1893) 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.

O REGIME DAS RIQUEZAS, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.

HISTORIA DA REPUBLICA ROMANA, 2.ª ed., 1897, 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.

O HELLENISMO E A CIVILISAÇÃO CHRISTÃ, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000.

TABOAS DE CHRONOLOGIA E GEOGRAPHIA HISTORICA, (1884), 1 vol., br. 1$000 rs. En. cadernado 1$200.

III. Varia:

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.

A REORGANISAÇÃO DO BANCO DE PORTUGAL, *opusculo*, (1877) br. 150 rs.

O ARTIGO «BANCO» no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877), 1 vol., br 500 rs.

POLITICA E ECONOMIA NACIONAL, (1885), 1 vol., br. 700 rs.

PROJECTO DE LEI DE FOMENTO RURAL, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol., br. 300 rs.

ELOGIO HISTORICO DE ANSELMO J. BRAAMCAMP, *ed. part.* (1886), 1 vol. (esgotado).

THEOPHILO BRAGA E O CANCIONEIRO, *opusculo*, (1869) esgotado.

O SOCIALISMO, (1872-3), 2 vol., br. 1$200. (Esgotado)

AS ELEIÇÕES, *opusculo*, (1878), br. 200 rs.

CARTEIRA DE UM JORNALISTA: I. *Portugal em Africa*, (1891), 1 vol., br. 400 rs.

A INGLATERRA DE HOJE, CARTAS DE UM VIAJANTE, 2.ª ed., (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.

CARTAS PENINSULARES, (1895), 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Parceria A. M. Pereira — Livraria editora

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA

Obras de JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Nova grammatica elementar da lingua portugueza, redigida segundo as theorias modernas, e contendo quadros synopticos muito uteis, cart. 160 réis.

Compendio de arithmetica e systema metrico, 29.ª edição, contendo 29 gravuras e mais de 2.000 exercicios e problemas, reformado segundo os actuaes programmas, br. 200 réis, cart. 280 réis.

Resumo de arithmetica e systema metrico, 5.ª edição, muito augmentada e contendo 13 gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 100 réis, cart. 180 réis.

Dois mil exercicios e problemas de arithmetica e systema metrico, abrangendo os programmas do ensino elementar e complementar, em br. 160 rs., cart. 240 rs.

Compendio de historia patria, 13.ª edição, reformada, e contendo no fim uma noticia resumida dos factos principaes de cada reinado, br. 160 réis, cart. 240 réis.

Compendio de historia sagrada, 2.ª edição, illustrada com muitas gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 160 réis, cart, 240 rs.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos. — 1.ª parte, 10.ª edição, muito augmentada, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 7 a 9 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo para premios e brindes, 360 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos.—2.ª parte, 6.ª edição, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 10 a 12 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas, obra adoptada para o ensino official primario, 300 réis, cart.

Historias de animaes, sua vida, costumes, anecdotas, fabulas, etc. — noções amenas de zoologia para creanças — lições sobre objectos, 3 volumes, obra interessantissima, ornada com 400 gravuras e vinhetas, br. 200 réis cada volume, cart. 280 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 400 réis.

Os contos da avózinha, collecção illustrada de historias, lendas, fabulas e contos, com 300 gravuras, 3 volumes, br. 160 réis, cart. 240 réis, com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis cada volume.

Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria-editora

Rua Augusta, 50 a 54 — LISBOA

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSAVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

Engenheiro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissimo, especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenheria nos seus differentes ramos; 3.ª edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispensavel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas. — Preço 800 réis br., 1$000 réis enc.

Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br. 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 558 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—8.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão—Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as construir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas d alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.ª edição. Preço 600 réis br., 800 réis enc.

Manual de noções elementares de technologia, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos: 2.ª Edição. — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Materias textis. — Metaes. Construcções. Adornado de muitas gravuras explicativas. Preço 500 réis br., 700 réis enc.

PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
OFFICINAS
TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
MOVIDAS A ELECTRICIDADE
44 a 54 - Rua Augusta - 44 a 54
LISBOA